
MARINA BILIG DE AGUIAR

O CONCEITO DE ANGÚSTIA NA TEORIA FREUDIANA: DESENVOLVIMENTO E
PROBLEMATIZAÇÃO

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fátima Siqueira Caropreso

Juiz de Fora
2016

MARINA BILIG DE AGUIAR

**O CONCEITO DE ANGÚSTIA NA TEORIA FREUDIANA: DESENVOLVIMENTO E
PROBLEMATIZAÇÃO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como pré-requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia por Marina Bilig de Aguiar.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fátima Siqueira Caropreso.

Juiz de Fora

2016

TERMO DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida e aprovada em 01 de fevereiro de dois mil e dezesseis, pela banca constituída por:

Presidente: Prof. Dr. Saulo de Freitas Araújo (UFJF)

Titular: Prof. Dr. Wilson Camilo Chaves (UFSJ)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fátima Siqueira Caropreso (UFJF)

Juiz de Fora

2016

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - A ANGÚSTIA NOS TEXTOS FREUDIANOS ATÉ 1900.....	6
1.1 - A angústia como transformação da energia sexual.....	6
1.2 - O afeto como resíduo de uma vivência dolorosa e como sinal.....	16
1.3 - A angústia em <i>A Interpretação dos Sonhos</i>	24
CAPÍTULO 2 - A ANGÚSTIA NO CASO DO PEQUENO HANS.....	43
CAPÍTULO 3 - A ANGÚSTIA NO PERÍODO DE 1915 A 1920.....	59
3.1 - Afeto e angústia em <i>Repressão e O Inconsciente</i>	59
3.2 - A angústia na <i>Conferência XXV</i>	67
3.3 - A angústia em <i>Além do Princípio do Prazer</i>	76
CAPÍTULO 4 - A ANGÚSTIA NA ETAPA FINAL.....	80
4.1 – A angústia na segunda teoria do aparelho psíquico.....	80
4.2 – As últimas formulações de Freud sobre a angústia.....	85
CONCLUSÃO.....	120
REFERÊNCIAS.....	124

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o conceito freudiano de angústia e discutir em que medida as hipóteses sobre a angústia apresentadas a partir de 1926 representam uma novidade na teoria. A hipótese mais difundida entre os intérpretes de Freud é a de que ele formulou duas teorias sobre a angústia. Na primeira, esta é concebida como transformação da energia sexual que não pôde ser adequadamente descarregada. Na segunda, ganha ênfase a ideia da angústia como reação a um perigo. Entretanto, há autores que defendem três momentos relativos a essa teoria. Nesse sentido, seria possível observar, já nas primeiras formulações de Freud, a ideia de um sinal, que atua para impedir um desprazer ainda maior, no aparelho psíquico. Este sinal resultaria da ativação de um traço mnêmico, que se constituiria diante de uma experiência dolorosa de origem externa. Encontramos, assim, na etapa inicial da teoria freudiana, a ideia de um afeto compreendido como reação a um perigo externo. Contudo, estas reflexões são apresentadas mais clara e profundamente ao fim de sua obra, em *Inibição, Sintomas e Angústia* (1926).

Palavras-chave: psicanálise; Freud; angústia; afeto; neurose.

ABSTRACT

This work has the purpose to analyze the Freudian concept of anxiety and discuss in what extent the hypothesis on anxiety provided from 1926 represent a novelty in the theory. The most widespread hypothesis among Freud`s interpreters is that he had formulated two theories about anxiety. At the first one, the anxiety is conceived like a sexual energy transformation that could not be adequately discharged. At the second, it is emphasized the idea of anxiety as a reaction to danger. However, there are authors who defend three moments in the anxiety theory. Therefore, it is possible to observe within the early Freudian formulations the idea of a signal that acts to prevent an even greater displeasure in the psychic apparatus. This signal would result from the activation of a mnemonic trace, which would be due to a painful experience of external origin. Thereby, it can be found at the initial stage of the Freudian theory the idea of an affect understood as a reaction to an external danger. Nevertheless, these considerations are presented more clearly and profoundly at the end of his work, at *Inhibition, Symptom and Anxiety* (1926).

Key-words: psychoanalysis; Freud; anxiety; affect; neurosis.

INTRODUÇÃO

A reflexão freudiana acerca da angústia se encontra presente desde as cartas trocadas entre Freud e Fliess – escritas nos anos de 1892 a 1899 e publicadas em 1950 – até as *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1933). Dentre os comentadores e demais intérpretes de Freud e, como comumente pode ser observado na literatura mais difundida, há aqueles que defendem a existência de dois momentos na teoria da angústia, como é o caso de Jean Laplanche (1980/1987), Telles (2003) e Neto e Martinez (2002). Em contrapartida, há também os que identificam três momentos nessa teorização, como Humberto Nagera (1970/1990) e André Green (1973/1982).

Nas primeiras formulações de Freud já encontramos o afeto de angústia definido como reação à incapacidade do aparelho psíquico de lidar com um perigo externo. No entanto, a concepção de angústia que prevalece nesse período inicial é a de um resultado da transformação da libido não descarregada, ou seja, a angústia é concebida como uma consequência do acúmulo de excitação somática de natureza sexual. Assim, é possível observar que já nesse momento inicial da teoria freudiana estão presentes duas concepções de angústia: angústia como transformação da energia sexual; e a angústia como reação a um perigo de origem externa. Nos anos posteriores, Freud desenvolve a noção da angústia como posterior à repressão e continua a concebendo como resultado da transformação da libido. No ano de 1923, em *O Eu e o Id*, Freud enfatiza a noção do Eu como a sede da angústia. Em 1926, ao afirmar que a posição angustiada do Eu seria o elemento primário e instigador da repressão, ele declara que a angústia jamais poderia se originar da libido reprimida. Segundo Freud, a partir da hipótese de que o Eu é o lugar da angústia, foi possível atribuir a ele a função de produzir a angústia, atuando, assim, como um sinal diante de uma situação de perigo. Ainda neste período, Freud aborda o nascimento como a primeira vivência individual de angústia (angústia primária). Esta angústia primária foi compreendida como uma situação traumática, cujo perigo se refere à conservação da vida. De acordo com Nagera (1970/1990), que defende três momentos sobre a teorização da angústia, foi no modelo estrutural das funções mentais que Freud deixou de considerar a maior parte de sua hipótese anterior, passando a adotar o modelo de angústia como sinal.

Historicamente, Nagera afirma que é possível observar três fases principais no desenvolvimento freudiano das concepções sobre a angústia. De acordo com o autor, na primeira delas, a angústia é concebida como resultante da transformação da libido não

descarregada. Entretanto, em textos desse período, como no *Projeto de uma Psicologia* (1950), *A Interpretação dos Sonhos* (1900) e em *O Inconsciente* (1915), é possível identificar a presença da ideia de uma libertação de desprazer, entendida como angústia, que atua como um sinal para impedir um desprazer ainda maior. Ainda nessa fase inicial, Nagera destaca a aderência de Freud ao postulado de Fechner sobre o “princípio de constância”, que pressupõe uma tendência do sistema nervoso em manter a quantidade de excitação nele o mais baixa possível ou, pelo menos, constante. Nesse sentido, Freud foi levado a crer que havendo alguma interferência na descarga de tensão sexual ocorreria a angústia, considerando que ela (angústia) seria uma saída para a excitação acumulada. Essa ideia da angústia como sinal foi desenvolvida com maior profundidade no segundo momento da teorização da angústia com *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), após a elaboração e publicação da teoria estrutural em 1923. De acordo com Nagera, ainda nessa fase, Freud mantinha um remanescente da teoria anterior (conversão da libido em angústia) relacionada à neurose de angústia. Contudo, essa ideia foi rejeitada inteiramente no terceiro momento, no qual houve uma completa aceitação da hipótese da angústia-sinal. Isso se deu mais precisamente em uma passagem das *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1933), em que Freud afirmou que mesmo na neurose de angústia, o surgimento da angústia consistia na reação a uma situação traumática. Diante disso, portanto, Nagera afirma que Freud deixou de defender a hipótese de que a libido se transformava em angústia, passando a argumentar que esta (angústia) correspondia a uma função do Eu.

Ao analisar a evolução da concepção da angústia ao longo da obra freudiana, Green (1973/1982) discute três períodos fundamentais. O primeiro deles diz respeito aos anos de 1893 a 1895 e compreende a neurose de angústia e sua relação com a vida sexual. O segundo, 1909-1917, envolve a relação entre a angústia e a libido reprimida. Nessa fase, a repressão é entendida de forma inseparável da situação de perigo e como a causa da transformação da libido em angústia. O autor defende que nesse segundo período, a teoria da angústia permaneceu mais econômica do que simbólica, tendo a angústia aparecido mais como uma consequência do processo de repressão do que a sua causa. A última etapa corresponde aos anos de 1926 a 1932. Segundo Green, embora no texto de 1926 (*Inibição, Sintoma e Angústia*) sejam retomados dados anteriores referentes ao desenvolvimento do conceito da angústia, esta obra em si apresenta a última elaboração freudiana sobre a teoria do afeto. Entretanto, segundo o comentador, o que é essencial nessa teorização é exposto somente na *Conferência XXXII* (1933). Nesse período final, o autor destaca que o processo de repressão é

posterior à angústia, que a ameaça interna a desencadeia e que esta angústia, portanto, aciona a repressão. A partir disso, ele salienta que a angústia possui um papel antecipador frente a uma ameaça. Ademais, ao ressaltar a hipótese de que a angústia consiste na evocação de uma situação antiga de perigo pelo Eu, ele afirma que disso resultaria a necessidade de reprimir (de aniquilar a exigência pulsional). Sendo assim, o Eu desinvestiria sua representação e liberaria desprazer ao se antecipar à satisfação exigida e considerada ameaçadora. De acordo com a análise de Green, durante toda a sua obra, Freud manteve a tese de que a significação do afeto estaria ligada à função da memória, considerando que o afeto seria capaz de evocar a repetição de um acontecimento importante e significativo.

Não obstante, Laplanche é um dos autores que defende duas teorias da angústia. Para o autor, a primeira delas teve sua estruturação entre os anos de 1895 a 1900 e pode ser considerada uma teoria econômica, em que a angústia foi compreendida como uma energia sexual não elaborada que se descarregava de forma relativamente anárquica. O autor afirma que essa teorização se referia às neuroses atuais. Ainda nesse primeiro momento teórico, ele considera que a angústia consistia também em uma libido desligada de suas representações por meio da repressão. Esse processo relativo à angústia, por sua vez, seria encontrado nas neuroses de transferência. Quanto à segunda teoria, Laplanche afirma que ela é apresentada no artigo de 1926, *Inibição, Sintoma e Angústia*. Por acreditar na complexidade da formulação freudiana existente neste trabalho, ele apresenta em seu comentário alguns apontamentos acerca da obra. Dentre eles, o autor ressalta a ideia do perigo, em que a angústia é entendida como uma reação e preparação para o perigo; a outra noção enfatizada é a do Eu como o lugar (a sede) da angústia e, ao mesmo tempo, a sua causa no sentido de repeti-la por si mesmo como um sinal. Em meio a este contexto, a teoria econômica, tão evidente e presente no primeiro momento da teorização da angústia, parece ter sido abandonada parcialmente, porém, segundo o comentador, essa segunda teorização não extinguiu a primeira, mas veio somente limitá-la, sendo, contudo, conciliável com ela. Laplanche considera a segunda teoria da angústia mais funcional que a primeira, justificando, para tanto, que nessa etapa Freud se ateve mais em descobrir uma função (uma utilidade) para a angústia. Atribui ainda a esse segundo período a característica de uma teoria histórica, à medida que a angústia consiste em um sinal ou símbolo que se encontra ligado às vivências angustiantes que se repetem ao longo da vida do sujeito (Laplanche, 1980/1998).

Telles (2003), assim como Neto e Martinez (2002) são dois outros autores que defendem a existência de duas etapas na teorização da angústia. Segundo Telles, *Inibição,*

Sintoma e Angústia (1926) representa uma virada na obra de Freud, o que implicou em uma alteração de suas formulações teóricas, no sentido de que foi neste trabalho que Freud defendeu a angústia como um sinal e realizou uma oposição entre essa hipótese central e a angústia automática. Segundo o entendimento do autor, é nesse período que Freud vai renunciando sistematicamente a teoria de 1917 e adotando o novo modelo teórico da angústia de 1926. Assim como Laplanche, Neto e Martinez comentam que no primeiro momento da teoria da angústia, esta seria concebida como o resultado da libido transformada. Já na segunda etapa dessa teorização, em que a angústia é entendida como um sinal e uma reação a um perigo, os autores destacam que a ênfase recai sobre o Eu.

Ao examinarem detalhadamente a teoria da angústia em Freud, sobretudo desde os manuscritos até à *Conferência XXXII* (1933), Bianchedi, Boschan, Cortiñas & Piccolo (1998) defendem que não seria possível distinguir claramente duas teorias da angústia da mesma forma que os seguidores de Freud diferenciam. Os autores apontam que é possível notar, primeiramente, que a explicação freudiana é basicamente biológica e mecanicista e que a ênfase recai sobre outros pontos à medida que a sua teoria psicanalítica se consolida e a sua experiência clínica aumenta. Assim, a noção de uma conversão energética e a consequente transformação da libido em angústia evolui em direção ao problema da situação traumática e da situação de perigo. A angústia obtém, então, a função de um sinal, o que evidencia a sua relação com a nova hipótese estrutural freudiana, da qual o Eu não somente é a sede da angústia, mas também o seu produtor.

O presente estudo tem por objetivo analisar e caracterizar as hipóteses freudianas acerca da angústia, no intuito de investigar o desenvolvimento deste conceito ao longo da obra de Freud, bem como esclarecer a relação entre as concepções da angústia e do afeto. Ademais, este trabalho buscou discutir em que medida é possível diferenciar dois momentos na teorização da angústia.

A pesquisa foi baseada na epistemologia da psicanálise, proposta por Monzani (1990), a partir da concepção de epistemologia do filósofo Gerard Lebrun. De acordo com essa metodologia, cada domínio científico tem seu contorno e especificidade próprios, não sendo útil a instauração de um ideal unitário de ciência. O trabalho epistemológico visa, assim, conferir a um discurso que se pretende científico o estatuto de um texto e tratá-lo como uma rede de significados, a ser comentada e explicitada. Consiste, portanto, em uma análise interna do pensamento freudiano tendo em vista explicitar o desenvolvimento das hipóteses, a

articulação das teses entre si e a discussão do seu significado, realizando um estudo e análise de fonte primária.

Tendo esses objetivos em vista, o trabalho se estrutura em quatro capítulos. No primeiro capítulo é investigado como a angústia aparece no início da obra freudiana e sua relação com o afeto. Para tanto, são analisados os seguintes textos: *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia* (1895), *Obsessões e Fobias: seu Mecanismo Psíquico e sua Etiologia* (1895), *A Sexualidade na Etiologia das Neuroses* (1895), *Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess* (1950), *Projeto de uma Psicologia* (1950) e *A Interpretação dos Sonhos* (1900). O segundo capítulo discute a angústia em relação ao processo de repressão, a partir do texto *Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos* (1909). O terceiro capítulo aborda como a angústia é pensada entre os anos de 1915 e 1920, a partir da análise dos textos *O Inconsciente* (1915), *Repressão* (1915), *Conferência XXV: a Angústia* (1917) e *Além do Princípio do Prazer* (1920). Nesse capítulo, discute-se o processo da repressão e sua relação com a angústia, assim como a relação do afeto com o inconsciente. O quarto capítulo abrange a etapa final da obra de Freud. Nele são examinados os textos *O Eu e o Id* (1923), *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) e a *Conferência XXXII: Ansiedade e Vida Instintual* (1933). Nessa parte da pesquisa, é discutido como a angústia é pensada após a elaboração do modelo estrutural de 1923, assim como a forma com a qual Freud aborda o remanescente do conceito da angústia advindo do início de suas formulações teóricas face à hipótese enfatizada no ano de 1926 da angústia-sinal e sua relação com o nascimento. Na comunicação de 1933, é apresentado o abandono da hipótese de uma conversão libidinal em angústia e a adoção, de fato, do modelo da angústia enquanto sinal. Por fim, na conclusão, discutimos se Freud teria formulado uma nova teoria sobre a angústia ou se, por outro lado, tratar-se-ia de uma ênfase em uma ideia que já se encontra presente desde os primórdios de seu pensamento.

CAPÍTULO 1 - A ANGÚSTIA NOS TEXTOS FREUDIANOS ATÉ 1900

1.1 - A angústia como transformação da energia sexual

Desde o início da obra freudiana e durante todo seu percurso é possível observar uma tentativa de conceituar a angústia. A partir das correspondências de Freud a Fliess, essa tentativa está relacionada à construção de um quadro etiológico para a neurose de angústia, chegando até a sua última elaboração, referente a esse afeto, presente em *Inibição, Sintoma e Angústia*, texto de 1926.

No *Rascunho A*, escrito entre 1892 e 1899 e publicado no ano de 1950, dos *Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess*, Freud levanta alguns problemas acerca da etiologia da neurose de angústia e, posteriormente, algumas teses, de modo a definir não somente um grupo de observações, como também quatro fatores etiológicos para esse tipo de neurose. Dentre esses, estão o esgotamento devido às formas de satisfação anormais, a inibição da função sexual, afetos concomitantes a essas práticas e os traumas sexuais anteriores ao início da idade da compreensão. No *Rascunho E: Como se Origina a Angústia* (1950)¹, Freud correlaciona a neurose de angústia à tensão sexual, como vinha fazendo até então. Ele destaca tanto a abstinência – como um aspecto comum e de maior frequência dentre seus casos clínicos –, quanto a não descarga da tensão sexual física. A neurose de angústia, dessa forma, surgiria como consequência do acúmulo de excitação física sexual. Para a explicação de sua incidência, argumenta que quando essa tensão atinge certo limiar seria despertado o afeto psíquico. Entretanto, a conexão psíquica oferecida não se apresentaria como suficiente e, como consequência, não haveria a formação do afeto sexual, ficando, assim, a tensão sexual física sem uma ligação psíquica. Com isso, se daria a transformação dessa mesma tensão em angústia.

Ao analisar a primeira década da produção teórica freudiana, Campos (2004) comenta que a angústia aparece se referindo a uma psicopatologia particular, denominada neurose de angústia. A noção de angústia, para o autor, se mostra circunscrita no primeiro esforço de sistematização nosográfica empregado por Freud e que culminará na diferenciação das

¹ O *Rascunho E* também foi escrito entre os anos de 1892 e 1899 e publicado em 1950.

neuroses atuais, de um lado, e nas neuropsicoses de defesa, de outro. De acordo com Campos, o mecanismo da neurose de angústia constituirá um primeiro modelo de abordagem da angústia, “[...] o qual pode ser sintetizado na articulação entre uma *angústia inscrita no corpo* e a *insuficiência de elaboração psíquica*.” (pp. 88) Esse modelo parece incipiente do ponto de vista teórico e deixou ambiguidades no que se refere à diferenciação do que seria a angústia da neurose de angústia e a angústia das neuropsicoses de defesa. Também deixa dúvida no que diz respeito ao mecanismo responsável pela impossibilidade de representação psíquica em relação à excitação somática sexual das neuroses atuais.

No intuito de prosseguir com a análise das hipóteses e conceituações freudianas acerca da angústia, a investigação proposta nesse trabalho iniciará com o artigo *Obsessões e Fobias: seu Mecanismo Psíquico e Sua Etiologia* (1895). Nesse texto, Freud propõe a diferenciação entre as obsessões e as fobias, assim como a distinção de dois tipos de fobias quanto à natureza do objeto temido.

Freud argumenta que, nas obsessões, é possível encontrar dois correspondentes: uma representação que se impõe ao paciente e um estado emocional associado. Nas fobias, o estado emocional existente é sempre o da angústia, o de medo, enquanto que nas obsessões verdadeiras não só o indivíduo pode ser acometido pelo estado emocional supracitado, como também pela dúvida, remorso ou, até mesmo, raiva. Ele comenta que as fobias são mais monótonas e típicas, ao passo que as obsessões são mais variadas e especializadas. A partir dessa descrição da fobia, pode-se perceber a correspondência estabelecida entre angústia e o medo. Freud trata também, nesse texto, do mecanismo que diferencia as fobias das obsessões (Freud, 1895/1976).

Freud inicia o artigo supracitado afirmando que as obsessões e as fobias não se encontram incluídas na neurastenia, além de não poderem ser compreendidas como degeneração mental. Considera, assim, tanto as obsessões quanto as fobias, neuroses distintas, com mecanismo e etiologia específicos. Ao trabalhar analiticamente essas neuroses, ressalta ainda que é possível diferenciar dois tipos de fobias quanto à natureza do objeto temido: as fobias comuns e as contingentes. As primeiras apresentariam um medo exagerado de coisas que geralmente e, em certa medida, são detestáveis ou temidas pelos indivíduos, como é o caso do medo da noite, da solidão, da morte, de doenças, de cobras, de perigos em geral, etc. As contingentes teriam como característica central o medo de condições especiais que não

inspiram medo ao homem normal. A agorafobia e outras fobias de locomoção são exemplos de fobias contingentes (Freud, 1895/1976).

O mecanismo das fobias se diferencia das obsessões, na medida em que a substituição não é um traço predominante no primeiro tipo de neurose. Assim, Freud comenta que a análise psicológica não revela, nos fóbicos, nenhuma representação incompatível substituída, sendo que nesses indivíduos não é possível encontrar nada além da angústia. A esse tipo de emoção, ele atribui uma espécie de processo seletivo, pelo qual seria possível trazer à tona todas as representações adequadas para se tornarem alvo de uma fobia. Com relação ao exemplo da agorafobia, Freud menciona o fato de o paciente se recordar frequentemente de um ataque de angústia e temer a ocorrência do mesmo em determinadas situações, nas quais acredita não poder escapar (Freud, 1895/1976).

Ainda em *Obsessões e Fobias: seu Mecanismo Psíquico e sua Etiologia* (1895), Freud comenta que as fobias fazem parte da neurose de angústia, cujo principal sintoma, por sua vez, é a angústia, como abordado anteriormente. Quanto à origem da neurose de angústia, ele destaca que esta é sexual, mas que, no entanto, suas representações não são extraídas da vida sexual do paciente, não havendo nesse tipo de neurose especial qualquer mecanismo psíquico (Freud, 1895/1976).

Como esclarece James Strachey no texto *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia* (1895), Freud distingue a neurose de angústia da neurastenia, com a enumeração de muitos de seus sintomas, embora não apresente uma indicação da etiologia mais profunda dessa neurose (Strachey, 1895/1976).

No artigo em análise, é discutido ainda sobre os sintomas do quadro clínico da neurose de angústia, bem como os casos em que homens e mulheres são acometidos pela doença. É importante ressaltar que, pela primeira vez, Freud comenta sobre uma deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica e o consequente emprego anormal dessa excitação. Além de ser pertinente observar também uma possível problemática no tocante à definição do afeto de angústia, quando ele se questiona sobre como o sistema nervoso lida com condições em que há insuficiência psíquica para manejar a excitação sexual (Freud, 1895/1976).

Campos assinala que a distinção entre a neurastenia e neurose de angústia no campo das neuroses atuais se faz necessária. Segundo ele, em primeiro lugar, a classificação das neuroses

atuais aponta para uma exclusão da esfera da psicanálise, na medida em que sua etiologia seria sexual, de um emprego inadequado da excitação sexual. Com isso, as neuroses atuais não se constituem como um conflito defensivo. O autor argumenta que essa seria uma proposição parcialmente válida, “[...] pois contribuições importantes para o entendimento de mecanismos gerais do psiquismo são retiradas desses quadros. Um deles é a compreensão da relação entre a excitação sexual somática e a dinâmica psíquica. O outro é a origem do afeto de angústia.” (Campos, 2004, pp. 93) Considerando esse último aspecto relativo à origem do afeto de angústia, Campos ressalta uma justificativa para a necessidade de se destacar da neurastenia a neurose de angústia. Para ele, a neurose de angústia revelaria que os sintomas da angústia possuiriam uma etiologia específica e uniforme de natureza sexual. Isso permite dizer que a neurose de angústia corresponderia a um modelo para a compreensão da angústia, principalmente no sentido de demarcar a origem sexual deste afeto. De acordo com o autor, Freud reinterpretou a neurastenia, que antes era considerada como uma degeneração nervosa, se referindo a ela, depois, como uma economia insatisfatória de energia sexual. Quanto à neurose de angústia, Campos ressalta que foi um termo empregado por Freud para distinguir um quadro sintomatológico que se confundia com a neurastenia e com a histeria de conversão. De um modo geral, Campos destacou outra característica quanto a essa enfermidade: tratava-se de uma excitação somática acumulada de origem sexual, em que não havia origem psíquica para a angústia, o que quer dizer que a excitação não era desvinculada da representação por processo defensivo.

É interessante ressaltar ainda o que Strachey comenta sobre a libido em suas notas preliminares ao artigo *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia* (1895). A libido, segundo sua observação, é vista como algo exclusivamente “psíquico”, embora até então não pareça ter ocorrido uma diferenciação clara entre o que seria “psíquico” e “consciente” na produção freudiana. Contudo, Strachey destaca que na sinopse do texto, escrita pelo próprio Freud dois anos após esse texto de 1895, ele coloca a libido como potencialmente inconsciente, o que pode ser notado em sua asserção de que a angústia neurótica é a libido sexual transformada (Strachey, 1895/1976).

Ao comentar sobre os sintomas que o quadro clínico da neurose de angústia abrange, destacou-se: a irritabilidade geral, que é um sintoma nervoso comum, aparecendo invariavelmente na neurose de angústia, na qual o acúmulo de excitação ou incapacidade de tolerar tal acúmulo (acúmulo absoluto ou relativo de estímulos) são características da

irritabilidade aumentada; outro sintoma é a expectativa angustiada, sobre a qual Freud afirma que ao esmaecer, essa expectativa vai se transformando em angústia normal que, por sua vez, compreenderia a angústia, que é uma tendência à adoção de uma visão pessimista das coisas; o ataque de angústia seria outro sintoma, cuja ocorrência se dá por uma irrupção da angústia, podendo ter ocorrido sem mesmo ter sido despertada por certa sequência de representações. Segundo Freud, o ataque de angústia pode consistir apenas no sentimento de angústia, sem que haja uma representação associada, ou pode ainda vir acompanhado de uma representação que estiver mais ao alcance do paciente, como uma representação de extinção da vida, ou de um acesso, ou de uma ameaça de loucura; ou ainda algum tipo de parestesia. Contudo, Freud reúne nesse trabalho as formas de ataques de angústia reconhecidas até então: aqueles acompanhados de atividade cardíaca (palpitações, arritmia transitória ou taquicardia de duração longa); ataques de angústia acompanhados por distúrbios respiratórios; acessos de suor, de tremores ou calafrios, de fome devoradora (frequentemente acompanhados de vertigem), diarreia, também acessos de vertigem locomotora, congestões, parestesias e *pavor nocturnos* dos adultos (acordar em pânico a noite). Sobre a expectativa angustiada, ele afirma: “a expectativa angustiada é o sintoma nuclear da neurose; nela, também, aflora livremente um fragmento da teoria desta última. Talvez possa se dizer que aqui está presente um *quantum de angústia em estado de livre flutuação*, que, em vista da expectativa, rege a seleção das representações e está sempre pronto a ligar-se com qualquer conteúdo representativo adequado.” (Freud, 1895/1976, pp. 94)

No texto, são ilustrados também os casos em que mulheres e homens são acometidos pela neurose de angústia. Em ambos os sexos, Freud faz uma ressalva quanto ao desenvolvimento dessa afecção, cujo acometimento pode ocorrer somente em homens potentes e mulheres que não são anestésicas (que não são impotentes) (Freud, 1895/1976).

Segundo Uribe, a enfermidade da neurose de angústia teria uma influência sobre a vida psíquica do paciente de maneira bem regular, de modo que alguns acometimentos como a expectativa angustiada, as fobias e hiperestesia à dor se encontravam dentro dessas manifestações regulares – “é uma neurose atual porque sua etiologia é puramente física.” (Uribe, 2008, pp. 74)

É importante ressaltar ainda nesse texto de 1895, mais especificamente na parte *III, Primeiros Passos em Direção a uma Teoria da Neurose de Angústia*, que, pela primeira vez em sua obra, Freud comenta sobre uma deflexão da excitação sexual somática da esfera

psíquica e sobre o consequente emprego anormal dessa excitação. Através de suas observações, ele verificou que a neurose de angústia é acompanhada por um decréscimo extremamente acentuado da libido sexual ou desejo psíquico. Segundo ele, a angústia corresponde a um acúmulo de excitação somática de natureza sexual, que se encontra acompanhada de um decréscimo da participação psíquica nos processos sexuais (Freud, 1895/1976).

É válido ressaltar ainda a distinção, proposta por Freud, entre a neurastenia genuína e a neurose de angústia no tocante aos processos sexuais. Segundo ele, a neurastenia ocorre sempre que uma descarga adequada (ação adequada) é substituída por uma menos adequada – um exemplo seria quando o coito normal, praticado em condições favoráveis, é substituído pela masturbação ou emissão espontânea. A neurose de angústia, por sua vez, consistiria no resultado de todos os fatores que impedem a excitação sexual somática de ser psiquicamente elaborada. Dessa forma, afirma que as manifestações somáticas da neurose de angústia aparecem quando a excitação somática que foi desviada da psique é subcorticalmente despendida em reações totalmente inadequadas (Freud, 1895/1976). Nesse sentido, é pertinente destacar a passagem abaixo:

Ainda se poderia perguntar: Por que o sistema nervoso, sob essas circunstâncias de uma insuficiência psíquica para dominar a excitação sexual, cai em peculiar estado afetivo de *angústia*? Cabe responder, a modo de sugestão: A psique cai no *afeto* da angústia quando se sente incapaz de tramitar, mediante a reação correspondente, uma tarefa (um perigo) *vindo de fora*; cai na neurose de angústia quando se nota incapaz de reequilibrar a excitação (sexual) *endógena*. *Se comporta então como se ela projetasse a excitação para fora*. O afeto, e a neurose a ela correspondente, se situam em um estreito vínculo recíproco; o primeiro é uma reação ante uma excitação exógena, e a segunda, uma reação ante uma excitação endógena análoga. O afeto é um estado extremo passageiro, enquanto que a neurose é crônica; isto se deve ao fato de que a excitação exógena atua como um só golpe, e a endógena como uma força constante. *O sistema nervoso reage na neurose ante uma força interna de excitação, como no afeto correspondente o faz ante uma força externa análoga*. (Freud, 1895/1976, pp. 111-112)

A partir desta citação, é possível observar que Freud define o afeto de angústia como uma reação à sensação de incapacidade de lidar com um perigo externo. A neurose de angústia, por sua vez, surgiria como uma reação a uma excitação endógena. Diante da incapacidade de equilibrar essa excitação sexual vinda de dentro, a mesma seria projetada para fora. A partir das considerações anteriores de Freud, sabemos que essa excitação

endógena, que produz a angústia é a excitação sexual que não pôde ser adequadamente descarregada, ou que não encontrou descarga no campo psíquico, como comenta Strachey (1895/1976) em suas notas preliminares ao texto em questão. Dessa maneira, a angústia neurótica é pensada como a libido sexual transformada.

Freud inicia a parte *II*, intitulada *Incidência e Etiologia da Neurose de Angústia*, com uma consideração pertinente, destacando que, havendo fundamentos para se considerar a neurose como adquirida, uma cuidadosa investigação deveria ser realizada, capaz de revelar um conjunto de perturbações e influências da vida sexual do paciente, que se apresentam como fatores etiológicos atuantes no desencadeamento da neurose. Nesse sentido, cita alguns casos que podem suscitar a neurose de angústia nas mulheres, à parte sua predisposição para tal doença. Assim, pode ocorrer: a angústia virginal ou a angústia nas adolescentes, em que a neurose de angústia pode ser produzida em meninas que se aproximam da maturidade, seja pelo contato com o sexo ou por qualquer outra revelação que seja repentina ou não, quanto a algo até então escondido; também há casos de angústia em recém-casadas, que ocorre nas jovens que permanecem anestésicas às primeiras coabitações; mulheres com maridos que possuem ejaculação precoce ou potência significativamente enfraquecida ou ainda com maridos que praticam o coito interrompido, também podem ser acometidas pela neurose de angústia. Nesse último exemplo, é prejudicial à mulher quando o marido interrompe a relação tão logo se encontra próximo da emissão, sem se importar com o curso da excitação nela. Em contrapartida, quando o homem aguarda a satisfação da mulher, o coito corresponde a uma relação normal para ela, enquanto que ele irá padecer de neurose de angústia; as viúvas e as voluntariamente abstinentes também podem ser acometidas pela neurose de angústia, assim como aquelas que se encontram no climatério, durante o último grande aumento da necessidade sexual (Freud, 1895/1976).

Quanto aos determinantes sexuais da neurose de angústia nos homens, Freud observou a ocorrência nos voluntariamente abstinentes, que apresentavam frequentemente sintomas de defesa como ideias obsessivas e histeria; também pode acometer homens em estado de excitação não consumada, como por exemplo, em período de noivado ou naqueles que se contentam em tocar apenas uma mulher, por medo de possíveis consequências da relação sexual; em praticantes do coito interrompido, como antes abordado, pois em função da satisfação da mulher, adiam a emissão e dirigem voluntariamente o coito; em senescentes, homens que estão em período de potência decrescente e crescente libido. Nos casos observados, Freud verificou que a neurose de angústia emerge quando há o abandono da

prática da masturbação como única forma de satisfação sexual, ficando a pessoa incapaz de tolerar a abstinência. Também pode ocorrer naqueles que possuem sobrecarga de trabalho ou esforço exaustivo (Freud, 1895/1976).

Na parte IV, *Relação com Outras Neuroses*, Freud comenta sobre o fato de alguns sintomas da angústia ocorrerem ao mesmo tempo que os sintomas da neurastenia, da histeria, das obsessões ou da melancolia. Uma multiplicidade de fatores etiológicos, no entanto, que determinam uma neurose mista pode acometer o indivíduo, tanto de forma meramente fortuita, como também o seu contrário, uma vez que um dos fatores etiológicos pode desencadear a atuação de outro (Freud, 1895/1976).

Quanto à essência da neurose de angústia face às outras neuroses, Freud, nessa secção IV, afirma que ela possui diferentes concordâncias e diferenças em relação às neuroses da neurastenia e histeria. Com a neurastenia, a semelhança aponta para a fonte de excitação, em que a causa precipitante do distúrbio se encontra no campo do somático e não do psíquico, como ocorre na histeria e na neurose obsessiva. Quanto às diferenças, observa-se que na neurose de angústia acontece, de certa forma, um “acúmulo de excitação”, e na neurastenia, um “empobrecimento” desta. Contudo, tal distinção não constitui um impedimento para que ambas as neuroses se misturem (Freud, 1895/1976).

Tanto na neurose de angústia quanto na histeria há um acúmulo de excitação, além de ocorrer em ambas uma espécie de insuficiência psíquica, em consequência da qual surgem processos somáticos anormais. Assim, em virtude da não elaboração psíquica de tal excitação, ocorre um desvio da mesma para o campo do somático. A diferença a partir disso, está no fato de que a excitação em cujo deslocamento a neurose (neurose de angústia) se expressa é puramente somática. Já na histeria, por sua vez, ela (a excitação em cujo deslocamento a neurose se expressa) é psíquica, provocada por um conflito (Freud, 1895/1976).

Com relação às argumentações freudianas acerca da semelhança entre a neurose de angústia e a histeria, Uribe (2008) comenta que tal semelhança pode ser identificada, na medida em que seja considerado o acúmulo sexual físico consistindo na consequência de uma descarga impedida, de modo que seria possível pensar na neurose de angústia como uma neurose de estase (paralização). Uribe acrescenta ainda que a angústia não se encontra nessa estase, mas que ela surgiria por transformação desde a tensão sexual acumulada. Ao partir da consideração de que o acúmulo de excitação produziria a angústia, a qual não admitia uma derivação psíquica, o autor comenta que a psique se encontraria sob o estado de neurose de

angústia quando se percebia incapaz de reequilibrar a excitação endógena gerada. Assim, Uribe coloca que a neurose de angústia seria o correspondente somático da histeria.

Outro trabalho freudiano pertinente ao objetivo geral do presente estudo é *A Sexualidade na Etiologia das Neuroses* (1898). Ao iniciar o artigo, Freud destaca que, após pesquisas exaustivas realizadas nos últimos anos, identificou que as causas mais imediatas das neuroses eram encontradas em fatores da vida sexual dos pacientes. Afirma ainda que esta doutrina não se mostrava inteiramente nova e que todos os autores atribuíam certa importância aos fatores sexuais à etiologia das neuroses. Nessa perspectiva e mais adiante no texto, Freud faz uma recomendação aos médicos: se os fatores da vida sexual se diferenciam verdadeira e efetivamente como causas ou condições patológicas, torna-se-ia dever do médico descobrir tais fatores, assim como trazê-los à tona.

Mesmo diante de um contexto de uma sociedade sigilosa no que se refere aos assuntos sexuais e da dificuldade de tratar dos mesmos quando os pacientes decidem buscar ajuda para seus sofrimentos, Freud ressalta aos médicos a importância de se investigar a vida e as relações sexuais e insistir em um depoimento verdadeiro por parte de seus pacientes, no intuito de inferir a etiologia sexual atuante, obtendo assim uma certificação em caso de um diagnóstico de neurose. Nesse sentido, argumenta que os fatores sexuais precedentes precisavam ser reconhecidos como causas de uma doença, de forma que a investigação e discussão dos mesmos tornar-se-iam incluídos nos deveres do médico para com seu paciente (Freud, 1898/1976).

Segundo Freud, em todos os casos de neuroses haveria uma etiologia sexual, porém, nos casos de neurastenia, essa etiologia seria de natureza atual, ao passo que nas psiconeuroses são os fatores de natureza infantil que estariam aí envolvidos (sua verdadeira etiologia seria encontrada nas experiências infantis, exclusivamente nas impressões referentes à vida sexual). Neste ponto, Freud considera a presença da primeira grande oposição na etiologia das neuroses. A segunda oposição, contudo, surge ao se levar em conta uma distinção dentro da sintomatologia da própria neurastenia. Com isso, Freud aborda a separação de dois quadros clínicos: um em que cita as queixas comuns à neurastenia, como pressão intracraniana, propensão à fadiga, dispesia, constipação, irritação espinhal etc.; e outro, onde esses sinais supracitados desempenham um papel menor, tendo no quadro clínico sintomas que se relacionam com o sintoma nuclear da angústia. Dentre esses sintomas, tem-se o estado de angústia livre, a inquietude, a expectativa angustiada, os ataques de angústia completos,

rudimentares e suplementares, a vertigem locomotora, a agorafobia, a insônia, a maior sensibilidade à dor, entre outros (Freud, 1898/1976).

Quanto à diferença na etiologia dos sintomas dessas duas formas de doença (neurastenia e neurose de angústia), Freud comenta que na neurastenia sempre é possível se referir a um estado do sistema nervoso como algo que se adquire da masturbação excessiva ou de emissões frequentes. Já na neurose de angústia, ele afirma que “[...] geralmente se encontram umas influências sexuais que têm em comum o fator da continência ou da satisfação incompleta.” (Freud, 1898/1976, pp. 262) – como o *coitus interruptus*; a abstinência existindo de uma viva libido; a chamada excitação não consumada; etc. Quanto à aquisição de uma neurastenia (em ambas as formas), Freud comenta que esta é uma afecção sem relação com o que é hereditário. Assim, para a etiologia da neurastenia, ele nega veementemente a hereditariedade, sustentando que é significativamente desejável que os médicos de certos estabelecimentos, que tratam de pacientes neurastênicos (como os hidropáticos) se conscientizem que estão lidando com indivíduos sexualmente aleijados e não com vítimas da civilização ou da hereditariedade. Dessa forma, confere à etiologia sexual dessa doença a possibilidade de compreender os detalhes da história clínica do paciente neurastênico, bem como suas misteriosas melhoras e deteriorações no decurso da moléstia. A partir disso, Freud verificou que na neurastenia os problemas terapêuticos devem ser atacados não em instituições hidropáticas, por exemplo, porém dentro de contextos da própria vida do paciente.

Considerações finais

Segundo Campos (2004), a angústia encontrada nas elaborações freudianas dos anos de 1890 se apresenta essencialmente enquanto uma inscrição corporal de uma impossibilidade de ligação psíquica e está fundamentada na noção de angústia econômica automática. Para Laplanche (1980/1987), a primeira teoria, estruturada nos anos 1895 a 1900, consiste em uma teoria econômica – “[...] a angústia é a energia sexual *não-elaborada* à qual foi recusada a via de uma certa elaboração, e que se descarrega de maneira mais ou menos anárquica; [...] Ou ainda, é uma libido, desta vez não mais “*não-elaborada*”, mas *desligada* de suas representações, especialmente pelo processo de repressão, liberada e que novamente se

descarrega sob a forma de angústia.” (pp. 42) No entanto, esta não parece ser a única concepção de angústia presente nesse período.

Nos textos acima abordados, a angústia é predominantemente pensada como transformação da energia sexual, ou seja, como resultante de um acúmulo de excitação somática de natureza sexual, acompanhada de um decréscimo de sua expressão psíquica. Esse processo estaria na base da neurose de angústia. No entanto, no texto *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia* (1895), o afeto de angústia é definido como uma reação à incapacidade do aparelho psíquico em lidar com um perigo externo. Assim, pode-se dizer que, nessa etapa inicial do pensamento freudiano, já estão presentes duas concepções de angústia: angústia como transformação da energia sexual e angústia como reação a um perigo de origem externa. Em ambos os casos, a angústia resultaria da incapacidade de tramitar adequadamente certo montante de estímulos, seja endógeno ou exógeno. No entanto, no segundo caso, a angústia não estaria necessariamente vinculada à sexualidade. No *Projeto de uma Psicologia* (1950), a questão da reação psíquica a um aumento de estímulos de origem exógena, o que Freud chama de “vivência de dor”, é tratado de forma mais detalhada adiante, nesse trabalho.

1.2 - O afeto como resíduo de uma vivência dolorosa e como sinal

No *Projeto de uma Psicologia*, redigido em 1895, mas publicado no ano de 1950, Freud propõe uma psicologia científico-naturalista, segundo a qual os processos psíquicos normais e patológicos seriam explicados a partir de dois postulados, denominados “quantidade” (Q) e “neurônio” (N). De acordo com Caropreso (2010), esse é o primeiro momento no qual é formulado um conceito de psiquismo inconsciente. Freud recorre à biologia para explicar o funcionamento dos processos psíquicos e desenvolve a ideia de um aparelho neuronal, cujo funcionamento e estrutura seriam determinados inicialmente pelo princípio da inércia, que consistiria em uma tendência para a eliminação de toda quantidade ($Q = 0$) que atingisse o aparelho. Esta tendência primária seria modificada, pois não poderia promover a descarga da excitação proveniente do interior do corpo, ao contrário do que ocorreria com a excitação exógena, cuja descarga poderia acontecer por meio de movimentos reflexos. Para cessar os estímulos endógenos, seria necessário uma “ação específica”, a qual teria como condição a

existência uma certa quantidade no aparelho. Dessa forma, ocorreria uma modificação da tendência primária (inércia) para a “tendência à constância”, considerando a tendência de se manter um nível de quantidade constante, ou seja, a necessidade de haver um nível mínimo de quantidade armazenada no aparelho (Freud, 1950/1976). Para Mezan (1998) “[...] o aparelho psíquico tende a manter tão baixo quanto possível o nível de estimulação, desenvolvendo para este fim o esquema do arco reflexo, que permite descarregar instantaneamente a excitação sensorial recebida do mundo exterior.” (Mezan, 1998, pp.90)

Como antes mencionado, Freud aborda dois postulados no *Projeto...*, que são: a noção de quantidade e de neurônio. Segundo Caropreso (2010) a ideia do primeiro postulado (Q) é algo que distingue a atividade do repouso e está submetida à lei geral do movimento, não sendo, no entanto, especificada a natureza dessa quantidade. Já o segundo postulado (N) é conceituado como a unidade material e funcional do sistema nervoso. Freud propõe uma combinação do que havia sido descoberto sobre os neurônios na histologia recente com a sua teoria sobre a quantidade. Nesse sentido, Caropreso (2010) cita brevemente uma conclusão de W. Waldeyer, em 1891, de que o neurônio é a unidade fundamental do sistema nervoso e destaca que Freud parece ter considerado tal asserção para sua proposição em desenvolvimento no *Projeto...*

Freud formulou a hipótese de que os neurônios seriam idênticos entre si e em termos de estrutura seriam independentes, sendo que o tecido não neuronal é o que possibilitaria o contato entre eles. O recebimento de quantidades se daria por meio dos prolongamentos celulares e a emissão seria feita pelos axônios. Dessa forma, partindo da consideração teórica da tendência fundamental do aparelho de eliminar todo o aumento de (Q), a estrutura comentada acima se encontraria de acordo com essa tendência, na medida em que favoreceria a descarga da quantidade. Essa tendência primordial, de manter o nível de quantidade igual a zero, pode ser compreendida também como uma tendência para evitar o desprazer, uma vez que, para Freud, no *Projeto...*, o aumento da excitação se relaciona com o desprazer, enquanto que sua diminuição com o prazer (Freud, 1950/1976).

Freud ainda formula a hipótese da existência de três sistemas neuronais do aparelho: os sistemas *phi*, *psi* e *ômega*. A função do primeiro seria o de recebimento da quantidade vinda do exterior do sistema nervoso e a de enviá-la ao sistema vizinho, que é o *psi*. O sistema *psi*, por sua vez, corresponderia ao sistema de memória, no qual se formariam as representações. Esse sistema foi dividido, posteriormente, em “*psi* do manto” e “*psi* do núcleo”, devido ao

fato de que o modo de ação do sistema diante do recebimento de uma (Q) exógena é diferente da endógena. Sendo assim, “*psi* do manto” receberia a quantidade advinda do exterior através de *phi* (constituindo representações a partir da quantidade exógena) e, “*psi* do núcleo”, receberia a quantidade endógena, de forma que, nesse último sistema, ocorreria a conversão do somático em psíquico (constituindo representações a partir de fontes internas de estimulação). *Psi* do núcleo corresponderia à parte constante do “Eu” e *psi* do manto a sua parte variável. Já o sistema *ômega* consistiria no substrato neural da consciência (Freud, 1950/1976).

Entre os neurônios que comporiam o aparelho, haveria “barreiras de contato” que ofereceriam determinada resistência à passagem de excitação de um neurônio para outro. Assim, as quantidades que apresentassem intensidade superior a tal resistência conseguiriam passar para o outro neurônio. Uma vez tendo ocorrido essa passagem, a barreira seria “facilitada” e “[...] em uma segunda ocupação dos neurônios correspondentes, a resistência encontrada seria menor. Dessa forma, a facilitação diferenciada das barreiras de contato faria com que se constituíssem caminhos diferenciados no aparelho, os quais possibilitariam a memória.” (Caropreso, 2010, pp. 51)

Freud formula hipóteses de duas vivências centrais, que seriam estruturantes do psiquismo: a vivência de satisfação e a de dor. Por motivos de relevância para o tema pesquisado será destacada e comentada esta última vivência. Na primeira parte do *Projeto...*, Freud aborda o afeto como a consequência da vivência de dor, de forma a contextualizá-la. Comenta também sobre o objeto hostil, bem como a relação com o desprazer. Nesse sentido, afirma que o afeto seria uma descarga de desprazer resultante da reativação da recordação de um objeto hostil (Freud, 1950/1976). Lyra (2007) observa que as quantidades atribuídas aos afetos podem variar de acordo com a intensidade da experiência inscrita na forma de traço mnêmico ou representação, no psiquismo. De acordo com esse autor, pode-se dizer que se trata de uma conceituação econômica, que enfatiza o aspecto quantitativo em detrimento ao qualitativo.

A dor consistiria na irrupção de grandes quantidades na direção do sistema de memória *psi*, como resultado da falha dos dispositivos responsáveis por proteger o aparelho contra quantidades exógenas, os quais, para Freud, seriam as próprias terminações sensoriais nervosas. Este processo geraria, inicialmente, um grande aumento no nível da excitação no sistema de memória, que seria sentido como desprazer. Em um segundo momento, produziria

uma tendência à eliminação da excitação por via reflexa. E, em seguida, ocorreria uma facilitação entre esses caminhos de eliminação e a representação do objeto que provocaria a dor – chamado de objeto hostil. A partir disso, é possível nos questionarmos a respeito do que consiste o afeto e qual a sua relação com o desprazer. Para Freud, uma vez ocorrida tal vivência de dor, quando a representação do objeto hostil fosse ocupada novamente a partir de uma percepção ou associação com outras representações, ocorreria uma liberação de quantidade no aparelho que geraria desprazer. A esse processo denomina-se afeto. A inclinação à desocupação da representação do objeto hostil pela via reflexa foi chamada de “defesa primária”. No entanto, Freud acreditava que a produção de afeto pela ocupação do objeto hostil seria prejudicial nos casos em que essa ocupação não fosse estimulada a partir do mundo externo, mas a partir do interior do aparelho, ou seja, apenas a partir de uma recordação (Freud, 1950/1976).

Na seção 12, ainda da primeira parte do *Projeto...*, denominada *A Experiência da Dor*, Freud afirma que quando a imagem mnêmica do objeto (hostil) é, de algum modo, renovadamente ocupada emerge um estado que não é o de dor, mas que apesar disso, tem certa semelhança com ele. Este estado, por sua vez, inclui o desprazer e a tendência à descarga que corresponde à experiência de dor. Sobre a relação entre Q, o afeto, o desprazer e o sistema *psi*, Freud comenta que “dado que desprazer significa aumento de nível, pergunta-se pela origem dessa Qn’. Na própria vivência dolorosa era a Q irruptiva de fora que aumentava o nível Ψ . Nesta reprodução – no *afeto* –, só coube penetrar a Q que ocupa a recordação, e é claro que esta, por ser da natureza de toda percepção, não pode ter como consequência um aumento geral em Qn’.” (Freud, 1950/1976, pp. 198)

Na continuidade do texto, Freud pressupõe que, devido à ocupação das lembranças, o desprazer é liberado no interior do corpo e de novo transmitido. Para o mecanismo dessa liberação, sugere a existência de neurônios “secretores”, os quais são denominados como “neurônios-chave”, que ao serem excitados provocam no interior do corpo o surgimento de algo atuante como estímulo sobre as vias endógenas de condução de *psi*. Assim, esses neurônios são capazes de influenciar a produção de Q endógena e, com isso, não descarregam Q, porém a fornecem por vias indiretas. Freud, então, formula a seguinte hipótese: “[...] devido à vivência de dor, a imagem mnêmica do objeto hostil tem conservado uma facilitação privilegiada com estes neurônios-chave, em virtude da qual se desprende então desprazer no afeto.” (Freud, 1950/1976, pp. 365-366) A vivência de dor teria como consequência a “defesa

primária”, como esclarece Freud na seguinte passagem da seção 13 (*Afetos e Estados de Desejo*), em que comenta as duas vivências centrais do psiquismo:

Os restos dos dois tipos de vivências tratados são os afetos e os estados desiderativos; é comum os dois conterem um aumento de tensão de Q_n em Ψ , produzido no *afeto* por liberação imediata, no *desejo* por somação. Os dois estados são da maior importância para o curso [de quantidades] em Ψ , pois deixam atrás de si motivos do tipo compulsivo. Do estado desiderativo, segue-se diretamente uma *atração* pelo objeto desiderativo, ou melhor, por sua imagem recordativa; da vivência dolorosa, resulta uma repulsa, uma aversão, a manter ocupada a imagem recordativa hostil. Os motivos são a *atração desiderativa* primária e a *defesa* primária. (Freud, 1950/1976, pp. 199)

Apesar de não constituir essencialmente o objetivo da pesquisa em questão, é pertinente comentar a respeito de dois processos que se articulam com o que vem sendo discutido e que foram, de alguma forma, muito brevemente mencionados. Segundo Mezan (1998), Freud trabalha dois modos de funcionamento do aparelho psíquico no *Projeto...*, sendo eles o processo primário e o secundário.

O processo primário consiste no livre fluxo de energia rumo às imagens mnêmicas, o que invariavelmente desemboca numa frustração: se a imagem investida for a de um objeto gratificante, nem por isto a alucinação provocará a liberação de desprazer associada à experiência de satisfação correspondente; se for de um objeto desagradável, o desprazer associado à sua recordação será liberado devido à conexão entre esta imagem e uma experiência de dor. (Mezan, 1998, pp. 94)

Para a explicação do processo secundário, Mezan comenta que, partindo do princípio que rege o aparelho psíquico de busca por prazer e afastamento do que gera dor, o indivíduo aprende a inibir o fluxo de excitação em direção às imagens mnêmicas, de modo a evitar a liberação de desprazer. A esse funcionamento psíquico inibido, Freud o denominara como processo secundário. Dessa forma, o processo secundário seria capaz de impedir o investimento de imagens mnêmicas capazes de produzir desprazer, ou seja, poderia impedir que o investimento destas imagens mnêmicas continuassem até alcançar o ponto de alucinação (Mezan, 1998).

Nas primeiras repetições da vivência de dor, seria produzido um afeto intenso, de acordo com o modo de funcionamento do processo primário. Esta descarga afetiva seria, com o tempo, inibida de modo que a produção do afeto passasse a se limitar a um sinal. Na terceira

parte do *Projeto...*, Freud explica o processo a partir do qual o afeto perde intensidade. Segundo ele, essa diminuição seria resultado de repetidas tentativas por parte do Eu em ligá-las. Argumenta ainda que o enfraquecimento das representações e dos afetos seria consequência do modo como se daria a ocupação dessas no processo secundário, como será explicado posteriormente (Freud, 1950/1976). A relação da representação, sua intensidade e o decorrer do tempo é esclarecida na seguinte citação, da seção 3 (*Tentativa de Representar os Processos Normais*):

Se uma recordação, mediante sua ocupação, desenvolve desprazer, ela tem sua razão mais geral no fato de a percepção correspondente ter desenvolvido desprazer na sua época, isto é, ter pertencido a uma vivência dolorosa. Tais percepções atraem para si, como qualquer um já experimentou uma atenção mais elevada, mas excitam menos seus próprios signos qualitativos em comparação com os da reação a que dão lugar; elas associam-se com as próprias expressões afetivas e defensivas. Caso se siga o destino de tais percepções, como imagens de *recordação*, nota-se que as repetições iniciais ainda despertam tanto afeto como também desprazer, até que com o tempo perdem tal capacidade. Ao mesmo tempo, elas sofrem outra modificação. No início, retinham o caráter de qualidades sensíveis; quando não são mais capazes de afeto, também o perdem e tornam-se semelhantes a outras imagens recordativas. Caso o curso do pensar depara-se com uma imagem *recordativa* assim, ainda *indomada*, originam-se seus signos qualitativos, frequentemente de tipo sensorio, sensação de desprazer e inclinações para eliminação, cuja combinação caracteriza um determinado afeto, e o curso de pensar é interrompido. (Freud, 1950/1976, pp. 253)

Em seguida, Freud reflete a respeito das lembranças capazes de afeto e não dominadas até então. Ele supõe que o “tempo”, como destacado acima, assim como a repetição, advinda desse decurso, não teriam como enfraquecer a intensidade de um afeto, sendo, entretanto, a repetição capaz de contribuir para a intensificação da associação dessas lembranças. Embora haja essa suposição, Freud acredita na possibilidade de que exista algo que ocorra no curso desse “tempo”, que promova o refreamento (subjugação) das lembranças. Conclui, então, que “[...] isto não pode ser senão uma referência ao Eu ou ao poder que suas ocupações obtenham sobre a recordação. Se isto aqui leva mais tempo que de costume, é preciso descobrir uma razão especial para tanto e, na verdade, (estará) na origem da recordação com capacidade afetiva.” (Freud, 1950/1976, pp. 253) Continuando essa discussão, Freud afirma que sendo traços de experiência de dor (traços das experiências dolorosas), elas foram ocupadas com uma Q excessivamente intensa para a liberação de desprazer e afeto. Com isso, ele considera que deverão receber do Eu uma ligação particularmente grande e reiterada para

contrabalancear essa facilitação de desprazer. Ainda em continuação da mesma seção em análise, Freud aborda a relação entre a defesa de pensamento primária e a ideia de sinal:

Dado que, no início, o curso do pensar era sempre perturbado com uma animação de recordação e um despertar de desprazer, resultou agora uma tendência para o mesmo inibir o curso do pensar tão logo a recordação domada desenvolva seu traço de desprazer. Esta tendência é muito útil para o pensar prático, pois uma articulação intermediária conduzindo ao desprazer não pode situar-se no caminho procurado para a identidade com a ocupação desiderativa. Assim, origina-se a *defesa do pensar* primária, que, no pensar prático, toma a liberação de desprazer como sinal para abandonar um certo caminho, isto é, para dirigir a ocupação de atenção para *outro lado*. Aqui, de novo o desprazer dirige a corrente Q_n' , como na primeira regra biológica. Poder-se-ia perguntar por que essa defesa de pensar não se dirigiu contra a recordação ainda capaz de afeto. Contudo, aí, podemos supor que a segunda regra biológica levantou-se contra ela, que ela exigiria atenção caso um signo de realidade estivesse presente, e a recordação indomável fosse ainda capaz de extorquir signos qualitativos reais. Nota-se a compatibilidade entre as duas regras, dado que {são} funcionais. (Freud, 1950/1976, pp. 255)

Dessa forma, com as repetições das recordações, a produção de afeto seria inibida e passaria a se limitar a um sinal que serviria para indicar aos processos associativos que aquele caminho conduz ao desprazer e deve ser evitado.

Na segunda parte do *Projeto...*, Freud busca explicar a produção de sintomas da histeria a partir da falha do mecanismo de defesa por parte do Eu. Durante o curso do pensamento, no caso da defesa normal, uma representação associada a uma vivência de dor seria evitada, apesar do fato dela ter possibilidade de voltar a se tornar consciente quando evocada por estímulos externos (Freud, 1950/1976). Na histeria, devido à repressão, a recordação patogênica se encontraria completamente excluída da consciência, sendo que no seu lugar, surgiria outra representação a ela associada que, por sua vez, estaria acompanhada de um afeto. Dessa forma, a liberação de afeto seria despertada por uma representação substitutiva, a qual consistiria no símbolo de outra que se encontraria reprimida e, devido a isso, a inibição não seria possível. Freud argumenta que esse processo é consequência de uma falha do mecanismo normal de defesa, o qual resultaria do fato de que as representações patógenas inconscientes não teriam sido traumáticas em sua origem e, assim, não teriam feito parte de uma vivência de dor. Tais experiências só adquiririam o caráter traumático após a emergência da sexualidade (Caropreso, 2009).

Ainda na segunda parte, mais especificamente na seção 4, é possível verificar a utilização do termo angústia em uma ocasião. Freud ressalta a relação entre a liberação sexual e o acometimento da angústia, enquanto uma espécie de transformação da energia

sexual (Freud, 1950/1976). Como foi visto e investigado anteriormente, esta hipótese já havia aparecido no artigo *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia* (1895).

O termo “angústia” é utilizado apenas três vezes em todo o *Projeto...*, sem, no entanto, ser conceituado. A primeira menção do termo está presente no comentário do caso de Emma, no qual uma lembrança adolescente recordada pela paciente conduz a uma liberação sexual que se transpõe em angústia. O segundo momento que a angústia é mencionada é na seção 6, *Perturbação do Pensamento pelo Afeto*, em que Freud sugere uma relação entre a geração de afeto e o curso normal do pensamento, considerando que essa primeira (a geração de afeto) inibe de diversas formas o curso normal do pensamento. Em seguida, para ilustrar o que afirmara, ele cita um breve exemplo de esquecimento do uso do telefone que havia sido instalado há pouco tempo, durante uma agitação resultante de uma grande angústia (Freud, 1950/1976).

Considerações Finais

Tendo em vista a forma como Freud define angústia em *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia* (1895), como reação a um perigo externo, podemos dizer que a angústia surgiria diante do que ele chama no *Projeto...* (1950) de vivência de dor. No primeiro texto, Freud trabalha o “afeto de angústia”. No *Projeto...*, ele trata de “afeto” apenas. Em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), ele afirmará que a angústia surge não apenas diante de um perigo atual, mas também diante da possibilidade de reviver uma situação traumática anterior. Assim, a angústia surgiria também a partir de um processo de rememoração. No *Projeto...*, Freud trata do surgimento do “afeto” diante da rememoração de uma experiência dolorosa. Segundo ele, as primeiras rememorações de uma vivência dolorosa produziriam um afeto intenso. Com as repetidas tentativas de ligação do Eu, esse afeto seria reduzido a um sinal de que certo caminho deve ser evitado por produzir desprazer. Embora ele não empregue, nesse caso, o termo angústia, pode-se observar que nesse texto já se encontram antecipadas, por assim dizer, as reflexões sobre a relação entre memória, sinalização de perigo e angústia, trabalhadas no texto de 1926.

Pode-se dizer, portanto, que no *Projeto...*, a angústia continua sendo concebida como transformação da energia sexual. No entanto, o que ele denomina apenas como “afeto” se aproxima do que havia sido chamado de “afeto de angústia” em *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia* (1895), assim como das hipóteses sobre a angústia que serão mais claramente formuladas em 1926.

Resumidamente e como foi abordado anteriormente, é possível verificar que, já nessa primeira etapa da teoria freudiana são encontradas duas hipóteses sobre a angústia: uma que a vincula à energia sexual que não pode ser psiquicamente expressa; e outra que a concebe como reação a um perigo externo ou à ameaça em revivê-lo.

1.3 - A angústia em *A Interpretação dos Sonhos*

De acordo com os comentários de James Strachey que antecedem a obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), a redação desse texto pode ser acompanhada desde as correspondências trocadas entre Freud e Fliess. Na carta 22, de 1895, em específico, é apresentado o primeiro vislumbre, por assim dizer, da teoria da realização de desejo. Em setembro do mesmo ano, Freud escreveu a primeira parte do *Projeto...* que, segundo Strachey, fora publicada no apêndice à correspondência (carta) destinada a Fliess. Nesse trabalho, em particular nas seções 19, 20 e 21, aparece a primeira abordagem de uma teoria mais coerente dos sonhos, a qual inclui elementos como: o caráter da realização de desejos nos sonhos; seu caráter alucinatório; o funcionamento regressivo na mente, nas alucinações e nos sonhos; e as semelhanças entre os mecanismos dos sonhos e dos sintomas neuróticos (Strachey, 1900/1976).

Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud desenvolve, sobretudo, sua teoria acerca dos sonhos como realizações de desejo. Ele utiliza a autoanálise, assim como os dados das análises de seus pacientes para elucidar e discutir as propostas elaboradas acerca dos sonhos, suas fontes, seus componentes, bem como suas relações com o desprazer e com o acometimento da angústia. Para Freud, o sonho constitui uma realização (disfarçada) de um desejo que está reprimido. Ele faz uma distinção entre o conteúdo manifesto – que se refere à experiência consciente do sonho, aquela que o paciente relata – e o conteúdo latente – inconsciente, que se encontraria por trás daquilo que se manifesta no sonho. O conteúdo manifesto do sonho consiste no resultado da distorção onírica que atua sobre o conteúdo

latente. Algumas das hipóteses deste texto de 1900 serão comentadas no presente trabalho, tendo em vista o objetivo de analisar a forma com a qual angústia é concebida nesse momento teórico (Freud, 1900/1976).

No capítulo *IV, A Distorção dos Sonhos*, Freud informa aos leitores que a sua doutrina não se apoia na consideração do conteúdo manifesto do sonho, mas se refere aos pensamentos que o trabalho de interpretação mostra estarem por trás deles. No entanto, afirma que há sonhos cujo conteúdo manifesto é de natureza mais penosa e que esses sonhos, bem como os de angústia, se revelam como realizações de desejo, após a sua interpretação (Freud, 1900/1976).

De acordo com Mezan (1998), no capítulo *IV*, Freud expressou com clareza o objetivo que se propôs ao empreender o estudo dos sonhos, quando afirmou que a interpretação dos sonhos seria capaz de proporcionar informações acerca da estrutura do aparelho psíquico. Segundo Mezan, Freud considera a interpretação dos sonhos um trabalho necessário devido ao fato do sonho apresentar conjuntos de elementos desconexos, sem sentido e aparentemente absurdos. O caráter de não sentido do sonho era explicado até então como resultado de sua origem somática. Dessa forma, o sonho era considerado um somatório de símbolos dos processos orgânicos. Sobre o trabalho de interpretação dos sonhos, destaca-se a passagem abaixo:

Ao concluir o exame das doutrinas das teorias a respeito do problema existente no final do século XIX, examinei esse que constitui o capítulo introdutório da obra, Freud se dá conta de que, ao avançar a tese de que é possível interpretar os sonhos, está se colocando contra as doutrinas vigentes, que consideravam os fenômenos oníricos como processos somáticos que se tornam conhecidos pelo aparelho psíquico através de símbolos. Pois “interpretar um sonho” é especificar seu ‘sentido’, substituí-lo por algo que assume seu lugar, na concatenação de nossas atividades psíquicas, como um elo de valor e importância definidos. (Mezan, 1998, pp.75)

Ao comentar a respeito dos sonhos que não expressam seu sentido sem disfarces (que não expressam diretamente o que querem dizer), Freud propõe discutir sobre a distorção onírica e sua origem. Ele afirma que há diversas soluções possíveis para a questão da distorção onírica, como, por exemplo, a pressuposição de que durante o dormir exista uma incapacidade de encontrar expressão adequada para os pensamentos oníricos. No entanto, ele acredita que a análise de certos sonhos força a admissão de uma explicação diferente para a

distorção onírica. No intuito de promover uma explicação sobre este assunto, Freud relata um sonho dele próprio, no qual ele havia recebido um convite de dois professores da universidade que atuava para ser *professor extraordinarius*. Ao mesmo tempo em que ficou contente com a recomendação e com o consequente convite, ele se recordou da desconsideração desse tipo de recomendação por parte do Ministério para com alguns de seus colegas, que ou se igualavam a ele em termos de mérito ou eram mais antigos em carreira que ele e aguardavam ainda pela nomeação. Diante dessa situação, Freud relata ter determinado a si próprio a resignação frente ao futuro (Freud, 1900/1976).

Ainda no mesmo sonho, Freud recebera a visita de seu amigo R., a partir do qual ficou sabendo da pergunta que ele fizera a um alto funcionário do Ministério sobre a sua esperada nomeação. Esse funcionário respondera a R. que sua nomeação ainda não havia ocorrido devido ao fato dele não estar em condições de assumir o cargo. Frente a essa notícia, Freud relata não ter ficado surpreso e afirma que essas mesmas considerações se aplicariam ao seu caso. Após acordar, se pôs a rir do sonho e achou-o um absurdo. Nesse momento, ele mesmo (Freud) se projetou no lugar de um paciente que, em análise, poderia também ter esse tipo reação ao contar o próprio sonho. Logo, ele comenta que em sua relação com o paciente iria suspeitar de alguma resistência para com o conteúdo onírico, acreditando que por trás do mesmo poderia se revelar algo um tanto quanto desagradável. Por conseguinte, ele se pôs à análise de seu próprio sonho (Freud, 1900/1976).

Ao analisar o sonho, Freud notou que fizera uma correspondência entre seu amigo R. e seu tio (como tinha apenas um, tratava-se de seu tio Josef) – esse fenômeno é o que Freud irá chamar de condensação. Também havia se recordado que seu pai costumava dizer que seu tio havia praticado um crime pela ânsia em adquirir dinheiro e, com isso, fora severamente punido. Embora seu pai se referisse a ele como tolo, dizia a Freud que seu tio Josef não era um mau homem. Assim, partindo da correspondência alcançada pela análise – a de que R. seria seu tio Josef –, Freud concluiu que R. seria um tolo também. Além disso, lembrou-se da aparição de um rosto alargado e uma cor de barba dourada, no sonho. Ao refletir sobre isso, percebeu que quando as pessoas de cabelos pretos começavam a ficar grisalhas, elas passavam por uma mudança de cor até chegar ao grisalho definitivo. Ao olhar-se no espelho reparou com certo desagrado: sua barba também havia passado pela mesma mudança (Freud, 1900/1976).

Durante sua tentativa de interpretação, lembrou-se ainda de ter encontrado na rua com outro colega (N.). Nesse momento, N. já sabia da homenagem que lhe haviam prestado e lhe dera os parabéns. Freud recusou o elogio dizendo a N. que como ele também havia passado pela mesma situação há algum tempo, sabia do que valia aquela recomendação por experiência própria. N., por sua vez, respondeu que tinha um processo judicial contra ele e que isso talvez fosse um motivo para a não nomeação. N. acrescentou ainda que Freud era um homem impecável. Segundo Freud, isso lhe forneceu material para que pudesse responder à questão que surgiu com a interpretação de seu sonho: quem seria o criminoso, como o sonho deveria ser compreendido e qual seria a sua finalidade. Ele conclui, então, que seu tio Josef representaria ambos os amigos (R. e N.), um como tolo e outro como delinquente e que ele próprio não seria nem um e nem outro. Com isso, Freud acredita que poderia se contentar com a recomendação dirigida a ele para o cargo de professor e evitar o que extraiu do relato de R. sobre o comentário do alto funcionário do Ministério (Freud, 1900/1976).

Embora Freud fizesse tais análises acerca do seu próprio sonho, ele relata que se encontrava insatisfeito e querendo avançar mais em sua interpretação. Em seguida, reflete sobre a correlação do comportamento de sua pequena filha – que disse que a maçã estava azeda sem ao menos tê-la provado, por não quer comê-la –, com o de seus pacientes, no tocante à resistência nos sonhos (como mencionado anteriormente) e, então, discute sobre a repressão. A respeito deste último processo, Freud comenta sobre a descoberta de que haveria representações que se deseja suprimir. Ele afirma ainda que o mesmo é válido para o seu sonho, pois ao interpretá-lo encontraria algo contra o qual teria lutado em reconhecer dentro de si. Não obstante, quando Freud acredita ter concluído a sua interpretação, ele descobre que o que resistia em reconhecer era o fato de julgar que seu amigo R. era um tolo, embora cultivasse um sentimento de admiração e apreciação por ele. No seu sonho, ainda percebeu a manifestação de uma calorosa afeição em relação ao amigo e, ao notar isso na análise, notou também que não havia experimentado esse tipo de sentimento com seu tio Josef – o qual identificara uma correspondência com o amigo no sonho. Entretanto, afirma que caso expressasse em palavras o seu grau de sua afeição para R., no sonho, ele iria se espantar. Seguindo, Freud chega a uma nova explicação sobre o que investigava: a de que o sentimento de ternura para com R. não pertencia ao conteúdo latente, mas sim estava em oposição a esse conteúdo e tinha o propósito de ocultar a verdadeira interpretação do sonho. Dessa forma, considerou que a afeição sentida por R. era originária dessa luta referente ao conteúdo que combatia em reconhecer. Ele afirma que seu sonho estava distorcido em relação ao conteúdo

latente – a calorosa afeição manifestada servia a essa distorção – e declara que a distorção se cumpre no sonho de modo intencional como um meio de dissimulação. Com isso, quanto à análise de seu sonho, ele chega à explicação de que seus pensamentos oníricos continham um “insulto” para com R., visto que o que apareceu no sonho foi justamente o oposto (um sentimento terno diante do amigo) a fim de não mostrar o conteúdo que se mantinha por trás do sonho. Em outras palavras, o que Freud quis dizer com essa explicação é que a distorção se realiza intencionalmente como um meio de dissimulação, de modo que quando a realização do desejo aparece de forma disfarçada (irreconhecível), deveria haver uma inclinação para a ocorrência de uma defesa contra o desejo (Freud, 1900/1976).

Nesse capítulo também é abordada a questão dos sonhos de conteúdo aflitivo, que podem decompor-se em realizações de desejo. Dentre os exemplos abordados por Freud, destaca-se um no qual ele menciona brevemente a neurose de angústia – neurose que trabalhou em *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia* (1895). Esse sonho não envolve um paciente de fato, mas sim uma pessoa de suas relações. Trata-se de um jurista, que relata a Freud um sonho em que estava acompanhado de uma senhora e foi interceptado por um homem que solicitou suas credenciais, com o intuito de prendê-lo. Após contar o sonho, ele perguntou a Freud se o desejo dele seria o de estar preso e, em seguida, disse que acreditava que o motivo da prisão seria o infanticídio. Diante disso, Freud o indaga como ele poderia ser acusado desse tipo de crime se o mesmo só poderia ser praticado pela mãe da criança. Pergunta a ele também em quais circunstâncias teve tal sonho. O jurista, então, disse que na noite anterior esteve com uma senhora, pela qual possuía significativa consideração e que, no dia seguinte, tiveram certo contato (sexual) após acordarem. Depois dormiram novamente, sendo este o momento em que se deu a ocorrência do sonho. Diante disso, Freud o questiona se a senhora é casada – o que é confirmado – e se ele gostaria de ter filhos com ela. O jurista responde negativamente a esta segunda pergunta justificando que isso os denunciaria, visto que a dama era casada. Continuando o diálogo, Freud o indaga se praticou o coito normal e ele diz ter tomado uma precaução antes da ejaculação (coito interrompido). A partir desses dados, Freud supõe que o jurista ficara preocupado se o emprego de tal atitude falhara e, nesse sentido, afirma que o sonho relativo ao infanticídio consistia na realização de um desejo, o qual foi capaz de tranquilizá-lo quanto à insegurança gerada pela possível fertilização. O jurista relatou ainda outra passagem do sonho que, segundo Freud, teria culminado nesse argumento da realização do desejo. Essa passagem do sonho diz respeito à situação em que ele (jurista) leva a estimada

senhora até a sua casa, ao invés de passar a noite com ela. Como abordado no início desse parágrafo em relação aos sonhos de conteúdo aflitivo e a neurose de angústia, Freud acrescenta um elemento ao desenvolvimento da análise do sonho relatado pelo jurista, que consiste no mal-estar gerado depois da prática sexual por coito interrompido. No texto de 1895 supracitado, Freud argumenta que o *coitus interruptus* constitui um dos fatores etiológicos do desenvolvimento da angústia neurótica. Nesse sentido, afirma que o jurista utilizou desse mal-estar para ajudar a disfarçar a realização do desejo (Freud, 1900/1976).

Ao término do capítulo, Freud retoma a ideia que vinha discutindo anteriormente: os sonhos são realizações de desejo, mesmo os aflitivos. Segundo ele, ainda que haja um sentimento de desprazer presente no conteúdo onírico, não haveria como negar a existência de desejos contidos nesses sonhos. Assim, Freud acredita que se torna justificável conceber a ideia do caráter desprazeroso como resultante da distorção onírica. A realização de desejo contida nesse tipo de sonho seria, portanto, disfarçada, irreconhecível para aquele que sonha seja pelo desconforto que sua descoberta causaria, seja pelo desejo dele derivado ou, até mesmo, pela própria intenção de reprimi-lo. Assim, Freud propõe uma modificação na fórmula que diz respeito à expressão da natureza dos sonhos: “[...] o sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou reprimido).” (Freud, 1900/1976, pp. 177)

Considerando então que até mesmo os sonhos penosos se mostram como realizações de desejo, Mezan coloca que, nesses casos, assim como ocorre nos pesadelos, o que está presente é uma censura que barra o acesso do conteúdo do desejo à consciência, mobilizando contra ele intensas barreiras afetivas, que são sentidas como desprazer. Segundo o autor, os sonhos de punição também são tidos como sonhos de conteúdo desagradável. Entretanto, para esse tipo de sonho, a análise mostra que o “[...] desejo satisfeito pertence à agência censuradora, que se vinga do inconsciente por ter este suscitado um conteúdo incompatível com os critérios daquela. Assim, a não realização de um desejo corresponde à realização de outro, de forma que a teoria continua de pé.” (Mezan, 1998, pp. 79)

Ainda no fim deste capítulo IV, Freud aborda sucintamente os sonhos de angústia, classificando-os como uma subespécie dos sonhos de conteúdo aflitivo. Ele acredita que a angústia que se manifesta nos sonhos se encontra ligada superficialmente à representação que a acompanha, uma vez que a sua origem é proveniente de outra fonte. A partir disso, ele observa certa relação entre a angústia e a neurose e, nesse sentido, menciona expressamente o mesmo artigo de 1895 citado anteriormente (*Sobre os Fundamentos para Destacar da*

Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia), no qual argumenta que a angústia neurótica se origina da vida sexual e corresponde à libido que se desviou de sua finalidade e não encontrou aplicação. Desse modo, Freud infere que uma vez tendo essa explicação resistido até o momento teórico atual, os sonhos de angústia consistiriam em sonhos de conteúdo sexual, nos quais a libido se transformou em angústia.

No capítulo V, *O Material e as Fontes dos Sonhos*, Freud retoma sucintamente as três propriedades da memória onírica que havia mencionado no capítulo I sem tê-las explicado: os sonhos mostram uma clara preferência pelas impressões dos dias imediatamente anteriores; praticam uma seleção seguindo os princípios da memória de vigília, relembrando o que é acessório e despercebido já que não recordam o que é importante e essencial; têm à sua disposição impressões primitivas da infância (Freud, 1900/1976).

No que se refere à relação entre o conteúdo manifesto e o latente, assim como ao processo de condensação e deslocamento atuantes no trabalho do sonho, destaca-se a citação abaixo de Mezan (1998):

A distinção feita entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente do sonho exige uma explicação quanto à maneira pela qual o segundo se transforma no primeiro. É este processo que Freud denomina o “trabalho do sonho”, cujos dois mecanismos principais acabamos de assinalar: são a condensação e o deslocamento. A condensação age no sentido de comprimir vários elementos latentes num único elemento manifesto; [...] Ao contrário, é toda a massa dos pensamentos latentes que se encontra submetida à condensação, de modo que o mesmo pensamento latente pode estar representado em vários pontos do conteúdo manifesto, tanto quanto um único elemento manifesto estar representado por vários elementos latentes. Este é o fenômeno da “sobredeterminação”, que Freud já isolara na histeria e neurose obsessiva: o sintoma está sempre relacionado a vários impulsos e eventos da vida do paciente, e o mesmo impulso pode encontrar expressão em diversos sintomas. [...] O conceito de sobredeterminação explica teoricamente este fenômeno, já que a condensação comprime num ou em vários elementos numerosos outros, que permanecem ocultos à consciência. Pode-se visualizar o trabalho da condensação como a omissão dos elos intermediários, enquanto a múltipla determinação de um elemento facilita sua penetração no conteúdo manifesto do sonho. (Mezan, 1998, pp. 80-81)

Dessa maneira, como esclarece Mezan (1998), a interpretação é concebida como um trabalho de desconstrução da elaboração onírica. Partindo do conteúdo manifesto, a interpretação tem como função descobrir o conteúdo latente por meio das associações do paciente.

Em continuação a esse quinto capítulo, Freud levanta a seguinte questão: a fonte excitatória dos sonhos deveria ser sempre um evento recente e significativo ou poderia ser também uma experiência interna (lembrança de um fato psiquicamente importante ou um fluxo de pensamento)? Segundo ele, a resposta que a análise o permitiu vislumbrar aponta para a segunda alternativa. Assim, o instigador do sonho poderia ser um processo interior que durante o dia se tornou recente de algum modo através do trabalho do pensamento (Freud, 1900/1976). Freud expõe um esquema com as diversas condições que poderiam ser reconhecidas nas fontes dos sonhos:

- a. Uma experiência recente e psiquicamente significativa que é substituída de maneira direta no sonho.
- b. Várias experiências recentes e significativas que são combinadas como uma unidade no sonho.
- c. Uma ou mais experiências recentes e significativas que são substituídas no conteúdo onírico pela menção a uma experiência do mesmo período, porém indiferente.
- d. Uma experiência interna e significativa (lembrança ou sequência de ideias) que é *regularmente* substituída no sonho pela alusão a uma impressão recente, porém indiferente. (Freud, 1900/2012, pp. 201)

Uma vez ressaltadas as características dos sonhos e do afeto, parte-se para elucidações posteriores, as quais interessam ao problema de pesquisa dos sonhos de angústia. Freud afirma que, enquanto se dorme, podem ocorrer sensações de caráter desprazeroso provenientes de fontes somáticas. Isso é explorado pelo trabalho dos sonhos para representar a realização de um desejo que seria sufocado (sujeito à continuidade da ação da censura). Com isso, ele afirma que seria esse estado de coisas que possibilitaria uma série de sonhos de angústia – esses sonhos são caracterizados por Freud como estruturas oníricas desfavoráveis do ponto de vista da teoria da realização de desejo. Freud destaca ainda que a angústia nos sonhos pode ser de natureza psiconeurótica. Nesse caso, sua origem estaria ligada às excitações psicosssexuais, correspondendo, assim, a angústia à libido reprimida. Freud afirma, então, que essa angústia e todo o sonho de angústia teria a intencionalidade de um sintoma neurótico. Nesse caso, ele comenta que “[...] estamos no limite onde fracassa a tendência do sonho em realizar um desejo.” (Freud, 1900/1976, pp. 248) Prosseguindo, ele coloca que nos outros sonhos de angústia (os do primeiro grupo), essas sensações seriam de origem somática, citando como exemplo a dificuldade contingente na respiração dos doentes cardíacos ou

pulmonares, que logo buscariam nos sonhos desejos intensamente sufocados. Assim, Freud acredita que sonhar com esses desejos por motivos psíquicos teria como consequência o mesmo desprendimento de angústia.

Ainda nesse quinto capítulo, ao comentar sobre os dois grupos de sonhos – sentimento de angústia somaticamente determinado e a angústia nos sonhos de natureza psiconeurótica (advinda de excitações psicosexuais), Freud ressalta a existência de duas formações psíquicas envolvidas em ambos os grupos: uma inclinação afetiva; e um conteúdo de representações. Segundo ele, algumas vezes, seria a angústia de via somática que promoveria o conteúdo de representação reprimida e, em outras, seria este conteúdo de representações, que liberado da repressão e atravessado por uma excitação sexual, promoveria o desprendimento da angústia. Quando um está correntemente ativo, pode também evocar o outro, de modo que a angústia somaticamente determinada evoca o conteúdo de representações reprimidas. No outro caso, o conteúdo de representações, juntamente com a concomitante excitação sexual livre de repressão, evoca uma liberação de angústia. Ao refletir sobre o que propusera, Freud tece o seguinte comentário:

Podemos dizer que no primeiro caso um afeto dado somaticamente é interpretado de maneira psíquica; no segundo, tudo é dado psiquicamente, mas o conteúdo que se encontrava reprimido é substituído com facilidade por uma interpretação somática adequada à angústia. As dificuldades de compreensão que aqui se apresentam pouco têm a ver com o sonho; elas provêm do fato de com essas discussões tocarmos o problema da geração da angústia e o problema do recalçamento². (Freud, 1900/2012, pp. 258-259)

Na seção γ , intitulada *Outros Sonhos Típicos*, ao comentar sobre os sonhos típicos nos quais o sonhador se descobre voando em pleno ar com o acompanhamento de sensações agradáveis, ou se vê caindo com sensações de angústia, Freud argumenta que esses sonhos podem repetir impressões da infância, estando relacionados com jogos que envolvem movimentos tão singularmente atraentes para as crianças. Nesse sentido, ele coloca que o prazer experimentado por crianças ao serem balançadas em gangorras, por exemplo, pode ser reproduzido quando elas veem acrobacias no circo executadas com grande habilidade. Não raro, esses jogos de movimento em si considerados inocentes, como comenta Freud, são

² Embora o tradutor tenha utilizado “recalçamento” para se referir à “repressão”, a pesquisadora optou por usar “repressão” por achar o termo mais adequado.

capazes de despertar sensações sexuais. A relação desses sonhos com experiências infantis foi estabelecida a partir das indicações que Freud obteve das análises com psiconeuróticos. Assim, segundo ele, essas “correrias” da infância se repetem nos sonhos de voar, cair, sentir tonteiras ou vertigens etc. Diante dessas proposições, Freud afirma que possui boas razões para recusar a ideia de que as sensações tácteis ou pulmonares durante o sonho são as fontes dos sonhos de voar e/ou cair, ou seja, ele não concorda com a hipótese de que tais sensações são partes do conteúdo do sonho. Desse modo, Freud afirma que tais sensações são reproduzidas a partir da recordação a qual o sonho se refere e, portanto, são conteúdos deste e não a sua fonte (Freud, 1900/1976).

Na parte δ , *Sonhos com Exames*, Freud afirma que os sonhos de angústia podem ocorrer quando o sonhador possui, por exemplo, alguma responsabilidade no dia seguinte, por exemplo, e teme que seja um fiasco. Entretanto, afirma que esses sonhos procuram alguma ocasião do passado em que uma grande angústia tenha se mostrado injustificada e tenha sido desmentida pelos acontecimentos, ressaltando, nesse sentido, que a sensação de angústia decorre de restos diurnos. Mais adiante, para retratar o que vinha propondo, ele comenta sucintamente um caso: trata-se de um paciente que resolveu não fazer vestibular em sua primeira tentativa, mas que foi aprovado posteriormente e, em seguida, foi reprovado em um exame do exército. Esse paciente relatou a Freud, em análise, que sonhava frequentemente com o primeiro exame e nunca com o segundo. Frente a isso, Freud adverte que os sonhos com exames também enfrentam dificuldades assim como os sonhos típicos, uma vez que raramente o material que o sonhador fornece em suas associações é suficiente para a interpretação do conteúdo onírico.

No capítulo VI (*O Trabalho dos Sonhos*), mais especificamente na seção E (*A Representação por Símbolos no Sonho. Outros Sonhos Típicos*), Freud afirma que a presença de símbolos nos sonhos pode dificultar a tarefa de interpretá-los. Na maioria das vezes, a técnica de interpretação segundo as associações livres do sonhador pode deixar aquele que escuta o paciente em apuros a respeito dos elementos simbólicos do conteúdo do sonho. Na seção IX, *Sentimento da Realidade e Representação da Repetição [1919]*, ao comentar a respeito da análise do sonho de uma criança, Freud afirma que os sonhadores dispõem do simbolismo desde o princípio. Já na seção XII, ao trabalhar a relação do simbolismo nos sonhos, ele comenta que os sonhos de perda de trem são tipos de sonhos que podem ser classificados como próximos aos sonhos com exames. Freud caracteriza, então, os sonhos de perda de trem como sonhos de consolação para a angústia sentida no sono, os quais, por sua

vez, corresponderiam ao medo de morrer. Para Freud, a compreensão desses dois tipos de sonhos se torna difícil devido ao fato de que a expressão de consolo se encontra ligada exatamente ao sentimento de angústia. Portanto, devido a sua semelhança no que se refere à impressão afetiva, os sonhos em que não se alcança um trem podem ser classificados, como antes mencionado, junto dos sonhos de exame. Dessa forma, são sonhos que consolam o indivíduo de outra moção de angústia sentida enquanto se dorme: a angústia frente à morte, considerando que o “partir” constitui um dos símbolos mais comuns e que melhor podem fundamentar a ideia de morte. Nesse sentido, Freud considera que os sonhos dizem consoladamente ao indivíduo: “Calma, não morrerás (não partirás).”, da mesma forma que os sonhos de exame tranquilizam: “Nada temas, tampouco esta vez te ocorrerá algo.” (Freud, 1900/1976, pp. 388)

Ainda na parte *XII*, Freud retoma o que abordara no capítulo anterior, mais especificamente na seção γ (*Outros Sonhos Típicos*): ao retornar ao segundo grupo de sonhos típicos – sonhos de voar, flutuar, nadar, cair etc. –, ele afirma que em cada caso há um significado distinto e somente o material das sensações contido neles emerge sempre da mesma fonte. No entanto, como já afirmara anteriormente, esses sonhos reproduzem as impressões da infância, no sentido de se relacionarem com os jogos de movimento e por serem singularmente atraentes para os infantes. Freud retoma também a ideia antes trabalhada (no capítulo anterior) de que esses jogos de movimento, em si inocentes, despertam sensações sexuais. Mais adiante, ele cita um exemplo sobre o tio que toma seu sobrinho nos braços e o faz voar pela casa, ou até mesmo o balança sobre os joelhos brincando de quase o deixar cair, lançando-o ao ar como se não fosse sustentá-lo novamente. Segundo Freud, nessas situações, as crianças dão gritos de alegria e parecem não se cansar de pedir uma repetição, particularmente quando há algo que as faz sentir susto ou vertigem. Nos anos posteriores, ele acredita que se procura nos sonhos tais repetições, porém sem a presença das mãos que sustentavam a criança, de modo que se flutua ou cai livremente (sem apoio). Quanto à relação dessa repetição e a angústia, Freud comenta: “Para dizê-lo com uma palavra usual entre nós, que abrange todos esses fatos: esses sonhos de voar, cair, sentir vertigens etc. repetem {retomam} as “correrias” da infância, cujos sentimentos de prazer agora se transformaram em angústia³. (Freud, 1900/2012, pp.295)

³ Embora o tradutor tenha traduzido “*Angst*” por medo, a pesquisadora optou por usar “angústia”, por considerar um termo mais adequado.

Logo em seguida, Freud também reafirma o que havia comentado no capítulo V: que possui razões para não aceitar a explicação que sustenta que o estado da sensibilidade cutânea durante o sono e as sensações de movimento pulmonar dentre outras sensações seriam capazes de provocar os sonhos de voar ou cair. Para ele, tais sensações seriam reproduzidas a partir da recordação a qual o sonho se refere e, portanto, seriam conteúdos do sonho (e não de suas fontes). Assim, esse material – que consiste em sensações de movimento de tipos semelhantes e oriundas da mesma fonte – é utilizado para representar os mais diversos tipos de pensamentos oníricos (Freud, 1900/1976).

Quanto aos sonhos de queda, Freud acredita que eles apresentam mais frequentemente o caráter de angústia. Ele afirma que a interpretação desse tipo de sonho não oferece dificuldade alguma nas mulheres, justificando que elas quase sempre aceitam o uso simbólico da queda como paráfrase do ceder a uma tentação erótica. Freud acrescenta ainda que uma grande quantidade de sonhos que tendem a ser angustiantes e têm por conteúdo o atravessar espaços estreitos ou a permanência na água “[...] tem sua origem em fantasias acerca da vida intrauterina, da permanência no ventre da mãe e do ato do nascimento.” (Freud, 1900/2012, pp. 425)

Freud observa ainda que quanto mais se ocupava em solucionar os sonhos, tanto melhor se encontrava disposto a reconhecer que a maioria dos sonhos dos adultos tratava de um material sexual e expressava desejos eróticos. Somente pode formar um juízo sobre eles, afirma Freud, aquele que realmente analisa sonhos, no sentido de penetrar desde o seu conteúdo manifesto até os pensamentos oníricos latentes, não se contentando com o relato desse primeiro tipo de conteúdo apenas. Ademais, ele comenta que o que acabara de apresentar não contém algo surpreendente, pois se encontrava em plena harmonia com os princípios estabelecidos para a explicação dos sonhos (Freud, 1900/1976).

Posteriormente, ele retoma o tema da participação dos estímulos orgânicos perturbadores do dormir na formação dos sonhos e afirma que os sonhos produzidos sobre tais influências não somente exibem a tendência à realização de um desejo, como também apresentam um simbolismo evidente: “[...] não é raro que um estímulo que já havia tentado em vão se satisfazer sob um disfarce simbólico provoque o despertar.” (Freud, 1900/2012, pp. 404) Segundo Freud, isso vale para os sonhos de poluição e também para os desencadeados por pressão vesicular ou intestinal. Diante dessa exposição, ele cita Otto Rank (1912):

O caráter peculiar dos sonhos polucionais nos permite não apenas desmascarar diretamente certos símbolos sexuais, já reconhecidos como típicos, embora contestados com energia, mas também pode nos convencer de que muitas situações oníricas de aparência inocente são apenas o prelúdio simbólico de uma cena sexual grosseira, que na maioria dos casos, contudo, alcança uma figuração direta apenas nos sonhos polucionais, relativamente raros, enquanto com bastante frequência se transforma num sonho de angústia, que também leva ao despertar. (Freud, 1900/2012, pp. 428)

Não obstante, é interessante ressaltar o que Freud comenta acerca dos afetos no sonho, na seção *H (Os Afetos no Sonho)*, em que afirma que uma tendência afetiva, chamada “disposição de ânimo”, pode emergir como elemento dominante no sonho e comandar o próprio sono. Essa disposição de ânimo pode proceder das vivências e suposições do pensamento do dia ou de fontes somáticas. Em ambos os casos estão acompanhados pelas suposições de pensamento que lhe correspondem. É possível que em um caso, este conteúdo de representação dos pensamentos oníricos condicione primariamente à inclinação afetiva, ao passo que em outro, pode ser evocado secundariamente por uma disposição de sentimentos que, por sua vez, pode ser explicado em termos somáticos, o que é indiferente para a formação do sonho. Em qualquer caso, a formação do sonho está sob a restrição de apenas figurar o que for realização de desejo e somente do desejo emprestar sua força psíquica impulsora. Essa disposição psíquica atualmente existente receberá o mesmo tratamento que as sensações que emergem enquanto se dorme, que ou será negligenciada ou reinterpretada no sentido de uma realização de desejo. Já as inclinações psíquicas penosas se converterão em forças impulsoras do sonho, despertando desejos enérgicos que é chamada a realizar no sonho. De acordo com Freud, o material a que essas disposições de ânimo se ligam será retrabalhado até que possa ser utilizado para expressar a realização de desejo. Com a elucidação abaixo, Freud acredita ter tocado no problema dos sonhos de angústia, que se apresentam como um caso limite para a operação onírica:

Quanto mais intenso e dominante for o elemento da disposição desagradável nos pensamentos oníricos, tanto mais certamente as moções de desejo reprimidas com mais força aproveitarão para serem figuradas, visto que devido à existência atual do desprazer, que de outro modo teriam de gerar por conta própria, já encontram pronta a parte mais difícil do trabalho necessário para se imporem à figuração, e com essas explicações tocamos outra vez o problema dos sonhos de angústia, que se mostrarão como o caso-limite para a produção onírica. (Freud, 1900/2012, pp. 513)

Ao comentar sobre a censura, Mezan destaca que ela pode incidir sobre dois grupos: experiências do dia anterior ou recordações infantis. Embora essas experiências selecionadas pela memória onírica (primeiro grupo) sejam de pequena importância ou facilmente esquecidas, na interpretação são reveladas experiências mais relevantes, as quais o elemento manifesto faz referência indiretamente. Com isso, o autor evidencia a aparição do mecanismo chamado deslocamento, que “[...] consiste no desvio do acento psíquico de uma ideia para outra.” (pp. 79) Segundo ele, as reminiscências infantis se tornam recentes pela experiência diurna e são elas que representam o reservatório principal dos pensamentos oníricos. Ainda de acordo com Mezan, a análise dos históricos confirma esse fenômeno da atualização de experiências infantis nos sonhos. As impressões provenientes do dia, os problemas não resolvidos e outras experiências recentes somente servem para o trabalho do sonho ao se associarem ao desejo infantil que, por sua vez, é caracterizado por ser inconsciente e reprimido (Mezan, 1998).

Na seção *I (A Elaboração Secundária)* ainda do sexto capítulo, Freud propõe colocar em destaque o quarto fator daqueles que participam da formação dos sonhos. Afirma que ao prosseguir a investigação do conteúdo dos sonhos da maneira que tinha indicado (comparação dos eventos manifestos no sonho com suas fontes nos pensamentos oníricos) se deparou com elementos que requerem uma suposição inteiramente nova para fins de esclarecimento. Diz ele:

Recordo aqueles casos em que nos admiramos, incomodamos ou resistimos no sonho, e, mais exatamente, em relação a um fragmento do próprio conteúdo onírico. A maioria dessas manifestações de crítica no sonho não são dirigidas ao conteúdo onírico, mas se mostram como partes tomadas do material onírico e convenientemente utilizadas, conforme expus com exemplos apropriados. Porém algumas dessas manifestações não se submetem a semelhante explicação; não conseguimos encontrar seus correlatos no material onírico. (Freud, 1976/2012, pp. 514)

Em seguida, Freud reflete sobre o que denomina como crítica: "Isto é só um sonho." (Freud, 1900/1976, pp. 485) Nesse sentido, ele comenta que parece haver para aquele que sonha um querer diminuir a importância do que acabara de vivenciar, de modo que seja possível a tolerância do que está por vir. Acrescenta ainda que essa crítica serve para adormecer certa instância que, nesse momento do sonho, teria todos os motivos para despertar e para proibir a continuação do mesmo. Assim, ele argumenta ser mais cômodo retornar a

dormir e tolerar o sonho já que é somente um sonho. Diante dessas reflexões, Freud supõe que a desdenhosa crítica “Isso é somente um sonho” emerge no próprio sonho quando a censura (que não adormece completamente) se encontra surpreendida pelo sonho que já deixou acontecer. A censura utiliza tais palavras para combater o sentimento de angústia ou aflição decorrente do sonho. Para Freud, “é uma exteriorização de um *esprit d'escalier* por parte da censura psíquica.” (pp. 485), destacando, em nota de rodapé, que essa expressão francesa remete ao agir com atraso quando a oportunidade já passou.

Na seção *C (Acerca da Realização de Desejos)* do capítulo VII (*A Psicologia dos Processos Oníricos*), ao tratar do modo como se comporta o sonho quando os pensamentos oníricos lhe oferecem um material que é o completo oposto de uma realização de desejo, Freud classifica em dois grupos as possíveis consequências vivenciadas diante disso. Em um deles podem ocorrer substituições das representações aflitivas por seus contrários e, com isso, desencadear a supressão dos afetos desprazerosos a elas ligadas. No outro grupo, o trabalho onírico se volta para as representações aflitivas que, modificadas em maior ou menor grau, porém reconhecidas, conseguem alcançar o conteúdo manifesto dos sonhos. Segundo Freud, o conteúdo aflitivo dos sonhos pode ser experimentado com indiferença ou podem aparecer acompanhados do afeto aflitivo ligado ao conteúdo de suas representações, podendo levar ao desenvolvimento da angústia ao despertar. Quanto aos sonhos desprazerosos, Freud os considera também como realizações de desejo. Esse tipo de sonho pode ser de punição, considerando que neles também o que se realiza é o desejo inconsciente – desejo de ser punido por uma moção de desejo reprimida e proibida. Freud acrescenta que apesar de se tratar de um desejo inconsciente (isto é, pré-consciente), o mesmo não se encontra pertencente ao reprimido (ao sistema inconsciente), mas sim ao Eu. Consequentemente, os sonhos de punição indicam a possibilidade de que o Eu tenha uma participação maior na formação dos sonhos do que foi suposto anteriormente. Diz ele:

A satisfação pela realização do desejo recalcado pode ser tão grande que equilibra os afetos desagradáveis relacionados aos restos diurnos; em consequência, a tonalidade afetiva do sonho é indiferente, embora ela seja, por um lado, a realização de um desejo e, por outro, a de um temor. Ou pode acontecer que o eu adormecido tenha uma participação ainda maior na formação do sonho, reaja com uma indignação violenta à satisfação concretizada do desejo recalcado e chegue a dar um fim ao sonho por meio da angústia. Assim, não é difícil reconhecer que os sonhos desprazerosos e os sonhos de angústia, no sentido de nossa teoria, são realizações de desejo tanto quanto os sonhos puros de satisfação. (Freud, 1900/2012, pp. 585)

De acordo com Mezan, o Eu pode se defender por meio da angústia. Isso caracterizaria o pesadelo no sonho e levaria ao seu término. Assim, o autor considera que o Eu pode empreender uma defesa e que a mais extrema delas seria a liberação de angústia, tendo ele sido ameaçado, por assim dizer, pelo desejo que se mostra como perigoso. Desejo este que se apresenta disfarçado pela experiência recente (Mezan, 1998).

Na seção *D (O Despertar pelo Sonho – A Função do Sonho – O Sonho de Angústia)*, é válido destacar que Freud (1900/1976) ao comentar brevemente sobre o sintoma, faz uma menção não somente à angústia, mas também à fobia, de forma igualmente sintética. Ele afirma que o sintoma seria formado para evitar a irrupção de angústia e que a fobia se apresentaria como uma “fronteira” contra a angústia.

Continuando o capítulo em análise, Freud (1900/1976) trata da sufocação e da geração de afeto. A sufocação tem como propósito e resultado impedir a liberação de desprazer, se estendendo também às representações do inconsciente na medida em que a liberação de desprazer pode começar a partir desse conteúdo. Nessa perspectiva, ele levanta a seguinte hipótese sobre a natureza da geração do afeto:

Serve-nos de base aqui uma hipótese bem determinada sobre a natureza da geração de afeto. Essa liberação é vista como uma função motora ou secretória, cuja chave de inervação se encontra nas representações do *Ics*⁴. Mediante a dominação por parte do *Pcs*, essas representações são por assim dizer estranguladas, inibidas na emissão de impulsos [*Impulse*] geradores de afeto. O perigo, quando cessa o investimento por parte do *Pcs*, consiste assim em que as excitações inconscientes liberem tal afeto, que — em consequência da repressão ocorrida antes — pode ser percebido apenas como desprazer, como angústia. (Freud, 1900/2012, pp. 610)

É pertinente observar que Freud apresenta uma relação entre a geração de afeto e uma descarga somática desprazerosa em sentido próximo ao apresentado no *Projeto...* (1950). Neste texto, Freud concebe o afeto como consequência da vivência de dor, ou seja, como uma descarga de desprazer resultante da reativação da recordação de um objeto hostil envolvido em tal vivência.

⁴ Devido ao tradutor, houve a mudança de nomenclatura dessa citação em comparação com a utilizada durante todo o texto. Isso ocorreu tanto para o *Icc* quanto *Prcc*.

No apêndice A, *Uma Premonição Onírica Realizada* (da seção IX), Freud volta a mencionar a angústia, porém a relacionando com duas categorias dos sonhos. São elas: sonhos que representam um desejo reprimido sem disfarce ou com um disfarce insuficiente, no qual a angústia ocupa o lugar da distorção onírica; e sonhos que expressam disfarçadamente um desejo reprimido, em que a angústia só é evitada por conta do trabalho do sonho.

Considerações finais

O primeiro momento em que Freud menciona a angústia em *A Interpretação dos Sonhos* (1900) é no capítulo IV. O sonho de angústia é entendido como uma subespécie dos sonhos de conteúdo aflitivo. Nesse capítulo, Freud retoma também a ideia da neurose de angústia abordada em *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia* (1950). Nesse artigo, ele afirma que a angústia neurótica advém da vida sexual, que consiste na libido que se desviou de sua finalidade e que não encontrou uma aplicação. Desse modo, no fim do capítulo supracitado, Freud conclui que os sonhos de angústia consistiriam em sonhos de conteúdo sexual, nos quais a libido se transformou em angústia.

No capítulo V, ele segue com a noção trabalhada no capítulo anterior, afirmando que a angústia nos sonhos corresponde à libido reprimida, o que evidencia, por assim dizer, a sua natureza psiconeurótica. Além disso, ele propõe outro grupo de sonhos aflitivos nos quais a angústia teria uma origem somática. Freud formula a hipótese de que a angústia de via somática promove o conteúdo de representações reprimidas. Essas representações, desprendidas da repressão e perpassadas pela excitação sexual, seriam capazes de promover a liberação de angústia. Para o primeiro grupo, ele sustenta que o afeto se manifestaria por via somática, enquanto que a sua elaboração se daria psiquicamente. O segundo grupo já se encontra na dimensão psíquica, porém seu conteúdo reprimido poderia ser substituído por uma interpretação somática adequada à angústia. É interessante observar que, no fim da discussão desenvolvida ao longo deste capítulo, Freud coloca que as dificuldades que se apresentaram não são diretamente relacionadas com o sonho em si, mas dizem respeito à repressão e ao desenvolvimento da angústia.

No sétimo e último capítulo, a liberação de angústia é entendida como algo que pode ocorrer após o despertar de um sonho de conteúdo aflitivo. Freud comenta sobre os sonhos de punição, argumentando que neles a angústia surge devido à percepção (pelo pré-consciente) da tentativa de realização de uma moção de desejo proibida.

De um modo geral, é possível perceber que nesse momento da obra freudiana, portanto, prevalece a hipótese da angústia como resultado da transformação da libido, assim como a suposição de que a angústia é posterior à repressão.

CAPÍTULO 2 - A ANGÚSTIA NO CASO DO PEQUENO HANS

O caso do pequeno Hans, segundo comentários de James Strachey (1909/1976), teria sido publicado por Freud dois anos antes em um artigo chamado *O Esclarecimento Sexual das Crianças* (1907c). Contudo, Strachey coloca que o garoto era referido por Herbert nas primeiras edições desse artigo e que o nome teria mudado para Hans depois da publicação do texto em análise. Ademais, o caso clínico também teve uma breve referência em outros artigos anteriores, dentre eles *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças* (1908c).

Na introdução da *Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos* (1909), Freud faz algumas notificações, como o fato de que o caso clínico que se propôs expor não provém de suas observações diretas do paciente, mas de cartas trocadas com o pai do garoto. No entanto, ele relata que houve uma orientação quanto ao plano de tratamento para o caso, bem como uma intervenção pessoal com o menino, apenas uma vez. Freud declara que, ao observar a posição do pai de Hans diante do caso clínico do garoto, observou também o encontro em uma só pessoa da presença de uma autoridade paterna e médica e, com isso, de interesses tanto terno quanto científico. Freud acreditou na possibilidade de obter a partir do método uma aplicação em um único caso e afirmou que o valor peculiar dessa observação estava relacionado à consideração de que o tratamento pela psicanálise de um adulto neurótico por um médico chegava ao fim em virtude do trabalho de descobrimento, estrato por estrato, de certas formações psíquicas relacionadas à sexualidade infantil. A partir disso, Freud relata que há anos vinha solicitando insistentemente aos seus discípulos e amigos que reunissem observações sobre a vida sexual das crianças que, segundo ele, na maioria das vezes decorriam de forma despercebida ou eram negadas propositadamente (Freud, 1909/1976).

Os primeiros relatos de Hans datam de um período em que ele ainda não havia completado três anos de idade. Por meio de várias observações e perguntas, Hans demonstrava um vivo interesse pela parte de seu corpo que costumava chamar de “pipi”. Em suas reflexões, o garoto observou o seu entorno e concluiu uma característica essencial quanto à distinção de seres vivos e coisas inanimadas. Os seres animados possuíam pipi, como é o caso do cavalo e do cachorro, enquanto os inanimados, não. Com isso, Freud comenta sucintamente que o apetite pelo conhecimento e a curiosidade sexual do garoto pareceriam inseparáveis. No presente caso, a curiosidade se estendia muito em particular a seus pais (Freud, 1909/1976).

Ainda nessa introdução, Freud coloca que o interesse do menino pelo seu pipi não seria meramente teórico, de modo que tal interesse o estimulava a tocar seu membro. Freud busca ainda retratar a ocasião que levou o pequeno garoto a adquirir o complexo de castração, ocorrido por volta de seus três anos e meio. Nesse momento, ao vê-lo com a mão no pênis, sua mãe o ameaçou dizendo que caso o visse novamente tocando seu órgão, iria chamar o Dr. A. para cortá-lo. Em seguida, ela o questionou como ele iria fazer para urinar. A resposta de Hans foi que o faria com o traseiro. Freud comenta que apesar dessa resposta ter sido emitida sem nenhuma culpa, ela corresponderia ao momento em que houve a aquisição do complexo de castração (Freud, 1909/1976).

Freud destaca ainda que o nascimento de Hanna (irmã de Hans), quando ele tinha três anos e meio, constituiu um grande evento na vida do menino. Ele se mostrava tenso e desconfiado diante de tudo que via e, segundo consideração de Freud, sua primeira desconfiança se fazia com relação à cegonha que supostamente trazia as crianças recém-nascidas. Nessa ocasião, o pai de Hans conta à Freud, através das cartas trocadas, que o garoto tinha bastante ciúmes da nova criança e que dizia com desprezo que a recém-nascida não tinha dentes, enquanto a mesma recebia elogios. O pai ainda comenta que nos primeiros dias, Hans foi muito relegado, teve uma forte angina e que durante sua febre ele foi ouvido dizendo que não queria uma irmãzinha. Em uma situação posterior, ao ver sua pequena irmã de três meses tomando banho, o menino disse com voz de compaixão: “[...] tem um pipi muito, mas muito pequeno” (Freud, 1909/1976, pp. 14). No entanto, foi apenas aos quatro anos e meio que Hans reconheceu a diferença entre os genitais masculinos e femininos ao assistir novamente darem banho em sua irmã.

Após fazer essas considerações, Freud passou a expor na seção *Histórico Clínico e Análise* os fragmentos das correspondências trocadas entre o pai de Hans e ele. Nessas, o pai do pequeno garoto diz que o menino tem medo que o cavalo o morda na rua e que esse medo parecia relacionado com o fato de que um pênis grande o assustava. De modo geral, o material contido nessa carta dizia respeito a uma perturbação nervosa, que estava deixando o pai do menino e sua esposa muito preocupados (Freud, 1909/1976).

A primeira vez que o sonho de angústia apareceu em *Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos* (1909) foi na seção supracitada, em que Hans, com quatro anos e quatro meses, acordou de um sonho chorando. O conteúdo onírico, segundo o pequeno garoto, foi o de que sua mãe havia ido embora e, com isso, ela não poderia lhe fazer mimos.

Em continuação ao relato do pai, é interessante destacar suas observações quanto a um comportamento semelhante que ocorreu no verão de Gmunden, em que Hans ao ir para a cama apresentava, com certa frequência, uma disposição bastante sentimental. Certo dia, o pequeno garoto fez uma observação da qual seu pai não se recordava muito claramente, mas a registrou da seguinte forma: “Imagine se eu não tivesse nenhuma mãe e se você fosse embora.” (pp. 22) Logo após isso, o pai, com certo descontentamento, relatou que quando Hans estava sob tal estado (sentimental) sua mãe o acolhia em sua cama.

Em continuação, há outro registro feito pelo pai: um passeio da babá com o garoto em Stadpark. Na rua do local, ele começou a chorar e pediu que o levasse para a casa dizendo que queria fazer mimos com sua mãe. Quando perguntado, em casa, o porquê de não querer continuar o passeio, Hans não respondeu. Segundo observação de seu pai, ao anoitecer, o menino apresentou notável angústia, de modo que chorava e não queria ser separado de sua mãe, além de dizer que queria ser mimado por ela. Depois, o pai comentou que ele recuperou a alegria e dormiu bem. Esse acontecimento se deu no dia 7 de janeiro. No dia seguinte, a própria mãe de Hans o levou para o passeio, em Schönbrunn, local que ele gostava. Novamente, Hans chorou e não seguiu adiante, dizendo que tinha medo. Ao fim, o menino acabou prosseguindo, porém com visível angústia. No caminho de volta, ele disse à sua mãe que teve medo de que um cavalo o mordesse. À noite, novamente Hans manifestou um ataque parecido com o que teve no dia anterior, dizendo que queria fazer mimos. No mesmo dia, sua mãe perguntou se ele colocava a mão em seu pipi, ao que menino respondeu positivamente e que isso ocorria ao anoitecer, quando estava em sua cama. No dia seguinte, no entanto, antes da sesta, o garoto foi advertido para que não a colocasse. Ao acordar, o questionaram se ele havia se tocado e Hans confirmou dizendo que foi somente um pouco (Freud, 1909/1976).

Após relatar essas ocorrências, Freud afirma que esse seria o início da angústia e também o da fobia do pequeno Hans. Freud coloca ainda que o distúrbio se introduziu com uns pensamentos ternos-angustiosos e, logo após, com um sonho de angústia, cujo conteúdo era o da perda de sua mãe e, conseqüentemente, o da impossibilidade de ser mimado por ela. Com efeito, Freud acredita que a ternura do garoto pela mãe tenha aumentado enormemente, além desse ser o fenômeno básico de seu estado (Freud, 1909/1976).

Freud considera que o aumento de afeição por parte de Hans para com a sua mãe teria se transformado em angústia e que, por conseguinte, sucumbiria à repressão. Contudo, ele admite não reconhecer de onde se originaria esse impulso da repressão, mas acredita que ele

resulte da intensidade da moção indomável para o garoto, ou ainda, que haja outros poderes – ainda que eles não sejam conhecidos até o momento – capazes de cooperarem com esse impulso. Essa angústia, Freud a caracteriza como sendo um anseio erótico reprimido e que carece de um objeto, assim como acontece com toda angústia infantil. Acrescenta ainda que nisso consistiria a angústia de fato e não o medo. A fim de exemplificar o que vinha trabalhando, Freud expõe a situação de um passeio com a babá, em que Hans não quis dizer do que tinha medo. Freud afirma que ele não o fez não porque não quisesse dizer, mas sim porque realmente não sabia o que temia. No entanto, o pequeno garoto disse o que sabia: o que lhe faltava era a mãe, uma vez que ela era a pessoa com quem ele podia fazer mimos, além de haver o desejo de não querer se separar dela (Freud, 1909/1976).

Com isso, pode-se observar que a angústia, nesse momento, é abordada em relação à repressão, no sentido de ser concebida após tal processo. Assim, a partir do que vem sendo exposto, o que se pode dizer é que Hans tinha um desejo intenso e erótico pela mãe e que, diante da impossibilidade de ser mimado e ficar com ela, ele reprime tal moção.

Freud (1909/1976) prossegue comentando que, por duas vezes sucessivas e repetidas, ao anoitecer antes de dormir, o menino se angustiava muito, pois antes de se deitar ele era acometido por intensa libido, cujo objeto era sua mãe e cuja meta era dormir junto dela. Em consonância com essas percepções, Freud comenta que Hans aprendera por própria experiência, em Gmunden, que, em função dessas disposições de ânimo, ele poderia se dirigir até a sua mãe, e a mesma o acolheria em seu leito, ao contrário do que acontecia em Viena – local em que o pequeno garoto e sua família residiam naquele momento. Desse modo, a respeito da angústia, Freud concluiu que:

A angústia corresponde então a um anseio reprimido, porém não é o mesmo que o anseio; a repressão também deve ser levada em conta. O anseio pode se transformar completamente em satisfação aportando o objeto angustiado; essa terapia não serve para a angústia, que permanece embora o anseio possa ser satisfeito. Já não se pode voltar a transformar-se inteiramente em libido: a libido é retida em repressão por alguma coisa. É o que evidencia o segundo passeio de Hans, quando a mãe o acompanha. Estava com a mãe e, ainda assim, tinha angústia, digamos, de um anseio não saciado em relação a ela. É certo que a angústia era pouca, se foi ele que se permitiu passear, ao passo que obrigou a babá a levá-lo de volta para a casa; além disso, a rua não é o lugar conveniente para fazer mimos ou o que quer que esse pequeno apaixonado gostaria de fazer. Mas a angústia resistiu à prova e agora se vê na necessidade de encontrar um objeto. Nesse passeio, ele exteriorizou, pela primeira vez, o medo de ser mordido por um cavalo. (Freud, 1909/1976, pp. 24)

Ao colocar que foi a primeira vez que surgiu aqui o medo de ser mordido por um cavalo, Freud imediatamente se questiona de onde teriam vindo os elementos para a fobia do garoto. Coloca, então, a probabilidade de que possa ter sido proveniente de complexos ainda desconhecidos, porém que tiveram sua contribuição para a repressão e mantiveram em estado reprimido a libido destinada à mãe (objeto) (Freud, 1909/1976).

Outro ponto em relação à angústia levantado por Freud, foi o fato de o menino admitir que tinha prazer com seu pênis antes de dormir. Nesse sentido, comenta que o médico da família, diante desse fato, diria que o problema apresentado pelo garoto estaria explicado. Entretanto, afirma que o fato de Hans obter satisfação com o próprio órgão não explica em absoluto a sua angústia. Prosseguindo com seu comentário, observa que Hans, neste momento com quatro anos e nove meses, teria proporcionado prazer a ele mesmo há pelo menos um ano e que em certas ocasiões ele de fato teria lutado para se desabituair, o que condizia melhor com a repressão e a formação de angústia. Já o complexo de castração, apontado por Freud, aparece quando foi esclarecido a Hans que as mulheres não possuíam pipi. Diante dessa informação, ele parece ter se mostrado resistente (Freud, 1909/1976).

Mais adiante, Freud comenta a respeito de uma consulta (intervenção pessoal) que teve com o pequeno garoto, revelando-o que ele tinha medo de seu pai por gostar muito de sua mãe. Freud reconhece que a partir daquela intervenção não seria possível que o garoto se livrasse de sua angústia subitamente, no entanto já seria possível a apresentação de seus produtos inconscientes e o desenrolar de sua fobia. Em uma carta enviada a Freud, o pai de Hans informa que houve um progresso em relação aos sintomas desde que ele recebeu os esclarecimentos na consulta com ele – “[...] subsiste somente um resto de angústia, sendo claro o progresso desde o esclarecimento.” (Freud, 1909/1976, pp. 37)

É pertinente destacar o jogo de forças que levava Hans à angústia, segundo observação de Freud. Nesse sentido, cabe ressaltar a fala do garoto em uma conversa com o pai: “Por que você me disse que eu tenho carinho para com a mamãe e que tenho medo por isso, se o que tenho é carinho por você?” (Freud, 1909/1976, pp. 38) A partir dessa passagem, é possível notar que o amor pelo pai se encontra em conflito com certa hostilidade em consequência de seu papel competidor diante da mãe. No mais, o pai também percebe isso ou, como enfatiza Freud, adquire o convencimento sobre tal hostilidade proveniente do pequeno garoto. Mais adiante, Freud coloca que a angústia de Hans tinha dois componentes: medo de seu pai e

medo pelo seu pai. A primeira advinha da hostilidade sentida pelo mesmo; e a segunda, do conflito entre a ternura e a hostilidade. A passagem abaixo retrata de forma sucinta como esses dois componentes se desenvolveram.

O fato de que ele, no máximo, mal se atreve a chegar até a porta da rua, mas não sem se distanciar {weggehen} de casa, retornando à metade do caminho ao primeiro ataque de angústia, se deve ao medo de não encontrar os pais em casa por eles terem ido embora. Ele se prende a casa por amor de sua mãe; seu medo de que eu me afaste obedece aos desejos hostis que ele nutre em relação a mim, pois, assim, ele seria o pai. (Freud, 1909/1976, pp. 39)

Quanto à instalação da fobia, Freud considera que ela ocorreu no momento em que Hans viu um cavalo grande e pesado caindo. Uma das interpretações para essa impressão parece ser a de que o próprio pai do garoto enfatizou: seria o desejo de Hans, naquele momento, de que o pai caísse daquele mesmo modo e morresse (Freud, 1909/1976).

Quanto ao desejo de ficar com a mãe, destaca-se o seguinte acontecimento: o pai perguntou a Hans se ele havia pensado em Hanna cair na água durante o banho e morrer, possibilitando, assim, que ele ficasse sozinho com sua mãe. O menino confirmou e o pai o advertiu que um bom menino não desejaria esse tipo de coisa. No entanto, Hans afirma que poderia continuar a pensar sobre isso, mesmo após tal advertência (Freud, 1909/1976).

Uma conclusão satisfatória para o caso do pequeno paciente, de acordo com Freud, foi a brincadeira do garoto de ter filhos imaginários. A respeito desse episódio, o pai relatou, em uma carta destinada a Freud, que dissera a Hans que meninos não podiam ter filhos, como já o avisara anteriormente. Hans, então, respondeu que já sabia e que antes ele era a mãe dos filhos, porém agora ele era o pai. Quando esse o interrogou quem seria a mãe e, logo, Hans afirmou que seria sua própria mãe, e seu pai, no entanto, seria o avô das crianças. Esse, por sua vez, o perguntou se ele gostaria de ser do seu tamanho, casado com sua mãe e de ter filhos com ela. Hans confirmou e acrescentou que sua avó de Lainz (mãe de seu pai) seria a avó de seus filhos. Em comentário a esse diálogo do menino para com o seu pai, Freud coloca que o “[...] pequeno Édipo encontrou uma solução mais feliz da prescrita pelo destino. Em lugar de eliminar o pai, o concede a mesma felicidade que ansiava para si; o designa como avô e também a ele o casa com a sua própria mãe.” (Freud, 1909/1976, pp. 80) Freud afirma ainda que, com isso, Hans extraiu a soma de todas as suas moções eróticas – aquelas provenientes da fase auto-erótica, bem como aquelas ligadas ao seu amor objetal.

Posteriormente, no capítulo *III. Epicrisis*, Freud propõe proceder ao exame do desenvolvimento e resolução da fobia do pequeno Hans. Inicialmente, na primeira seção deste capítulo, ele destaca algumas objeções: não considerava Hans um menino normal e acreditava que ele seria predisposto à neurose, sendo considerado um pequeno hereditário. Nesse sentido, Freud não julgava admissível transferir as inferências obtidas neste caso clínico para outras crianças, as quais ele designava como normais. Continuando, Freud coloca que na época da enfermidade e durante o curso da análise, a incongruência entre o que Hans fazia e dizia começou a aparecer. Isso se deu em parte pelo material inconsciente que o atingia, do qual era incapaz de dominar e, em parte, à sua relação com os pais, que o dissuadia de certos conteúdos (Freud, 1909/1976).

O primeiro traço atribuído à vida sexual de Hans era o seu interesse particularmente ativo pelo seu pipi. Com esse interesse, o garoto descobriu que ao se basear na presença ou ausência do órgão era possível distinguir o vivo do inanimado. Assim, para todo ser vivo, semelhante a ele, Hans pressupunha a presença desta significativa parte do corpo. O estudo dos animais grandes permitiu que Hans supusesse a presença do pipi nos seus genitores. Assim, ele também determinou a mesma hipótese para sua irmã recém-nascida, embora a tenha visto tomando banho quando ela tinha menos de uma semana de idade. Após ter notado que os animais grandes tinham um pipi tão maior que o seu, ao colocar essa hipótese direcionada aos seus pais, ele chegou à conclusão de que sua mãe poderia ter um pipi como o de um cavalo. Logo, Hans crê, como uma espécie de conforto, que o seu órgão cresceria junto com ele. Com isso, pode-se verificar que o desejo do pequeno garoto de ser grande recai de certa forma sobre seu genital (Freud, 1909/1976).

Prosseguindo, Freud observa que dentro da constituição sexual de Hans, a zona genital é a que continha prazer mais intenso, desde o começo. Além deste prazer, o único outro prazer apresentado por Hans foi o prazer excremental. A última fantasia de felicidade, com a qual a condição de enfermidade de Hans foi considerada como superada foi a que o garoto tem pequenos filhos, os quais ele leva ao sanitário, os coloca para urinar e depois limpa seus traseiros. Ao analisar essa fantasia, Freud reflete acerca da frase dita pelo pequeno garoto ao seu pai: “[...] fazer com eles tudo o que se faz com os filhos.” (Freud, 1909/1979, pp. 88) Com isso, Freud conclui que esses cuidados foram fontes de sensação de prazer para o próprio garoto. A partir da consideração de que a aquisição de prazer nesta zona erógena teve assistência de uma pessoa que cuidava dele (mãe) na época, Freud compreende que isso o conduziu à sua escolha objetual (Freud, 1909/1976).

Freud observa que na relação de Hans com seus pais, o garoto confirma de maneira evidente o que ele já tinha afirmado em *A Interpretação dos Sonhos* (1900) e nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) sobre os vínculos sexuais dos filhos com seus progenitores. Ele acredita que se tratava do pequeno Édipo que temia seu pai e gostaria de eliminá-lo para poder ficar só com sua mãe e dormir com ela.

Este desejo nasceu naquela casa de verão, quando as alternâncias de ausência e presença de seu pai tinham atraído a atenção de Hans para a condição da qual se ligava a ansiada intimidade com a mãe. Em seguida, ele se contentou com a versão de que seu pai tinha “partido de viagem” {«wegfahren»}, da qual mais tarde, graças a uma impressão acidental provocada por outra partida “poderia ligar-se de imediato à angústia de ser mordido por um cavalo branco. Logo, pela primeira vez em Viena, onde já não podia contar com a partida de viagem de seu pai, aumentava o conteúdo de que seu pai deveria ficar permanentemente longe, que estivesse <<morto>>. A angústia ante o pai, surgida desse desejo de morte dele – uma angústia, então, de motivação normal –, constituía o maior obstáculo da análise até que foi eliminada em uma declaração em meu consultório. (Freud, 1909/1976, pp. 91-92)

O nascimento de Hanna, quando Hans tinha apenas três anos e meio, influenciou de forma significativa o desenvolvimento psicosssexual do garoto. Esse acontecimento também exerceu influência na relação de Hans com seus pais, de modo que surgiram pensamentos insolúveis, em que sua condição de espectador de cuidados para com sua irmã recém-nascida possibilitou a reativação de traços de memória das suas próprias experiências remotas de prazer. Poucos dias depois do nascimento de sua irmã, Hans deixou escapar o quão pouco estava de acordo com o aumento de sua família e apresentou ainda uma hostilidade, e certa angústia, quanto à possibilidade da vinda de mais um filho. Assim, na neurose, a hostilidade já sufocada foi representada por uma angústia especial: a angústia relativa à situação da banheira. Esse fato se reporta a uma conversa de Hans com o pai, em que no fim ele expressa o desejo de que Hanna caísse na banheira e morresse, de modo que ele pudesse ficar com sua mãe – como destacado anteriormente nesta pesquisa. Freud, então, coloca que esse desejo não se apresentava tão claro à sua autocrítica, como o desejo análogo contra seu pai. Contudo, ele coloca que é evidente a forma com que Hans trata ambos (pai e irmã), devido ao fato deles o afastarem de sua mãe, não permitindo que ele fique só com ela (Freud, 1909/1976).

Iniciando a seção 2, Freud comenta sobre o adoecimento por angústia do garoto, que teve sua ocorrência no dia em que ele estava na rua (como foi exposto linhas anteriores deste

estudo). Nesta ocasião, o menino não sabia dizer do que tinha medo, porém deixou escapar ao seu pai o motivo de sua condição de enfermo: o ganho da enfermidade. Para explicar melhor o que afirmara, Freud reflete:

Hans queria permanecer junto de sua mãe, fazer mimos com ela; sua recordação de que tinha sido separado dela quando nasceu a menina também pode ter contribuído para este anseio, como sugere o pai. Logo, se tornou evidente que esta angústia já não poderia se converter em anseio: também tinha medo quando sua mãe ia com ele. Entretanto, coletamos evidências sobre aquilo a que se tinha fixado a libido transformada em angústia. Ele exterioriza o medo específico de que um cavalo branco o mordesse. (Freud, 1909/1979, pp. 93-94)

Em continuação, Freud coloca que o estado patológico, chamado de “fobia”, seria isso (se referindo ao que refletira acima) e esclarece que poderia incluir o caso de Hans na agorafobia, senão fosse o fato da fobia apresentada pelo garoto não obedecer à seguinte condição: a partir da escolha da companhia de certa pessoa para o propósito de se locomover, o doente consegue efetuá-lo, ao passo que comumente isso seria impossível. Freud destaca que dentro do sistema classificatório das neuroses até aquele momento teórico, as fobias se encontravam indeterminadas. Contudo, elas pareciam corresponder às síndromes, que por sua vez, pertenceriam a diversas neuroses, não sendo necessário atribuir-lhes um valor de processos patológicos particulares. No caso da fobia do pequeno Hans, Freud coloca que ela é uma das mais comuns, denominando-a como histeria de angústia. Acrescenta que a histeria de angústia se justifica pela semelhança entre o mecanismo psíquico da fobia e o da histeria, destacando, entretanto, um ponto de separação, que é o fato da libido desprendida do material patogênico em virtude da repressão não ter sido convertida (saído do anímico para uma inervação corporal), mas liberada como angústia. Nesse sentido, para a análise do caso de Hans, Freud chega à conclusão de que se trata de uma histeria de angústia que se manifesta com angústia e fobia, porém sem a ocorrência da conversão.

Nos casos clínicos reais, a <<histeria de angústia>> pode estar combinada em variável medida com a <<histeria de conversão>>. Há, por certo, uma histeria de conversão pura sem nenhum traço de angústia, assim como há casos de simples histeria de angústia, que se exteriorizam em sensações de angústia e fobias, sem o suplemento da conversão; um caso desta última espécie é o do nosso pequeno Hans. (Freud, 1909/1979, pp. 94)

Freud ressalta que ainda não havia sido estabelecido se a histeria de angústia se distinguiria da histeria de conversão e outras neuroses unicamente por fatores constitucionais ou por experiências acidentais ou, ainda, pela união de ambos os aspectos. Diante disso, ele coloca que a histeria de angústia parece ser uma contração de neurose que reivindica menos títulos de uma constituição particular, em que ela pode ser adquirida facilmente em uma época da vida. Afirma ainda que um caráter essencial da histeria de angústia seria o fato de se desenvolverem cada vez mais como uma fobia e, no final, a possibilidade de o enfermo ficar isento de angústia, mas somente à custa de algumas inibições e restrições, que se viu forçado a se submeter. Freud diz que na histeria de angústia há um trabalho psíquico incessante desde o seu começo, que se destina a ligar novamente a angústia liberada. Entretanto, ele coloca que esse trabalho não pode conseguir efetuar a reversão da angústia em libido, nem atá-la aos mesmos complexos dos quais provêm a libido, de modo que não há outra alternativa senão bloquear ocasiões possíveis para o desenvolvimento da angústia com proteções psíquicas de natureza de uma precaução, inibição e proibição. Assim, Freud acredita que essas são construções protetoras que aparecem como fobias e constituem a essência da doença (Freud, 1909/1976).

Tendo observado tais exposições e contribuições teóricas acima, em caráter de síntese é interessante destacar novamente o surgimento da angústia, que se dá após a ocorrência de repressão. Nesse sentido, nota-se que Freud coloca a angústia como sendo liberada a partir do processo de repressão, quando a libido se desprende do material patogênico, ao invés de ter sido convertida do anímico para o corpo. Como expresso também anteriormente, Freud afirma que a histeria de angústia tende a se desenvolver como uma fobia e o enfermo tem a possibilidade de ficar isento do acometimento da angústia, à medida que se submete às inibições e restrições provenientes da fobia. O papel desempenhado, por assim dizer, pelas inibições e restrições para com a liberação de angústia e a relação da fobia diante dessa liberação é uma questão retomada e mais bem trabalhada por Freud em 1926. Entretanto, ainda nesse artigo, a evitação manifestada pelo garoto pode ser verificada na sua resistência em sair de casa, o que funcionava na direção de um impedimento da liberação de angústia.

Segundo Telles (2003), neste caso clínico de Hans, a fobia alcança o título de psicose e passa a possuir uma equivalência com o que Freud denominou de histeria de angústia. Gori (2005) ao investigar a sintomatologia na histeria de angústia comenta que Freud, imerso na primeira teorização da angústia, argumentou a formação do sintoma fóbico no trabalho psíquico, cujo objetivo seria ligar a angústia que se encontrava em estado livre.

Ao analisar a fobia dentro das organizações psicopatológicas, a autora afirma ainda que Freud considerou a fobia como um sintoma e não uma organização libidinal independente.

Prosseguindo ainda na seção 2, Freud retoma a questão do sonho em que Hans acordara sob o estado de angústia e conclui que a repressão obteve vitória sobre o mecanismo do sonho. Freud comenta ainda que a eclosão da doença não foi tão repentina como parecia à primeira vista. Segundo ele, alguns dias antes, Hans havia acordado de um sonho sob o estado de angústia, cujo conteúdo era a partida de sua mãe, de modo que ele ficara impossibilitado de fazer mimos com ela. Freud considerou que esse sonho apontou para a presença de um intenso processo repressivo, encarando-o também como um sonho de castigo, no qual o garoto falhara na sua função do sonho, posto que o menino acordou com angústia. Freud coloca que todo o prazer sentido foi transformado em angústia e todo conteúdo de representação se transformou em seu oposto, de modo que a repressão obteve a vitória em relação ao mecanismo do sonho (Freud, 1909/1976). A respeito dos sonhos de punição, Mezan afirma que “os sonhos de punição, que também se apresentam como dolorosos, podem ser incluídos na teoria, se se levar com conta que a punição corresponde a um desejo inconsciente: o desejo de ser castigado por abrigar impulsos perversos, proibidos e portanto reprimidos.” (Mezan, 1998, pp. 90)

De acordo com a investigação de Freud a respeito do surgimento da angústia no pequeno garoto, o início de tal situação psicológica remonta ainda mais ao passado: reporta ao verão em que Hans manifestou similares disposições de ânimo de anseio e angústia, que disponibilizaram a vantagem de ser tomado por sua mãe e permanecer com ela na cama. A partir disso, Freud coloca que já nessa época aproximadamente seria possível supor a existência de uma excitação sexual aumentada, cujo objeto seria sua mãe e a intensidade se exteriorizaria em tentativas de seduzi-la (Freud, 1909/1976).

A partir do que foi obtido com a análise do pequeno garoto, Freud afirma que por trás da angústia primeiramente exteriorizada – a de que um cavalo o morderia – foi possível descobrir também um plano mais profundo dela referente aos cavalos que caem. Tanto esses cavalos quanto os que mordem representavam o pai que o castigaria por alimentar desejos tão ruins contra ele. Entretanto, nesse momento, a análise tinha se afastado da mãe. Contudo, sem interferência do pai, Hans começa a se ocupar do “complexo de *Lumpf*” e a mostrar asco diante de coisas que lhe recordam a evacuação do intestino. Ao prosseguir com esta análise referente ao conteúdo relativo ao *Lumpf*, Freud coloca que Hans insistia em acompanhar sua

mãe no banho, tendo ele repetido, posteriormente, essa experiência com sua amiga Berta, quando ele, na brincadeira com ela, ocupava o lugar de sua mãe. Isso ocorreu até que o garoto foi “notado”, ou seja, que o fato foi conhecido por seus pais, que o proibiram. “Ao fim, também o pai entra no simbolismo do *Lumpf* e reconhece uma analogia entre um carro com muita carga e um corpo carregado de excrementos, assim como o modo pelo qual o carro sai do portão e aquele em que as fezes abandonam o ventre, etc.” (Freud, 1909/1976, pp. 103)

Em seguida, Freud enumera três elementos que estiveram presentes na vida de Hans após a chegada de Hanna. Em primeiro lugar, houve um afastamento de sua mãe e uma diminuição de seus cuidados e atenção, obrigando o menino a se acostumar a compartilhar isso com a recém-chegada. Em segundo, ao observar os cuidados de sua mãe com Hanna houve uma reanimação de suas experiências de prazer quanto aos cuidados recebidos. Nesse sentido, Freud observa que de ambos os fluxos apareceu um aumento de sua necessidade erótica, ao mesmo tempo, que começou a sofrer uma falta de satisfação. Hans, então, compensou tal perda pelo nascimento de sua irmã, em uma fantasia ocorrida em Gmunden (durante sua segunda estadia no local), em que ele mesmo tinha seus próprios filhos. Isso permitiu, de acordo com a interpretação de Freud, que a sua ternura fosse capaz de encontrar uma dissipação suficiente. Por último e em terceiro lugar, contudo, o acontecimento da chegada de Hanna à família o incitou a um trabalho de pensamento que, de um lado, não se podia chegar a uma conclusão e, de outro, o envolvia em conflitos de sentimentos – assim, se instaurava um enigma a Hans: de onde vinham os bebês. Hans havia rejeitado a resposta de que seriam as cegonhas e levou em consideração a sua observação referente ao grande ventre de sua mãe, antes do nascimento de Hanna. Considerou, então, que a recém-nascida saiu do corpo de sua mãe como um *Lumpf*. Assim, a partir de suas prematuras sensações de prazer ao evacuar, ele pôde imaginar o parto como algo agradável. Com isso, teve uma dupla motivação para ter filhos pelo o mesmo objetivo: pari-los com prazer; e ter um prazer compensatório em cuidar deles (Freud, 1909/1976).

Freud comenta sobre algo a mais que perturbava Hans e que tinha relação com seu pai diante do nascimento de Hanna, à medida que o pai garantia que Hans e sua irmã eram seus filhos, apesar de não ter sido ele quem os trouxe ao mundo, mas sim sua mãe. Segundo Freud, esse era o mesmo pai que se apresentava como um impedimento para o garoto ficar próximo de sua mãe, pois em sua presença Hans não podia dormir com ela e quando ela queria levá-lo para a cama do casal, o pai gritava. Assim, Hans experimentou o quão bem se sentia quando o pai se encontrava ausente, de modo que o desejo de eliminá-lo parecia consideravelmente

justificado. O garoto também ficara impossibilitado de pedir esclarecimentos ao pai sobre o assunto do nascimento dos bebês, uma vez que esse não havia falado a verdade, afirmando somente que os bebês eram trazidos pela cegonha. Dessa forma, o pai não somente o impedia de ficar na cama com sua mãe, como também o poupava de obter conhecimento a respeito de um assunto que ele tanto ansiava (Freud, 1909/1976).

Hans se via diante de um conflito de sentimentos, em que seu pai se encontrava ora como companheiro de competição, ora como uma figura que ele amou e seguia amando pelos seus cuidados desde seus anos mais remotos. Freud afirma que o amor que Hans sentia pelo pai prevalecia provisoriamente e sufocava o ódio sentido pelo mesmo, não sendo capaz de cancelá-lo, pois o amor sentido pela mãe alimentava continuamente esse amor pelo pai. Freud acrescenta ainda que a fobia manifestada pelo pequeno garoto, além de impô-lo uma significativa restrição (ir à rua), era também o seu propósito permanecer em casa junto de sua amada mãe. Ele acredita que a fobia seria uma considerável reação contra os impulsos motores obscuros, que por sua vez, eram dirigidos à mãe (Freud, 1909/1976).

Quanto à substituição da representação do pai de Hans pela de um cavalo, bem como a relação desse deslocamento com o desencadeamento da angústia, Gori (2005) comenta que a representação paterna não se encontrava presente na consciência, ocorrendo um deslocamento para a representação de um animal (cavalo) que se presta a ser o objeto mobilizador de angústia. A partir disso, Hans empreendeu tentativas de fuga e evitação no intuito de impedir a liberação de angústia, como também é comentado acima.

Na seção 3, Freud propõe realizar alguns breves comentários a respeito das elucidações obtidas com o caso de Hans. Em primeiro lugar, afirma que “[...] Hans não é o que se imaginaria como um menino degenerado, condenado por sua hereditariedade à nervosidade. Ao contrário, ele era um mocinho de boa configuração corporal, alegre, amável e intelectualmente hábil, que poderia não somente seu próprio pai tê-lo como amigo.” (Freud, 1909/1976, pp. 114-115) Freud declara que, nesse caso clínico, se concentrou mais nos sintomas manifestados pelo garoto, sem aprofundar nas suas causas. Como consequências da análise do pequeno garoto, ele destaca que Hans se recuperou, sem medo de cavalos, assim como foi capaz de manter um relacionamento mais familiar com seu pai. Ademais, comenta que as pulsões que foram reprimidas seguiram dessa forma, porém alcançaram esse resultado por outro caminho: a análise “[...] substitui o processo de repressão, que é automático e excessivo, pelo <<domínio>> {«Bewältigung»}, mensurado e dirigido a uma meta, com

auxílio das instâncias anímicas superiores; em uma palavra: a análise substitui a repressão pelo julgamento adverso {*Verurteilung*}.” (Freud, 1909, 1976, pp. 116)

Ao fim desta seção, Freud expressa que não aprendeu algo novo que já não pudesse ter inferido em outro momento com outros pacientes tratados em idade adulta. Afirma, então, que na enfermidade de outros pacientes sempre foi possível reconduzi-los aos mesmos complexos infantis que se descobriu por trás da fobia de Hans. Nesse sentido, continua dizendo: “[...] estou tentado a reivindicar para esta neurose infantil um significado típico e pragmático, assim como a supor que a multiplicidade dos fenômenos da repressão neurótica e a riqueza do material patógeno não evitam que sejam derivadas de um número muito limitado de processos relativos a idênticos complexos de representação.” (Freud, 1909/1976, pp. 117)

De acordo com a análise sintética de Neto e Matinez (2002) deste caso clínico de 1909, Freud evidencia neste trabalho não somente a ideia da angústia de castração, mas também trabalha o surgimento da angústia a partir da repressão de elementos libidinais, como pode ser observado no drama edípico através do desejo do garoto pela mãe e eliminação do pai. Nesse sentido, a angústia sentida como ameaça de castração aparece, então, nesse processo de provocar a repressão da libido. Sendo assim, nota-se que a angústia, nesse momento teórico, emerge como a causa da repressão e não mais como seu resultado, como Freud sustentara nos anos iniciais de sua teorização. Segundo os autores, Freud destaca que o cavalo foi o objeto encontrado pela angústia do garoto e, com isso, constituía o objeto fóbico. Contudo, Freud permanecia concebendo a angústia de Hans como neurótica e, portanto, resultado da repressão dos impulsos libidinais. Frente a isso, Neto e Martinez ressaltam que seria possível refletir acerca de duas naturezas para a angústia nesse trabalho de Freud de 1909: a neurótica e a realista, considerando que a ameaça de castração para o pequeno garoto era real.

Considerações finais

Em *Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos* (1909), a concepção de angústia é entendida como posterior ao processo de repressão. A liberação de angústia se dá uma vez que a libido se encontra desprendida do material patogênico devido à repressão. Há, neste trabalho de 1909, uma passagem que evidencia mais claramente essa hipótese freudiana sobre a relação entre a angústia e a repressão. Trata-se de um sonho em que Hans, com quatro

anos e quatro meses, acorda sob o estado de angústia. Segundo Freud, este sonho reflete a falha do pequeno garoto diante da sua função no sonho, que era de ficar com sua mãe e ser mimado por ela, visto que o conteúdo onírico, por sua vez, consistia em um abandono que ele sofrera por parte dela. Freud considera que tanto o desejo do menino de ficar com sua mãe, quanto o de ser casado e ter filhos com ela constituíam desejos que ele reprimiu. Com isso, a angústia foi liberada.

Outro ponto pertinente a ser destacado nesta obra de 1909 diz respeito à angústia de Hans manifestada diante da suposição de que um cavalo o morderia ou a de que um cavalo cairia. Ao analisar essas questões, Freud conclui que ambos os cavalos (o que o morderia e o que cairia) representavam a figura de seu pai e a ideia de que este pai o castigaria pelo fato dele alimentar desejos hostis. Desejos esses que corresponderiam à sua morte, pois, dessa forma, Hans poderia ficar com sua mãe. Portanto, Freud considerou que a instalação da fobia no pequeno garoto ocorreu nessa ocasião em que o menino desejava que seu pai também caísse daquele modo que o cavalo caía e, assim, morresse.

CAPÍTULO 3 - A ANGÚSTIA NO PERÍODO DE 1915 A 1920

3.1 - Afeto e angústia em *Repressão* e *O Inconsciente*

Com o intuito de continuar avançando na investigação acerca do desenvolvimento da concepção freudiana da angústia, iremos abordar agora os textos *Repressão* e *O Inconsciente*, ambos de 1915.

No texto *Repressão* (1915), Freud inicia comentando brevemente alguns aspectos importantes referentes ao processo de repressão. Através de sua experiência clínica com as neuroses de transferência, ele pôde concluir que a repressão não consiste em um mecanismo de defesa desde o início e que ela não surge antes que seja feita uma separação entre as atividades psíquicas consciente e a inconsciente. No entanto, ele afirma que a sua essência é caracterizada pela rejeição e manutenção de algo afastado da consciência.

Posteriormente, Freud comenta sobre a existência de duas características principais da repressão, as quais ele expõe de modo puramente descritivo. Segundo ele, existe uma repressão primeva, correspondente à primeira fase da repressão, que é a negação da entrada do representante psíquico da pulsão no consciente. Com isso, ocorreria o que ele denominou como “fixação”, em que o representante psíquico continua inalterado e o instinto a ele ligado assim permanece. Já a segunda fase da repressão corresponderia ao próprio processo dessa, o qual afeta os derivados mentais do representante reprimido ou sucessões de pensamentos que tenham entrado em ligação associativa com ele. Mais adiante, Freud revela que através do estudo das psiconeuroses, ele pôde notar o efeito substancial da repressão que, por sua vez, interferiria somente na relação com um sistema psíquico, que é o consciente (Freud, 1915/1976).

Ao propor a descrição da repressão, como exposto acima, Freud coloca a necessidade de entender tanto o que acontece à representação como resultado da repressão, quanto o que ocorre à energia pulsional a ela ligada. Um destino geral se refere ao desaparecimento da representação que reflete a pulsão do consciente, nos casos em que essa fosse consciente ou, até mesmo, em ser afastada da consciência se estivesse em processo de se tornar consciente. Segundo Freud, o fator quantitativo do representante da pulsão possui três destinos possíveis: a pulsão pode ser reprimida completamente ou pode emergir como um afeto qualitativamente nuançado ou, ainda, pode se transformar em angústia. Logo em seguida, Freud afirma que “as

duas últimas possibilidades nos impõem a tarefa de contemplar, como nova vicissitude do instinto⁵ a *conversão* das energias psíquicas dos *instintos* em *afetos*, muito especialmente em *angústia*.” (Freud, 1915/2010, pp. 92) Diante disso, é possível observar que, nesse momento, a angústia está sendo compreendida como um afeto que, por sua vez, seria consequência de um dos destinos da pulsão em termos quantitativos e, portanto, como resultado da repressão.

A respeito da diferenciação referente ao destino que ocorre para o representante e para o afeto, Green afirma que tal distinção é capaz de evidenciar para o representante o seu distanciamento da consciência (ou, até mesmo, o seu desaparecimento, como exposto anteriormente), enquanto para o destino do afeto poderiam ocorrer três possíveis saídas. De acordo com o autor, e como também foi destacado linhas acima, dentre essas saídas estão: a repressão da pulsão (e não mais somente do afeto, segundo Green); a expressão de um afeto qualitativamente definido e a transposição das energias psíquicas das pulsões para afetos, especialmente para angústia (Green, 1973/1982).

Em continuação e em concordância com o que vem sendo abordado, Lyra (2007), ao investigar o processo de repressão, observa também que Freud evidencia dois representantes psíquicos da pulsão, que seriam a representação e a quota de afeto. Segundo o autor, Freud afirma que a representação pode ser reprimida, ao passo que a quota de afeto pode ter três destinos possíveis, como apresentado anteriormente. No mais, Lyra acrescenta que o êxito do processo de repressão se encontra ligado à ausência de desprazer ou angústia, que equivale a uma supressão da quota de afeto. Por outro lado, a repressão fracassaria em sua finalidade, à medida que a representação aflitiva fosse reprimida e ainda assim a quota de afeto se transformasse em angústia.

Freud exprime ainda a relação da repressão com a angústia, a partir da sua asserção acerca do objetivo da repressão, que é impedir o surgimento de sensações de desprazer e angústia. O psicanalista segue afirmando que o destino do montante de afeto da agência representante importa muito mais que o destino de representação e “[...] que isso é decisivo para o julgamento do processo de repressão.” (Freud, 1915/2010, pp. 93) Diante disso, Green (1973/1982) afirma que:

⁵ Embora o tradutor tenha adotado “instinto”, nós optamos ao longo do trabalho empregar o termo “pulsão”, devido à maior tradição e consenso no uso deste termo.

Isto nos indica que não apenas devemos levar em consideração esta “outra coisa” que acompanha a representação, mas também que é de seu destino que depende o sucesso da operação. Pois, o objetivo do recalque⁶ é precisamente esta inibição total do afeto de desprazer. Tudo se passa como se, como no sonho, ao lado da via indireta de inibição afetiva pela ação sobre os representantes suscetíveis de despertar o afeto indesejável, uma outra via direta se exercesse por intermédio do recalque (pouco importa que seja ou não chamada de repressão) sobre o afeto. (Green, 1973/1982, pp. 52)

Diante do exposto até aqui, é pertinente destacar que a angústia aparece como uma consequência da repressão. Contudo, como pôde ser observado acima, a repressão visa impedir o surgimento da angústia. Sendo assim, ela aparece tanto como um processo capaz de evitar a angústia quanto consequência dela.

Ao analisar a relação do afeto inconsciente com a repressão, Laplanche destaca a gênese da angústia, que teria um papel importante nesse processo, evidenciando também o problema do afeto inconsciente, como é exposto abaixo.

O afeto não seria verdadeiramente recalcado, no sentido dessa mudança de lugar, desse deslocamento tópico de um sistema para outro, que é o destino da “representação”. Quanto ao afeto, não se deveria falar verdadeiramente de recalque, mas de *repressão* (*Unterdrückung*, termo que, por outro lado, foi adotado em outro nível, o da repressão “social”. Em todo o caso, o termo “repressão” em Freud remete-nos sempre ao que é mais exterior e ao que menos implica uma distinção tópica). O afeto, reprimido, *seria reduzido* a seu mínimo, “comprimido”, reduzido a rudimentos, a germes. Tal hipótese coloca mais problemas do que resolve, sobretudo se quisermos continuar levando a sério a hipótese econômica, segundo a qual “nada se perde” na energia psíquica. [...] O outro tipo de *solução* é mais propriamente *econômica*, no sentido de que não postula uma modificação da quantidade total da energia psíquica, do “quantum de afeto”. A solução seria a seguinte: o processo de recalque tem sobre o afeto a consequência de reduzi-lo ao seu aspecto energético menos especificado, aspecto em que ele se apresenta como energia pura [...] (Laplanche, 1980/1998, pp. 67)

No mais, o autor segue sua reflexão, afirmando que essa suposição econômica encontra justificativa, ao mesmo tempo, em termos teóricos e clínicos. No âmbito teórico, Laplanche (1980/1998) coloca que as representações, cenas ou montagens seriam capazes de especificar qualitativamente o afeto, o que conferiria à energia uma tonalidade particular. Contudo, o que

⁶ Embora Green utilize o termo “recalque”, ao longo do trabalho estamos usando “repressão” para nos referirmos a este conceito.

desliga as representações do afeto seria o processo de repressão (visto que as representações poderiam deslocar-se para conexões inteiramente diferentes e, até mesmo, encontrar-se isoladas, sem um contexto afetivo), no qual o afeto seria reduzido a seu aspecto inespecífico, isto é, o de um afeto puro – em que também se apresentaria ora como libido, ora como angústia.

Ao comentar sobre um caso de histeria de angústia, Freud propõe evidenciar o processo de repressão em uma das psiconeuroses. Trata-se do exemplo de uma fobia animal, em que a moção pulsional submetida à repressão corresponde a uma atitude libidinosa para com o pai, reproduzida com a manifestação de angústia frente ao mesmo. Depois da repressão, há como resultado o desaparecimento da moção pulsional da consciência e, com isso, o pai não apareceria mais nela como objeto da libido. O que se encontra como o substituto do pai é um animal, que se presta a ser o objeto de angústia. A parcela quantitativa não desapareceu com a formação desse substituto, mas foi transformada em angústia. Com isso, Freud afirma que a consequência seria o aparecimento da angústia frente ao lobo em lugar de uma requisição do amor do pai. Segundo a conclusão de Freud, o trabalho da repressão constitui na eliminação e substituição do representante, sem, no entanto, poupar desprazer. Sendo assim, ele coloca que a repressão falhou inteiramente. Afirmando que o trabalho da neurose não cessa e que o próximo passo seria a tentativa de fuga, a fim de evitar o surgimento de angústia – a fuga corresponderia, então, à formação da fobia propriamente dita (Freud, 1915/1976).

Em *O Inconsciente* (1915), na seção *III. Sentimentos Inconscientes*, Freud coloca em questão os sentimentos inconscientes a fim de contribuir para elucidações do que vinha desenvolvendo. Após ter afirmado que há representações conscientes e inconscientes, ele se interroga se faz sentido a existência de compostos como moções pulsionais, sentimentos e sensações inconscientes. Em resposta, Freud assevera que faz parte da essência do sentimento o fato de que ele seja sentido e, com isso, que a consciência o perceba – isto é, que ele seja “conhecido” pela consciência. Dessa forma, a condição inconsciente estaria ausente por completo nos sentimentos, sensações e afetos (Freud, 1915/1976).

Nesse texto, inicialmente, Freud torna claro algumas considerações acerca da pulsão, após ter expressado que acredita que a oposição ou contraste entre consciente e inconsciente não possui nenhuma relevância para a pulsão. Para ele, esta última não pode ser objeto da consciência, em que somente sua representação tem essa possibilidade (de ser consciente), uma vez que a representação é o preposto da pulsão. Assim, é possível dizer que no

consciente uma pulsão não pode ser representada de outra forma que não seja a de uma representação, de modo que não é possível conhecer algo dela (pulsão), se ela não se ligou a uma representação ou se manifestou como um estado afetivo (Freud, 1915/1976). Nesse sentido, é pertinente destacar o comentário de Green, que argumenta a respeito do resgate feito por Freud do problema do afeto, no terceiro capítulo desse artigo de 1915, intitulado *Os Sentimentos Inconscientes*. De acordo com o comentador, Freud afirma que, nesse momento, a existência de pensamentos inconscientes, de processos psíquicos inconscientes e, até mesmo, de um sistema inconsciente. O autor ressalta ainda que a oposição consciente-inconsciente não se coloca à pulsão, como destacado anteriormente, visto que esse é um conceito que comporta um vínculo entre o somático e o psíquico – isso fica mais claro quando Freud afirma que uma pulsão não é capaz de se tornar objeto consciente, sendo que somente o seu representante poderia; contudo, apenas esse poderia também representar a pulsão no inconsciente.

Posteriormente, Freud desenvolve uma argumentação em torno da moção de afeto. Devido à repressão do seu representante genuíno, este impulso afetivo ou emocional é obrigado a se juntar à outra representação. Com isso, a moção de afeto é considerada pela consciência como uma manifestação dessa representação e, ao retornar à sua verdadeira conexão, a moção afetiva original é chamada de “inconsciente”, embora seu afeto nunca tenha sido de natureza inconsciente, mas somente a sua representação sofreu o processo de repressão.

Ainda em *O Inconsciente* (1915), ao afirmar a respeito do uso das expressões “afeto inconsciente” e “emoção inconsciente”, Freud se volta para os destinos do fator quantitativo da moção pulsional, resultado do processo de repressão. Ao abordar isso, ele faz referência ao texto *Repressão* (1915), de modo que menciona o que também é trabalhado na obra supracitada, que são os três destinos do fator quantitativo da moção pulsional – o afeto pode permanecer como é, seja parcialmente ou por completo; ou ele pode se transformar em um certo montante de afeto qualitativamente diverso – sobretudo em angústia; ou ainda é sufocado e, desse modo, impede o afeto de se desenvolver. Acrescenta ainda outra informação também contida no artigo de 1915 citado acima, que é o objetivo genuíno da repressão – suprimir o desenvolvimento do afeto. Com isso, nos casos em que a repressão consegue inibir o desenvolvimento do afeto, os afetos seriam denominados como “inconscientes”. Contudo, é importante destacar uma diferenciação pertinente: após a repressão, esta representação inconsciente continua existindo como formação real no sistema Icc, enquanto que para o afeto

inconsciente esta possibilidade não se pode desenvolver. Isso revela o fato de que não há afeto inconsciente da mesma forma que há representações inconscientes. Assim, a rigor do uso linguístico, Freud esclarece que “[...] não existem afetos inconscientes tal como existem representações inconscientes. Mas bem pode haver, no sistema *Ics*, formações afetivas que, como outras, tornam-se conscientes.” (Freud, 1915/2010, pp. 117) Nessa perspectiva, ele estabelece a diferença entre a representação dos afetos e sentimentos, em que considera que a representação seria um investimento de traços mnêmicos, no fundo, ao passo que os afetos e sentimentos corresponderiam a processos de descarga, em que suas exteriorizações seriam percebidas como sensações.

Mais ao fim da seção em análise, Freud comenta sucintamente a respeito da natureza da angústia e de sua relação com o afeto.

É possível que o desenvolvimento do afeto proceda diretamente do sistema *Ics*; nesse caso tem sempre o caráter da angústia, pela qual são trocados todos os afetos “reprimidos”. Mas frequentemente o impulso instintual⁷ tem que esperar até achar uma ideia substitutiva no sistema *Cs*⁸. Então o desenvolvimento do afeto é possibilitado a partir desse substituto consciente, e o caráter qualitativo do afeto é determinado pela natureza dele. Afirmamos que na repressão o afeto se separa de sua ideia, e depois os dois prosseguem para seus diferentes destinos. Em termos descritivos isso é indiscutível; via de regra, porém, o processo real é que um afeto não surge enquanto não é conseguida uma nova representação no sistema *Cs*. (Freud, 1915/2010, pp. 118)

A sucinta passagem acima trata do afeto e sua natureza. O afeto pode ser desencadeado por um processo inconsciente e, nesse caso, ele tem o caráter de angústia. No entanto, ele só aparece na consciência quando se liga a uma representação consciente. Assim, o desenvolvimento do afeto ocorre a partir desse substituto consciente e, nesse sentido, seu caráter qualitativo seria definido por sua natureza.

Ao analisar *O Inconsciente* (1915), Laplanche destaca que é possível encontrar nesse trabalho uma das teorias mais esquemáticas e claras da histeria de angústia. O comentador afirma ainda que, nessa obra, parte-se da consideração de que a repressão já ocorrera e o

⁷ Embora o termo empregado pelo tradutor seja “impulso instintual”, lê-se “movimento pulsional”, por ser o termo adotado nesta pesquisa.

⁸ Devido ao tradutor, houve a mudança de nomenclatura dessa citação em comparação com a utilizada durante toda a pesquisa. Dessa forma, entende-se *Cs* por *Cc*.

interesse, portanto, aponta para o retorno desse conteúdo reprimido sob a forma de um sintoma que, nesse caso seria a fobia. Segundo o autor, esta seria uma pulsão ou um movimento libidinal amoroso que fora reprimido. Ademais, ele considera três etapas no que se refere ao retorno do reprimido e a formação de sintomas, justificando que o interesse está para o mecanismo da repressão e não para o seu conteúdo. A primeira delas consiste na saída de uma libido como angústia livre (Laplanche, 1980/1998).

Os tempos que vêm em seguida, e que fazem parte de uma *segunda etapa*, são uma repetição do mesmo processo, de uma mesma tentativa de surgimento por parte do recalcado; mas, desta vez, há *fixação da angústia numa representação substitutiva* (o animal de angústia): “Uma repetição eventual do processo permitiu um primeiro passo, em direção ao domínio do desenvolvimento desagradável de angústia [o surgimento do sintoma está, com certeza, a serviço do recalcado, mas nunca apareceu tanto como aqui como processo de domínio]. O investimento [digamos, a atenção] do sistema pré-consciente, em sua fuga voltou-se para uma representação substitutiva que, por um lado, estava em relação associativa com a representação rechaçada e, por outro, estando dela afastada, era subtraída ao recalque (*substituição por deslocamento*) e permitia uma racionalização do desenvolvimento da angústia, ainda impossível de inibir. (Laplanche, 1980/1998, pp. 117)

Laplanche comenta a respeito de um terceiro tempo referente ao retorno do reprimido e à formação de sintomas, que se volta para uma luta, uma defesa empregada contra o substituto. A partir disso, e tendo em vista a passagem abaixo, o autor segue comentando a respeito da questão concernente a uma espécie de sistema de alarme, considerando que uma vez ocorrendo a projeção do perigo pulsional no exterior, o Eu emite a resposta de fuga, através da evitação (no caso do fóbico), tendo ele (o Eu) se comportado como se a ameaça do desenvolvimento da angústia viesse de uma percepção, uma ameaça exterior.

Trata-se agora de ordenar o mundo real do indivíduo, seu *Umwelt*, de traçar nele redes, caminhos, bifurcações e barreiras, campanhas de alarme, redutos e bastiões, tudo isso com o objetivo de impedir qualquer contato com o perigo de encontrar efetivamente, de perceber o objeto fobogênico. A própria possibilidade de tal manejo *realista*, de uma manipulação das condições da angústia, provém do fato essencial de que o *perigo pulsional interno* foi *projetado*, inteiramente transposta para o exterior. (Laplanche, 1980/1998, pp. 119)

Nesse sentido, Laplanche argumenta que a partir daí é possível visualizar um sistema de alarme, em que os sinais indicariam a proximidade maior ou menor do que provocaria a

angústia. Portanto, essa teoria parece pressupor a teoria do “sinal de angústia”, como o próprio autor expressa terminologicamente, e que seria apresentada em 1926, em *Inibição, Sintoma e Angústia*. Entretanto, Laplanche ressalta uma distinção entre ambas as teorias, colocando que em 1926, Freud considera quase toda angústia neurótica como um sinal, ao passo que, nesse texto de 1915, ele acredita que apenas alguns postos avançados do desenvolvimento da angústia formariam os sinais – indicadores de certos pontos, nos quais poderia ocorrer o surgimento da angústia (Laplanche, 1980/1998).

Mais adiante, Laplanche ratifica essa utilização do termo “sinal” em ambos os momentos teóricos (desse texto de 1915 e do de 1926), assinalando com isso que as ênfases são consideravelmente distintas. Nessa obra de 1915, ele coloca que “[...] são pequenas angústias-medo localizadas que permitem evitar o transbordamento pela angústia/libido de origem interna. Em 1924⁹, é a angústia que, esquematicamente, será o sinal que permite evitar um perigo concebido, em última análise, como real.” (Laplanche, 1980/1998, pp. 120)

Considerações finais

Em *Repressão* (1915) está presente a ideia de que a angústia surge a partir do processo de repressão. Nesse sentido, Freud afirma que a angústia seria um dos destinos do fator quantitativo da pulsão, correspondendo, assim, à transformação da energia psíquica da pulsão em afeto. Não obstante, à repressão, Freud atribui o objetivo de impedir o desprazer e a angústia. Assim, nesse texto, é possível observar a ideia da angústia aparecendo tanto como um afeto proveniente do processo de repressão, como também podendo ser evitada por ele.

Partindo da consideração de que o desenvolvimento do afeto seria possibilitado a partir de uma representação substitutiva consciente e que o caráter qualitativo desse mesmo afeto se volta para a sua natureza, é possível observar em *O Inconsciente* (1915) que a angústia não consiste em um afeto inconsciente de fato. Entretanto, ela pode ser desencadeada do inconsciente, visto que a pulsão somente é percebida nesse sistema psíquico quando adere a uma representação substitutiva.

⁹ Há um equívoco no livro de Laplanche, pois ao invés de ser 1926 consta o ano de 1924.

No *O Inconsciente* (1915), Freud retoma a hipótese presente em *Repressão* (1915) acerca da investigação do que ocorre à representação e à energia a ela ligadas após o processo de repressão e, de forma mais evidente, apresenta a ideia de que a angústia é concebida após a repressão. A angústia também é pensada como uma das vicissitudes do fator quantitativo da moção pulsional, após o processo de repressão.

Por último, é relevante destacar com clareza o que Freud afirma a respeito da não existência de afetos inconscientes, da mesma forma em que há representações inconscientes, visto que para essas últimas, após a repressão, a representação permanece existindo como formação real no inconsciente. Contudo, Freud comenta acerca da hipótese sobre o desenvolvimento da formação afetiva que advém do sistema inconsciente. Nesse caso, esse afeto teria o caráter de angústia, e através dessa seriam trocados os afetos reprimidos. Sendo assim, torna-se claro a noção de que a angústia não surge no sistema inconsciente, mas pode ser visualizada, então, como um tipo de afeto proveniente do inconsciente, que havia sido reprimido, tendo, no entanto, encontrado expressão no consciente por uma representação substitutiva.

3.2.1 - A angústia na *Conferência XXV*

A *Conferência XXV: a Angústia* (1917) é considerada por Laplanche um dos desenvolvimentos mais completos do pensamento freudiano acerca da angústia, embora essa obra esteja no decurso entre a primeira e a segunda teoria referente à angústia, segundo o entendimento do autor que defende dois momentos para essa teorização. Laplanche acredita que essa conferência diz respeito à teoria econômica, considerando, para tanto que a mudança conjectural (teórica) se dará em 1926. No mais, o autor acredita que as contribuições de 1917 são mais elaboradas do que as apresentadas por Freud em 1895. Além disso, o comentador identifica e ressalta a presença das noções de perigo e do Eu já neste trabalho de 1917 que, no entanto, serão desenvolvidas mais profundamente em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) (Laplanche, 1980/1998).

Telles (2003), que também argumenta duas etapas na teoria freudiana da angústia, ao comentar a *Conferência XXV* (1917) afirma que a sistematizada aquisição que esse texto traz é a estreita relação entre a primeira teoria da angústia e a libido, assim como o aspecto

econômico que marca este período. Segundo ressalvas do autor, esta conferência também contém a ideia da angústia enquanto produto da transformação da libido não descarregada, como também sua substituição sendo realizada através da formação de sintomas e como consequência da repressão.

Freud inicia a *Conferência XXV* colocando a angústia expressamente como um estado afetivo. Isso é evidenciado pela seguinte passagem: “Não necessito apresentar-lhes a angústia em si; cada um de nós já experimentou essa sensação ou, melhor dizendo, esse estado afetivo.” (Freud, 1917/2014, pp. 519) Nessa comunicação, Freud propõe ainda a distinção entre a angústia realista e a neurótica. Sobre a primeira, ele afirma que seria uma angústia aparentemente racional, se caracterizando por constituir uma reação à percepção do mundo externo e, com isso, uma percepção de um dano esperado. Outras características desse tipo de angústia, expostas por Freud, se referem à sua vinculação a um reflexo de fuga e ao fato de estar ligada à manifestação da pulsão de autoconservação. Freud comenta ainda que a angústia intensa seria capaz de bloquear a tomada de uma atitude como, por exemplo, uma paralisação ante a fuga. Para ele, a reação ao perigo seria constituída tanto do afeto de angústia, quanto da ação defensiva.

Freud afirma expressamente ainda que o desenvolvimento da angústia jamais seria adequado. Para tanto, ele se propõe analisar mais detalhadamente essa questão e afirma que no desenvolvimento da angústia ocorreria uma prontidão diante do perigo, o que implicaria na manifestação de um grau maior de atenção sensorial e motora. Desta prontidão – denominada prontidão expectante – Freud afirma que procederia de um lado uma ação motora (de início seria a fuga e, em estágios mais avançados, seria uma defesa ativa); e, de outro, a sensação de angústia. Contudo, a primeira vez que Freud aborda, nessa conferência, a ideia da angústia como sinal está expressa na seguinte passagem: “Quanto mais o desenvolvimento da angústia se reduz a mero estágio inicial, a um sinal, tanto mais imperturbada essa prontidão se converte em ação, e tanto mais adequado se configura todo o curso de eventos. Portanto, adequado naquilo a que chamamos angústia parece-me ser a prontidão, e inadequado o seu desenvolvimento.” (Freud, 1917/2014, pp. 522)

Quanto ao uso corrente das palavras *Angst* (angústia), *Furcht* (temor) e *Schreck* (terror), Freud aborda uma diferenciação ao esclarecer que apenas a angústia “[...] se refere ao estado, não considerando o objeto, ao passo que “temor” chama a atenção precisamente para o objeto. “Terror”, por outro lado, parece ter um sentido especial, o de realçar o efeito de um perigo

que não é recebido com a prontidão da angústia. Pode-se dizer, assim, que o homem se protege do terror por meio da angústia.” (Freud, 1917/2014, pp. 523)

Quanto à possível indefinição e ambiguidade com a qual a palavra “angústia” seria utilizada, Freud a define como um “[...] estado subjetivo em que ficamos graças à percepção do ‘desenvolvimento da angústia’.” (Freud, 1926/2015, pp.425) Após isso, Freud se indaga a respeito do que seria o afeto em um sentido dinâmico. Embora ele acreditasse não ter chegado à essência do que fosse um afeto, em resposta a essa questão afirma que se trata de uma composição. Nesta composição haveria tanto inervações motoras ou descargas, como também sensações que, por sua vez, seriam de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer que, segundo ele, é o que dariam o tom ao afeto.

Entretanto, Freud comenta que acredita na existência de um núcleo que sustenta todo o afeto. Trata-se de um núcleo que consiste na repetição de uma certa experiência dotada de significado, que seria uma repetição de uma vivência precoce. A fim de tentar esclarecer o que acabara de conceber, Freud menciona uma comparação do afeto com as histéricas “[...] o estado afetivo seria construído como um ataque histérico, seria, como esse, o precipitado de uma reminiscência. O ataque histérico é comparável, portanto, a um afeto individual recém-formado, e o afeto normal, à expressão de uma histeria geral que se tornou herança.” (Freud, 1917/2014, pp. 524) Assim, pela primeira vez, Freud comenta que essa impressão precoce de que o afeto de angústia repete corresponderia ao ato do nascimento. Esse é entendido como um modelo do efeito gerado de um perigo mortal, que conta com sensações de desprazer, impulsos de descarga e sensações corporais. A partir disso, Freud declara que a primeira angústia seria a tóxica, que tem sua origem na separação da mãe. Afirma ainda que a causa da vivência de angústia consistiria no momento do “[...] aumento enorme da estimulação verificado outrora, devido à interrupção da renovação do sangue (da respiração interna) [...]” (pp. 524) Para Freud, o estreitamento da respiração proveniente de tal situação real seria reproduzido com certa regularidade no afeto. Com isso, ele reflete acerca da vivência dessa experiência, enquanto algo situado na história da espécie e não na pré-história do indivíduo em si: “Por certo, estamos convencidos de que a disposição de repetir aquele primeiro estado de angústia foi tão incorporada ao organismo por uma série de incontáveis gerações que nenhum indivíduo logra escapar ao afeto de angústia, ainda que, como o lendário Macduff, ele tenha sido “arrancado prematuramente do ventre”, isto é, que não tenha experimentado o ato do nascimento [...]” (pp. 425)

Partindo do que foi exposto acima, é interessante destacar o comentário de Lyra ao analisar a definição de Freud sobre o afeto neste trabalho de 1917. Segundo o autor, com essa definição Freud realiza uma aproximação do afeto enquanto um conjunto de descargas motoras que se juntam à sensações de prazer-desprazer com o somático, além de identificar também nesse conceito um elemento histórico (nascimento) (Lyra, 2007).

Freud aborda, também nesta conferência, a angústia nos neuróticos, relatando que neles é possível encontrar um estado de angústia generalizado, que seria uma angústia flutuante pronta para se ligar a qualquer conteúdo, ou até mesmo a todo conteúdo que seja vagamente adequado. Segundo ele, trata-se de uma angústia que influencia o juízo e que seleciona expectativas, denominando-a como “angústia expectante” ou “expectativa angustiada”. Dentre as características daqueles que sofrem deste tipo de angústia, Freud comenta que se trata de pessoas que preveem, entre todas as possibilidades, as mais terríveis, além de interpretarem situações acidentais como um sinal de desgraça e de explorarem o pior sentido de incertezas. Por regra geral, Freud enquadra essa expectativa angustiada como parte integrante do que ele denominou neurose de angústia, a qual, por sua vez, se encontra incluída nas neuroses atuais (Freud, 1917/2014).

Uma segunda forma de angústia observada por Freud seria encontrada nas fobias. Caracteriza-se por ser uma angústia que possui uma vinculação psíquica e que, com isso, se liga a determinados objetos ou situações. Diante disso, Freud cita uma série de situações e objetos que podem ser conteúdos de uma fobia, tais como: escuridão, ar livre, lugares abertos, gatos, aranhas, lagartas, tempestades, pontas afiadas, sangue, espaços fechados, viagens marítimas e ferroviárias, solidão etc. (Freud, 1917/2014).

Freud propõe uma distinção das fobias em três grupos, como será descrito a seguir. Antes, entretanto, é válido destacar seu comentário acerca da intensidade presente nas fobias, no qual ele coloca que, diante dessa intensidade, o que sobressai não seria tanto o conteúdo da fobia, mas sim um exagero quanto a sua intensidade. Em seguida, Freud afirma que em um primeiro grupo das fobias haveria um conjunto de situações e objetos que, de uma forma geral, apresentariam alguma relação com o perigo e um exagero em sua intensidade. Mais adiante, ele concebe um segundo grupo, caracterizado por possuir certa relação com um perigo presente, apesar de constituir um perigo em que o indivíduo se encontra habituado, sem, no entanto, o prever. Segundo ele, esse grupo pertence à maioria das fobias situacionais. Diante disso, Freud menciona um exemplo: a possibilidade de ocorrer um naufrágio em uma

viagem de navio, cuja consequência seria a morte por afogamento. O terceiro e último grupo de fobias, Freud o caracteriza como incompreensível ao entendimento, colocando para ele o seguinte exemplo: “Quando um homem adulto, forte, não consegue atravessar uma rua ou praça de sua tão familiar cidade natal, [...] como estabelecer aí a ligação com o perigo que evidentemente existe para o fóbico?” (Freud, 1917/2014, pp.528) Diante disso, Freud comenta sucintamente que o homem que se mostra incapaz de atravessar a rua ou a praça estaria se comportando como uma criança pequena. No caso da criança, ela seria advertida a não atravessar a rua por ser perigoso, enquanto o agorafóbico se veria protegido de sua angústia se fosse acompanhado até o outro lado da praça. Ao conceber essa terceira forma de angústia como um mistério, Freud afirma, então, que não haveria mais a submissão da relação da angústia ao perigo ameaçador (Freud, 1917/2014).

Depois de ter exposto essas três formas de angústia, Freud (1917/2014) chega a uma espécie de conclusão muito breve em relação à angústia neurótica quando afirma que onde há angústia também deve haver o que angustia. A fim de compreender a angústia neurótica, ele faz algumas considerações, as quais foram reunidas através de suas observações clínicas. Segundo Freud, a angústia expectante (ou angústia geral) possui uma estreita relação com determinados processos da vida sexual, mais especificamente, com os empregos da libido. Esse tipo de angústia ocorreria, então, em casos em que a excitação sexual não experimenta uma descarga suficiente e, portanto, não tem um desfecho satisfatório – tais casos recebem a denominação de excitação frustrânea. Aqui é possível identificar uma retomada de formulações teóricas anteriores, como as encontradas, sobretudo, no texto supracitado de 1895, em que Freud trabalha a distinção entre a neurastenia e a neurose de angústia. Nesse trabalho, a angústia é concebida como a transformação da energia sexual, devido ao acúmulo de tensão somática de natureza sexual, acompanhado de um decréscimo de sua expressão psíquica. Segundo Freud:

Estamos falando, portanto, de homens ainda durante o noivado ou mulheres cujos maridos não são potentes o bastante ou, que por cautela, praticam o ato sexual de forma abreviada ou interrompida. Sob tais condições, a excitação libidinal desaparece e, em seu lugar, surge a angústia, tanto sob a forma de angústia expectante como em acessos e equivalentes. A interrupção cautelosa do ato sexual, quando praticada como regime sexual, é causa tão frequente da neurose de angústia em homens – e, em especial, nas mulheres – que recomenda, na prática médica,

que nesses casos a busca etiológica principie por aí. O que então se verifica, em inúmeros casos, é que, uma vez eliminada a má prática sexual, a neurose de angústia desaparece. (Freud, 1917/2014, pp. 431-532)

A partir da exposição acima, é possível observar que se encontra presente nessa conferência a ideia da angústia voltada para uma não descarga da tensão sexual física, como dito anteriormente. Tal noção foi trabalhada também em *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia* (1895), mais especificamente na seção II, intitulada *Incidência e Etiologia da Neurose de Angústia*, em que Freud abordou a relação entre a neurastenia, a masturbação como forma de satisfação e o acometimento da neurose de angústia. A partir disso, ao observar a citação acima referente a um texto de 1917, fica evidente que Freud permanece com essa questão. É imprescindível atentar ainda para o fato de que o psicanalista, antes mesmo do artigo de 1895, já trabalhara o surgimento da angústia relacionado-a a uma tensão sexual, como pode ser verificado no *Rascunho A e E dos Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess* (1950). No primeiro rascunho, Freud levanta alguns problemas acerca da etiologia da neurose de angústia e, posteriormente, algumas teses definindo quatro fatores etiológicos para esse tipo de neurose. Dentre esses, estão o esgotamento devido às formas de satisfação anormais, a inibição da função sexual, os afetos concomitantes a essas práticas e os traumas sexuais anteriores ao início da idade da compreensão. Já no *Rascunho E*, Freud correlaciona novamente a neurose de angústia à tensão sexual, destacando, para tanto, a abstinência e a não descarga da tensão sexual física. Dessa forma, a neurose de angústia surge como uma consequência do acúmulo de excitação física sexual. Ainda nesse *Rascunho E*, para a explicação de sua incidência, Freud argumenta que uma vez tendo ocorrido o aumento de tensão e essa atingindo certo limiar, seria despertado o afeto psíquico. Contudo, a conexão psíquica oferecida não se apresentaria como suficiente. Como resultado, não haveria a formação do afeto sexual, ficando, assim, a tensão sexual física sem uma ligação psíquica. Diante disso, ocorreria a transformação dessa mesma tensão em angústia. Por fim, é pertinente destacar que já se encontra presente no *Rascunho E* a angústia entendida enquanto um afeto, assim como é expressamente anunciado nesta *Conferência XXV* (1917).

Em relação à libido e à angústia, Freud comenta, ainda nesse trabalho de 1917, a respeito da influência de certas fases da vida no tocante ao adoecimento por angústia. Ele

afirma que dentre essas fases estariam a puberdade e a menopausa – etapas que contam com um aumento significativo da produção de libido. Outra observação importante abordada por ele, embora breve e, por conseguinte, sem maiores explicações, diz respeito aos estados de excitação. Segundo Freud, é possível observar neles uma mistura de libido e angústia e também uma substituição da libido por angústia. Ao fim dessa consideração e a partir de suas observações clínicas, Freud destaca duas impressões que resumem, por assim dizer, o que encontrara até então: a primeira impressão é a de que há um acúmulo de libido impedida de ter seu emprego normal; e a outra diz respeito ao fato de que sua teoria se encontra no campo dos processos somáticos (Freud, 1917/2014).

Outra observação que Freud extraiu de seus estudos se refere às psiconeuroses e, mais especificamente, à histeria. Ele afirma que na histeria há a angústia que acompanha os sintomas e a angústia desvinculada, que se manifesta como um acesso (tremedeira, tontura, palpitação, falta de ar, etc.) ou como uma condição permanente. Sob uma elaboração secundária, a angústia seria ligada ao conteúdo da fobia que se apresentasse mais próximo – como, por exemplo, o medo de morrer, de enlouquecer etc. Outra característica encontrada por Freud se volta para a ideia de que todo afeto que acompanha um evento seria substituído pela angústia após a repressão. Nesse sentido, ele afirma que “[...] a angústia é, portanto, a moeda universal corrente, pela qual são ou podem ser trocados todos os impulsos afetivos, quando o conteúdo ideativo a eles ligados foi submetido à repressão.” (Freud, 1917/2014, pp. 534) Com isso, é interessante destacar que, assim como a ideia da libido desligada de sua representação devido ao processo de repressão que se descarrega como angústia está presente nesse trabalho de 1917, ela também se encontra em textos anteriores, tais como *Repressão* (1915) e *O Inconsciente* (1915). Ou seja, a angústia permanece sendo entendida como posterior ao processo de repressão ainda na *Conferência XXV* (1917).

A terceira descoberta feita por Freud diz respeito aos atos obsessivos, segundo ele estes atos encobrem a angústia. O psicanalista ainda diz que essas ações, realizadas enquanto um cerimonial ou qualquer outro ato desse caráter, aconteceriam no intuito de evitar a angústia. Nesse sentido, essa estaria sendo substituída pela formação de um sintoma. Com relação a este tipo de neurose e o processo repressivo, Freud afirma que da repressão poderia resultar a angústia acompanhada de um sintoma ou, somente o desenvolvimento puro desse tipo de afecção (angústia) (Freud, 1917/2014).

Acerca da dinâmica topológica do desenvolvimento da angústia, Freud declara que haveria uma limitação no sentido de não ter argumentos consistentes e claros sobre essa questão. Nesse sentido, ele afirma que a angústia, que significa fuga do Eu de sua libido, pode ter sua origem nessa mesma libido. Contudo, ao analisar a angústia nas crianças e adolescentes Freud refuta essa hipótese. Dessa forma, considerando a intensidade da libido, a criança e o adolescente se angustiarão diante dessa libido intensa. Ademais, Freud comenta brevemente sobre a angústia em crianças diante de pessoas estranhas, afirmando que, no fundo, a criança esperaria encontrar nessas pessoas sua mãe. Sendo assim, a angústia em crianças nesta situação não ocorreria pelo reconhecimento de algum perigo que ameaçaria a sua existência, mas devido ao fato de não encontrarem nessas pessoas suas mães. Como resultado, ocorreria a transformação do desengano e anseio, em angústia, ou seja, a libido que se tornou inaplicável fora descarregada como angústia (Freud, 1917/2014).

Após a breve análise da angústia em crianças, Freud anuncia uma síntese do que encontrara em suas investigações, afirmando que a angústia realista não faz tanto sentido, uma vez que esse tipo de angústia relaciona-se mais intimamente com a angústia neurótica dos adultos. A origem da angústia se daria pela libido não empregada e seria capaz também de substituir o objeto amoroso faltante por um objeto exterior ou, até mesmo, uma situação (Freud, 1917/2014).

Ao fim da conferência, Freud conclui que a angústia ocupa uma das questões centrais na psicologia das neuroses e afirma que o seu desenvolvimento se encontra relacionado às vicissitudes da libido e com o sistema inconsciente (Freud, 1917/2014). De um modo geral, Neto e Martinez salientam que nesta *Conferência XXV* (1917) Freud propôs sistematizar o que trabalhou acerca da angústia ao longo de sua obra. Para os autores, ele permanece utilizando o modelo de angústia de libido da neurose atual enquanto um referencial no tocante à explicação da angústia nas psiconeuroses, considerando o seu desdobramento através da repressão (Neto & Martinez, 2002).

Considerações finais

Nesta *Conferência XXV* (1917) são apresentados dois tipos de angústia: a angústia realista e a angústia neurótica. A angústia realista seria mais racional e compreensível, voltada

para o mundo externo. Segundo Freud, essa seria uma percepção de um dano previsto e, portanto de um perigo real. Ademais, Freud atribui esse tipo de angústia às pulsões de autoconservação. Já a angústia neurótica seria a angústia expectante (ou expectativa angustiada), em que haveria uma angústia flutuante, pronta para se ligar a qualquer representação ou a alguma que tenha um conteúdo mais adequado a ela.

Freud afirma que no desenvolvimento da angústia haveria uma prontidão diante do perigo, que culminaria: na manifestação de uma ação motora ou na sensação de angústia. Quanto ao termo sinal, ele aparece quando Freud afirma que o desenvolvimento da angústia se reduz a um estágio inicial – estágio esse que consistiria em um sinal. Diante disso, ele coloca que à medida que o desenvolvimento da angústia se reduz a um estágio inicial (sinal), mais a prontidão se converte em ação. A partir disso, Freud parece concluir que a prontidão expectante se apresenta como adequada à angústia. Ao analisar a decomposição de uma situação angustiante, Freud afirma que a prontidão diante do perigo implica em uma maior atenção sensorial e tensão motora e, nesse sentido, considera a prontidão expectante como vantajosa.

Freud comenta ainda a respeito do afeto em relação ao que definiu como angústia. Segundo ele, a angústia consistiria em um “[...] estado subjetivo em que ficamos graças à percepção do “desenvolvimento da angústia”.” (Freud, 1917/2014, pp. 523) Contudo, ainda que ele não tivesse uma definição concisa sobre o afeto, ele afirma que, em seu sentido dinâmico, o afeto seria uma combinação de inervações motoras ou de descargas e de sensações. Nesse sentido, ele declara que o núcleo que sustenta todo afeto consiste em uma repetição de uma vivência significativa, de uma vivência precoce. Trata-se, portanto, do ato do nascimento, o qual ele caracteriza como um modelo do efeito gerado de um perigo mortal, com sensações de desprazer, impulsos de descarga e sensações corporais.

Por último, é pertinente ressaltar que, de uma forma geral, esta comunicação apresenta também a retomada de algumas ideias como as trabalhadas nos *Rascunhos A e E*, dos *Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess* (1950), em que Freud correlaciona o acometimento da neurose de angústia à tensão sexual física. Esta *Conferência XXV* (1917) também resgata ideias do artigo de 1895 (*Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Neurose Específica Denominada Neurose de Angústia*), no qual ele argumenta a existência do sintoma da expectativa angustiada compondo o quadro clínico desse tipo de neurose, bem como a transformação de tal expectativa em angústia. Dessa forma, pode-se afirmar que a angústia

permanece sendo concebida nesta *Conferência XXV* (1917) como consequência deste acúmulo de tensão sexual física. Não obstante, é pertinente destacar ainda a existência, nesta conferência, de uma retomada de ideias abordadas em *Repressão* (1915) e em *O Inconsciente* (1915): neste trabalho de 1917, *Conferência XXV*, Freud afirma que todo afeto que acompanha um evento seria substituído pela angústia após a repressão. A partir disso, fica evidente que a angústia permanece sendo pensada como resultado da repressão.

3.2.2 - A angústia em *Além do Princípio do Prazer*

Além do Princípio do Prazer (1920) é um texto em que Freud trabalha essencialmente as pulsões, as quais ele chamará mais ao fim do artigo de pulsão de vida e de morte. Tendo como objetivo essencial a investigação de *Além do Princípio do Prazer* (1920), no tocante à compreensão de como a angústia é concebida nessa obra, serão destacadas as análises concernentes a esse propósito.

Na seção I, Freud lança uma de suas pressuposições fundamentais: a crença de que o princípio do prazer predominante no aparelho psíquico se fundamenta na hipótese de que esse mesmo aparelho se esforça em manter o mais baixo possível ou constante a quantidade de excitação nele existente. Esse empenho do aparelho psíquico, descrito brevemente por Freud, se refere ao princípio fecheneriano da “tendência à estabilidade”. Considerando tal função do aparelho psíquico diante da excitação, aquilo que tem a propriedade de aumentar essa excitação iria ser percebido pelo aparelho como uma disfunção, como desprazeroso. Quanto ao desprazer sentido, Freud aborda a seguinte hipótese:

A maior parte do desprazer que sentimos é desprazer de percepção, seja percepção de premência de instintos insatisfeitos ou percepção externa, que é penosa em si ou que provoca expectativas desprazerosas no aparelho psíquico, sendo por ele reconhecida como “perigo”. A reação a tais reivindicações dos instintos e ameaças de perigo, na qual se manifesta propriamente a atividade do aparelho psíquico, pode então ser dirigida, de maneira correta, pelo princípio do prazer ou pelo princípio da realidade, que o modifica. Com isso não parece necessário admitir uma maior limitação do princípio do prazer, mas justamente a investigação da reação psíquica ao perigo externo pode fornecer novo material e novas colocações ao problema que aqui tratamos. (Freud, 1920/2010, pp. 167)

Embora Freud relate a necessidade de uma investigação quanto à reação psíquica frente ao perigo externo, ele faz algumas referências a esse perigo, como sendo uma expectativa desprazerosa diante da premência de pulsões ou de uma percepção advinda do mundo externo (Freud, 1920/2010).

Na seção II, Freud (1920/2010) retoma uma questão já comentada anteriormente, na *Conferência XXV, A Angústia*, de 1917, que é a utilização dos termos “terror”, “medo” e “angústia”, ao que ele afirma seriam empregados de forma errada enquanto sinônimos. Contudo, em relação ao perigo esses termos se diferenciariam claramente. A angústia, no entanto, seria denominada como um estado de expectativa ou de preparação para o perigo – noção essa também presente na conferência supracitada –, mesmo que esse perigo não fosse reconhecido. O medo, por sua vez, exige um objeto do qual o indivíduo se amedronte. Para esse último termo, é interessante observar a menção, na *Conferência XXV*, na qual Freud abordou os objetos e situações que poderiam constituir o conteúdo de uma fobia, são eles: escuridão, ar livre, lugares abertos, gatos, aranhas, lagartas, tempestades, pontas afiadas, sangue, espaços fechados, viagens marítimas e ferroviárias, solidão entre outros. A fobia, nessa comunicação, seria uma angústia que, por sua vez, possuiria uma vinculação psíquica que se ligaria a tais objetos ou situações. Já o terror é delimitado sucintamente por Freud como um estado no qual o indivíduo se encontra em perigo sem ao menos estar preparado para o mesmo. Diante disso, Freud enfatiza o fator da surpresa, que será comentado mais adiante.

Ainda na seção II, Freud argumentou acerca da surpresa, fator esse que trouxe atrelado à noção de terror. Ele denominou o terror como um estado no qual o indivíduo se encontra ao correr perigo, sem estar preparado para o mesmo. Já nessa quarta seção, Freud parece retomar a ideia deste fator, colocando-o em relação à angústia. Assim, ele caracteriza o susto como uma ausência de preparação para a angústia, o que implica em um sobreinvestimento dos sistemas que primeiro recebem o estímulo. Para ele, a preparação para a angústia seria de fato o sobreinvestimento dos sistemas receptores, representando a última linha da barreira contra estímulos. Mais adiante, Freud relaciona os sonhos – mais especificamente nos neuróticos – com o acometimento da angústia e a neurose traumática, como pode ser verificado a seguir:

Se os sonhos dos neuróticos que sofreram acidentes fazem os doentes voltarem regularmente à situação do acidente, então eles não se acham a serviço da

realização de desejos, cuja satisfação alucinatória tornou-se, sob o domínio do princípio do prazer, função dos sonhos. Mas podemos supor que desse modo eles contribuem para outra tarefa, que deve ser resolvida antes que o princípio do prazer possa começar seu domínio. Tais sonhos buscam lidar retrospectivamente com o estímulo, mediante o desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornara-se a cauda da neurose traumática. Assim nos permitem vislumbrar uma função do aparelho psíquico, que, sem contrariar o princípio do prazer, é independente dele e parece mais primitiva que a intenção de obter prazer e evitar desprazer. (Freud, 1920/2010, pp. 195)

Ao refletir sobre o que propusera, Freud coloca que pela primeira vez ocorreria uma exceção ao argumento de que o sonho corresponderia à realização de desejo. Então, menciona o exemplo dos sonhos de angústia e dos sonhos de punição, afirmando que eles não constituiriam essa exceção, considerando que estes tipos de sonho somente substituem a realização do desejo que seria proibida pelo castigo (Freud, 1920/2010).

Na seção IV, Freud aborda a noção de trauma, buscando caracterizar o termo. Segundo ele, o caráter traumático seria atribuído às excitações externas fortes o suficiente para romper a proteção, como é explicado abaixo:

Acho que o conceito de trauma exige essa referência a uma defesa contra estímulos que normalmente é eficaz. Um evento como um trauma externo vai gerar uma enorme perturbação no gerenciamento de energia do organismo e pôr em movimento todos os meios de defesa. Mas o princípio do prazer é inicialmente posto fora de ação. Já não se pode evitar que o aparelho psíquico seja inundado por grandes quantidades de estímulo; surge, isto sim, outra tarefa, a de controlar o estímulo, de ligar psicologicamente as quantidades de estímulo que irromperam, para conduzi-las à eliminação. (Freud, 1920/2010, pp. 192)

Considerações finais

A angústia presente em *Além do Princípio do Prazer* (1920) permanece sendo concebida como um estado de expectativa e de prontidão para a ocorrência do perigo conhecido ou não – como indicado no texto, essa ideia também se encontra presente na *Conferência XXV*, de 1917.

O perigo argumentado na obra de 1920, por sua vez, diz respeito ao desprazer sentido através da percepção do mundo externo ou da premência de uma pulsão insatisfeita.

É pertinente observar ainda que a angústia se encontra também associada ao fator surpresa, à medida que o susto seria uma ausência de preparação para a angústia.

CAPÍTULO 4 - A ANGÚSTIA NA ETAPA FINAL

4.1 – A angústia na segunda teoria do aparelho psíquico

De acordo com as ponderações realizadas Freud (1923/1976) no prólogo de *O Eu e o Id* (1923), ele afirma que as considerações que trataria nesta obra retomariam as suposições anteriormente iniciadas em *Além do Princípio do Prazer* (1920). Nesse sentido, afirma que suas considerações dão prosseguimento a tais ideias, além de ligar-se a certos fatos de observação analítica. Com isso, ele relata que buscou deduzir e apresentar conclusões que não tinham sido realizadas no texto de 1920. Ademais, comenta que as elucidações que apresentaria em *O Eu e o Id* se diferiam de *Além do Princípio do Prazer* em função do não empréstimo da biologia, o que evidenciava, em sua opinião, que estaria mais próximo da psicanálise com essa obra de 1923.

Para Telles (2003), somente a partir de *Além do Princípio do Prazer* (1920) e *O Eu e o Id* (1923) é que Freud refaz a sua trajetória teórica referente à teoria da angústia, refletindo acerca da natureza da angústia e reestruturando a sua função, tendo em vista a nova concepção do Eu, trabalhada em 1923.

Na primeira seção (*I. Consciência e Inconsciente*), Freud argumenta acerca da diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente, colocando inclusive que tal distinção seria capaz de inscrever os processos patológicos referentes à vida psíquica no campo da ciência. Freud aborda ainda a ideia de latência, ao analisar a representação enquanto um elemento psíquico que não seria consciente de forma duradoura (a representação que é consciente, neste momento, poderia não sê-lo no instante seguinte). Freud chamou de “latente” esse intervalo, que consiste numa possibilidade de vir a se tornar consciente. Ainda atribuiu esse termo à descrição da representação como inconsciente. Diante disso, Freud comenta sobre as características fundamentais do inconsciente, à medida que afirma a existência de dois tipos de inconsciente: um deles seria o que é latente, porém capaz de consciência; e, o outro consistiria no reprimido, ou seja, aquilo que não é capaz de consciência. Contudo, quanto ao sentido dinâmico do termo inconsciente, Freud o definiu como reprimido dinamicamente inconsciente. Por fim, ele sintetiza essa elucidação expondo que todo conteúdo reprimido é inconsciente, porém nem todo inconsciente é reprimido. Para o pré-consciente, Freud o aborda como aquilo que seria latente e inconsciente em termos

descritivos e não no sentido dinâmico, colocando essa estrutura psíquica (o pré-consciente) mais próxima do consciente do que do inconsciente (Freud, 1923/2011).

Na seção *II. O Eu e o Id*, seguindo uma ideia topológica, Freud atribui ao consciente o aspecto de ser a superfície do aparelho psíquico – um sistema que seria o primeiro espacialmente desde o mundo externo. Define ainda que essa estrutura psíquica consistiria não somente nas percepções sensoriais (oriundas do exterior), mas também nas interiores, as quais ele denominou como sensações e sentimentos. Para Freud, estes dois últimos elementos têm a possibilidade de se tornar consciente ao atingir o sistema pré-consciente, porém tendo esse caminho barrado não se reproduziriam como sensações. A partir disso, Freud se refere a estes sentimentos como inconscientes. Apesar de acreditar que esta afirmação não seria completamente correta, ele comenta que haveria aí também uma analogia entre os sentimentos inconscientes e as representações inconscientes. Sobre essa questão, ele tece uma breve explicação, como segue abaixo (Freud, 1923/2011).

[...] a diferença está em que, para a ideia *ics*, precisam antes ser criados elos que a conduzam ao *Cs*, e isso não vale para os sentimentos, que continuam diretamente. Em outras palavras: a diferença entre *Cs* e *Pcs* não tem sentido para os sentimentos, o *Pcs* aqui não cabe, os sentimentos são conscientes ou inconscientes. Mesmo ao serem ligados a representações verbais, não devem a elas o fato de tornar-se conscientes, mas fazem-no diretamente. (Freud, 1923/2011, pp. 27-28)

Prosseguindo, ainda na segunda seção, Freud comenta sobre a ideia de que o indivíduo seria um *Id* (um algo psíquico) e, por isso, inconsciente em cuja superfície estaria o *Eu*. O núcleo do *Eu* seria desenvolvido a partir do sistema pré-perceptivo e o *Eu* abarcaria, inicialmente, o sistema pré-consciente, contemplando, assim, os resíduos mnêmicos. Nesse sentido, Freud expõe uma representação gráfica para o aparelho psíquico: “Se buscamos uma representação gráfica, podemos acrescentar que o *Eu* não envolve inteiramente o *Id*, mas apenas à medida que o sistema *Pcp* forma a sua superfície [do *Eu*], mais ou menos como o “disco germinal” se acha sobre o ovo. O *Eu* não é nitidamente separado do *Id*; conflui com este na direção inferior.” (Freud, 1923/2011, pp. 30)

Quanto à estrutura do sistema psíquico, Freud coloca que o *Eu* consistiria em uma parte modificada do *Id* pela influência direta do mundo externo, tendo como mediador o *Prcc-Cc*. Este último sistema além de se apresentar, por assim dizer, como um prosseguimento da diferenciação da superfície, ele não somente possibilita a influência do mundo externo sobre o

Id, como também se esforça em fazer acontecer o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer que, por sua vez, prevalece amplamente no Id. Ao fim desta segunda seção, Freud afirma expressamente que o Eu seria corporal não sendo, portanto apenas uma entidade superficial. Assim, o Eu corresponderia, ele mesmo, à projeção de uma superfície. Segundo Freud, o Eu consciente é, sobretudo, um Eu do corpo (Freud, 1923/2011).

Na seção *III. O Eu e o Super-eu (Ideal do Eu)*, Freud afirma que o ideal do Eu é o herdeiro do complexo de Édipo e, com isso, expressão dos poderosos impulsos e dos destinos libidinais do Id. Assim, no que se refere à história da gênese do Super-eu, Freud considera que os antigos conflitos do Eu com os investimentos objetivos do Id prosseguiriam em conflitos com o Super-eu (Freud, 1923/2011).

Contudo, o Super-eu não consiste apenas nos resíduos das primeiras escolhas objetivos do Id, mas possui também uma formação reativa a ele, no sentido de que sua relação com o Eu não se limita somente às advertências, mas também às proibições. Para tanto, Freud considera que esse aspecto duplo do ideal do Eu provém do seu empenho quanto à repressão do Complexo de Édipo. A respeito da origem do Super-eu é pertinente destacar a passagem abaixo.

O Super-eu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa. [...] Considerando uma vez mais a gênese do Super-eu, [...] nós o vemos como o resultado de dois fatores biológicos altamente significativos: o longo desamparo e dependência infantil do ser humano e o fato do seu complexo de Édipo, que relacionamos à interrupção do desenvolvimento da libido pelo período de latência e, assim, ao *começo em dois tempos* da vida sexual. [...] Com isto a diferenciação do Super-eu em relação ao Eu não é algo fortuito, representa os traços mais significativos da evolução da investigação e da espécie; e, dando expressão duradoura à influência dos pais, perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem. (Freud, 1923/2011, pp. 42)

Em síntese, Freud considera que o Super-eu se encontra voltado para o mundo interno, no sentido de confrontar o mundo exterior (a realidade, representada pelo Eu), se colocando na posição de um “advogado” do Id. Por conseguinte, ele coloca a suposição de que o conflito entre o Eu e o ideal do Eu seria um reflexo da oposição entre o real e o psíquico e, conseqüentemente, entre o mundo exterior e o interior (Freud, 1923/2011).

Na seção V. *As Relações de Dependência do Eu*, Freud aborda especificamente a relação da moralidade no Id, Eu e Super-eu. Quanto ao Id, ele afirma que a moralidade seria amoral por completo. Já o Eu se empenharia em se tornar moral e o Super-eu seria hipermoral ao mesmo tempo em que teria a possibilidade de se tornar cruel (Freud, 1923/2011).

Ainda nessa seção, Freud afirma expressamente pela primeira vez e sem maiores argumentações que o Eu é a sede da angústia. Nesse sentido, coloca que ele sofreria três tipos de perigos – do mundo externo, da libido do Id e do rigor do Super-eu –, além de também servir a esses três senhores. Segundo Freud, a "[...] angústia é expressão de um recuo ante o perigo." (Freud, 1923/2011, pp. 70)

Diante dessa ameaça proveniente de três direções, o Eu desenvolveria o reflexo de fuga, em que externaria a angústia como resultado de seu investimento retirado da percepção ameaçadora ou do processo no Id avaliado como ameaçador. Ao denominar essa reação do Eu como primitiva, Freud coloca que o mecanismo da fobia seria um sucessor de tal reação e um tipo de investimento protetor do Eu. Ademais, a angústia da consciência moral corresponderia a outro tipo de angústia que, segundo Freud, se encontraria escondida atrás da angústia do Eu diante do Super-eu. Por último, a terceira forma de angústia se volta para a ameaça de castração, proveniente do Super-eu: a angústia de castração (Freud, 1923/2011).

De acordo com Mezan (1998), o resultado de tal jogo de exigência tripla advinda desses três perigos (do exterior, da libido do Id e da severidade do Super-eu), culminaria no surgimento da angústia no Eu. Essa angústia emerge, então, como consequência de uma operação de defesa, como uma descarga de excitação. Levando em consideração os princípios de regulação psíquica no nível da tensão, Mezan afirma que essa descarga é sentida como desprazer e é mediada por um processo defensivo, cujo protótipo é a repressão.

Segundo análise feita por Mezan, Freud ao afirmar que o Eu é a sede da angústia retira de cena a hipótese de uma transformação automática da energia pulsional acumulada pela impossibilidade de sua exteriorização, que seria somente produzida no Id – como sustentara no início de sua teoria –, de modo que a angústia passa a ser compreendida como uma reação do Eu. Reação essa delimitada como uma resposta a um perigo. Os termos “temido”, “ameaçador”, “fuga” são utilizados por Freud justamente para caracterizar uma fragilidade do Eu que, em última análise, seria a responsável pelo aparecimento da angústia. Sendo assim, com *O Eu e o Id* (1923) é possível observar uma desvinculação da ideia da sexualidade como determinação exclusiva do desenvolvimento da angústia, ao mesmo tempo, em que deixa em

aberto a problemática referente à sua gênese, bem como a quais funções ela serviria – o que irá ser trabalhado mais profundamente por Freud, no ano de 1926, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, a partir da revisão minuciosa da teoria das neuroses, que ele empreendeu realizar.

Ainda na quinta parte do texto, Freud (1923/2011) trabalha a relação entre o medo e a angústia, expondo as condições nas quais o medo da morte surge e que, segundo ele, seriam semelhantes às referentes ao desenvolvimento da angústia. Para tanto, ele afirma existir duas condições: como reação a um perigo externo; e, a outra, como um processo interno. Para melhor apreender essa ideia, segue a citação abaixo:

Sabemos que o medo da morte aparece sob duas condições, que, aliás, são inteiramente análogas às do desenvolvimento habitual da angústia: como reação a um perigo externo e como processo interno, na melancolia, por exemplo. Mais uma vez, o caso neurótico pode nos auxiliar na compreensão do caso real. A angústia da morte, na melancolia, admite apenas uma explicação: o Eu abandona a si mesmo por sentir-se odiado e perseguido pelo Super-eu, em vez de amado. De modo que para o Eu viver significa ser amado, ser amado pelo Super-eu, que também aí surge como representante do Id. O Super-eu desempenha a mesma função protetora e salvadora que tinha antes o pai, depois a Providência ou o Destino. A mesma conclusão deve tirar o Eu quando se acha ante um imenso perigo real, que não acredita poder superar com suas próprias forças. Vê-se desamparado de todos os poderes protetores e deixa-se morrer. Esta é, aliás, a mesma situação que subjaz ao primeiro grande estado de angústia, o do nascimento, e à angústia infantil da nostalgia, a da separação da mãe protetora. (Freud, 1923/2011, pp. 72-73)

É de suma importância, observar aqui o aparecimento da ideia do desamparo e do nascimento atrelado à questão da angústia que, por sua vez, foi exposta primeiramente por Freud na *Conferência XXV* (1917). No entanto, considerando *O Eu e o Id* (1923) quanto à passagem acima, é possível notar que Freud associa o aparecimento de um perigo (real, nesse caso) diante do Eu, o qual não tendo forças para superá-lo, se veria em um estado de desamparo.

Considerações finais

Em *O Eu e o Id* (1923), Freud lança sua célebre afirmação de que o Eu é a sede da angústia e, assim, pela primeira vez, a angústia é abordada na quinta seção (*V. As Relações de*

Dependência do Eu). Ele também argumenta sobre as ameaças que o Eu sofre e que essas advêm de três sentidos: do mundo externo, da libido do Id e da severidade do Super-eu. O Eu não somente seria alvo desses três perigos, como também serviria a esses senhores (mundo externo, Id e Super-eu).

Frente a tais ameaças, ele considera que ocorreria a angústia associada ao reflexo de fuga. Angústia essa que corresponderia ao investimento retirado da percepção ameaçadora ou do processo no Id também avaliado como ameaçador. Outro tipo de angústia mencionado foi a angústia da consciência moral, que consiste na angústia do Eu frente ao Super-eu. A terceira espécie de angústia abordada foi a angústia de castração, que se refere à ameaça de castração advinda do Super-eu.

4.2 – As últimas formulações de Freud sobre a angústia

Strachey comenta que *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) foi escrito no mês de julho do ano de 1925 e revisado em dezembro ainda do mesmo ano, tendo sua publicação feita somente na terceira semana de fevereiro do ano subsequente. De acordo com o comentador, Freud deixou de lado a teoria sustentada durante tanto tempo em sua obra: a de que a angústia seria uma libido transformada, passando a defender ou a concebê-la como uma reação frente às situações de perigo, regida por um modelo específico. Contudo, o comentador afirma que ainda em 1926, Freud permaneceu afirmando que para os casos de neuroses de angústia, seria o excesso de libido não aplicada que encontraria sua descarga no desenvolvimento da angústia. Nesse sentido, Strachey destaca que Freud somente abandona esse remanescente proveniente da antiga teoria nas *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1933), mais especificamente na *Conferência XXXII, A Angústia*, ao afirmar que também na neurose de angústia, o desenvolvimento dessa consistiria em uma reação frente a uma situação traumática (Strachey, 1926/1976).

Freud inicia a seção *I*, comentando uma distinção na linguagem corrente dos termos inibição e sintoma. Embora ele os classifique como fenômenos patológicos, considera que a inibição, em específico, não seria necessariamente patológica, consistindo, por sua vez, em uma restrição normal de uma certa função. Ao contrário dela, o sintoma indicaria a existência de um processo patológico, portanto a inibição também poderia ser um sintoma. Segundo

Freud, “a linguagem corrente fala de inibição quando há uma simples diminuição da função, e de sintoma quando se verifica uma inusitada alteração dela ou uma nova manifestação.” (Freud, 1926/2014, pp. 14) Com o propósito de investigar a ideia da inibição relacionada à função, Freud empreende a análise das funções do Eu, a fim de verificar como ocorre a manifestação da inibição em cada uma das afecções neuróticas.

Em síntese, ao fim dessa seção inicial, Freud afirma que é possível compreender o conceito de inibição como uma limitação funcional do Eu, cujas causas podem ser variadas. Conclui ainda que essas limitações se dão por precaução ou em virtude de um empobrecimento da energia (Freud, 1926/2014).

Na segunda parte desse texto de 1926, Freud afirma expressamente que o sintoma é um indicativo e, ao mesmo tempo, um substituto de uma satisfação pulsional que não ocorreu e que seria resultado do processo de repressão.

Ainda na segunda seção do artigo de 1926, Freud afirma que o impulso pulsional provém do Eu, que não deseja contribuir num investimento dessa natureza derivado do Id que busca a satisfação. Por meio da repressão, o Eu consegue fazer com que a representação detentora do impulso desagradável permaneça fora da consciência, de modo que a representação seja mantida como formação inconsciente (Freud, 1926/2014).

Logo em seguida, Freud se interroga a respeito da origem da energia que é utilizada na produção do sinal de desprazer. Para responder a essa questão, ele parte do mecanismo de defesa frente a um estímulo externo, que também seria empregado tanto contra o perigo interno quanto o externo, como pode ser observado abaixo:

No caso do perigo externo, o organismo empreende uma tentativa de fuga, inicialmente retira o investimento da percepção do que é perigoso; depois enxerga um meio mais eficaz: realizar ações musculares tais que a percepção do perigo se torne impossível mesmo que não haja a recusa de percebê-lo, ou seja, subtrair-se ao campo de ação do perigo. A repressão equivale a essa tentativa de fuga. O Eu retira o investimento (pré-consciente) do representante de instinto a ser reprimido e o aplica na liberação de desprazer (angústia). O problema de como surge a angústia na repressão pode não ser simples; mas temos o direito de nos apegar à ideia de que o Eu é a genuína sede da angústia, e de rejeitar a concepção anterior de que a energia de investimento do impulso reprimido é transformada automaticamente em angústia. Se antes me expressei desse modo, forneci uma descrição fenomenológica, não uma exposição metapsicológica. (Freud, 1926/2014, pp. 21-22)

A partir da passagem acima, é possível notar que Freud mantém a noção de angústia desenvolvida em *O Eu e o Id* (1923) ao reafirmar a ideia do Eu como a sede da angústia. Neste texto de 1923, ao comentar a respeito do Eu frente a uma ameaça, Freud coloca que ele desenvolveria o reflexo de fuga e manifestaria uma espécie de angústia.

Em continuação ao trabalho de 1926, Freud se coloca frente a outro questionamento: “[...] como é possível, do ponto de vista econômico, que um simples processo de retirada e descarga como a retração do investimento pré-consciente do Eu produza desprazer ou angústia, que por nossas premissas podem apenas resultar de um investimento intensificado?” (Freud, 1926/2014, pp. 22) Em resposta, ele declara que a explicação não deve se basear em termos econômicos, considerando que a angústia não seria produzida novamente no processo de repressão, mas sim, seria concebida como um estado afetivo, enquanto uma imagem mnêmica existente. Segundo Freud, ao integrarem-se à psique, tais estados se apresentariam como precipitados de vivências traumáticas arcaicas e, em situações análogas, eles seriam provocados como símbolos mnêmicos.

Ainda na segunda parte do texto e pela primeira vez nessa obra, Freud comenta sobre o ato do nascimento e, sem adentrar profundamente nesta questão, afirma que o mesmo somente ocorreria nos seres humanos e em seres a ele similares. Contudo, Freud afirma ainda que o evento do nascimento consistiria na primeira vivência individual de angústia, o que ele irá desenvolver mais consistentemente ao longo do trabalho de 1926. Dessa forma, neste momento de seu artigo, ele apenas afirma que o nascimento se trata de um símbolo afetivo que se apresentaria em situações de perigo como uma necessidade de ordem biológica (Freud, 1926/2014).

Na quarta parte do texto, Freud analisa o caso do pequeno Hans fazendo alguns apontamentos, no sentido de identificar o impulso reprimido, o sintoma substitutivo e o motivo da repressão. Inicialmente, ele classifica a fobia de cavalos como uma zoofobia histórica infantil. Segundo Freud, o medo do menino por cavalos correspondia ao seu sintoma, e a incapacidade de sair à rua seria uma inibição que se apresentava como uma restrição imposta pelo Eu a fim de que não fosse gerada a angústia (sintoma). Contudo, Freud esclarece que a angústia sentida pelo menino diante dos cavalos não era indeterminada, mas sim uma expectativa angustiada de ser mordido por ele. Ademais, quanto à situação psíquica do caso de Hans, Freud acrescenta o drama edípico, o qual o garoto se encontrava: uma posição

ambivalente, em que era ciumento e hostil para com o pai, ao mesmo tempo em que o amava enquanto sua mãe não aparecesse como causa de desavença. Nesse sentido, Freud considera a fobia como uma tentativa de resolver esse embate (Freud, 1926/2014).

Outra espécie de elucidação exposta por Freud foi a de que a angústia relativa à fobia de Hans não seria caracterizada como um sintoma, à medida que fosse considerado que o medo sentido pelo pai consistia em uma reação afetiva pelo fato dele estar enamorado pela mãe. Assim, Freud entende que não seria possível atribuir a isso uma neurose (fobia), mas sim uma reação afetiva. Para ele, o que caracterizaria uma neurose seria a substituição do pai pelo cavalo (objeto), que culminaria no deslocamento que, por sua vez, produziria o sintoma, o qual se apresentaria como um mecanismo capaz de solucionar a ambivalência do menino para com o pai (Freud, 1926/2014).

Nesta quarta seção, Freud retoma o caso do pequeno Hans para comentar acerca da angústia da castração. Nesse caso clínico, Freud destaca não somente a presença de uma hostilidade por parte do garoto diante do pai, mas também comenta que a brincadeira de “cavalinho” realizada pelo mesmo (pai) poderia ter sido determinante na escolha do animal causador da angústia. Freud argumenta que angústia sentida pelo menino seria a responsável pelo abandono de sua agressividade diante do pai, uma vez que teria medo de ser mordido pelo cavalo – medo de que ele morderesse o seu órgão genital. Esse medo de ser mordido por um cavalo se apresentava como um substituto distorcido da ideia de ser castrado pelo pai, de modo que Freud acreditava que o afeto da angústia – assim chamado por ele – que compunha a essência da fobia não se originaria do processo de repressão. Dessa forma, ele acreditava que o medo de ser mordido pelo cavalo não seria proveniente dos investimentos de libido dos impulsos reprimidos, mas da instância repressora. Assim, a angústia do garoto para com o animal consistia na angústia da castração sentida pelo Eu, que seria uma angústia realista, ou seja, uma angústia frente a um perigo ameaçador e julgado como real. Diante disso, Freud esclarece que, de certa forma, se encontrava implícita em tal argumentação a seguinte ideia: a angústia seria capaz de gerar a repressão, e não o contrário, conforme argumentava nos anos iniciais de sua teorização. A passagem abaixo ilustra, por assim dizer, o paralelo estabelecido por Freud em sua reflexão acerca da forma como apresenta a angústia neste texto e a que ele defendia anteriormente em função do estudo empreendido sobre as neuroses (Freud, 1926/2014).

A postura angustiada do Eu é sempre o elemento primário e instigador da repressão. A angústia não provém jamais da libido reprimida. Se eu tivesse me contentado em dizer que aparece um montante de angústia em vez da esperada manifestação da libido, após a repressão, não teria nada a retirar atualmente. A descrição é correta, e entre a força do impulso a ser reprimido e a intensidade da angústia resultante existe a correspondência que afirmei. Mas confesso que acreditava fornecer mais que uma mera descrição, supunha haver percebido o processo metapsicológico da conversão direta da libido em angústia – algo que hoje não posso mais sustentar. Naquele tempo também não pude explicar como se realiza tal transformação. (Freud, 1926/2014, pp. 44)

A partir do que vem sendo exposto, é possível observar uma posição teórica mais consistente efetuada por Freud, cuja hipótese central é a da angústia como anterior à repressão e não mais como resultado de tal processo. Assim, a angústia não é mais concebida como consequência da libido reprimida.

De acordo com a análise de Laplanche (1980/1998), a “*Angst*” (forma com a qual ele se refere à angústia) tenderia a duas direções: o susto e o medo. Para o medo, haveria o problema do objeto, à medida que se considere o medo de alguma coisa ou medo do perigo. O autor acrescenta ainda que esse medo retoma, de certa forma, uma função realista, uma função preparatória e, nesse sentido, Laplanche levanta uma questão:

Detivemo-nos na descrição e na análise que Freud faz do medo infantil. Este é simplesmente medo de alguma coisa ou de alguém (um rosto inquietante, hostil)? Não será antes explosão, já, de angústia, explosão na qual o objeto (esse rosto) é apenas o sinal deflagrador? Mas se todo o medo, aparentemente real, realista, remete à angústia, inversamente quase não existe angústia que não procure fixar-se, limitar-se, controlar-se, enquanto medo. Aí está toda a verdade da expressão alemã *Ich habe Angst vor* (“Tenho angústia de...”), ou ainda da expressão “animal de angústia” (*Angstiler*). (Laplanche, 1980/1998, pp. 64)

Considerando a passagem acima, Laplanche comenta que a partir do momento em que há essa eleição do objeto de angústia, é possível a introdução no campo das fobias, considerando que elas seriam sintomas encontrados nas mais diversas afecções psíquicas, como nas neuroses e psicoses, sem ser necessariamente patagnomônicas. De acordo com o comentador, nas neuroses de angústia, por exemplo, é possível notar que elas seriam uma das variadas modalidades, das quais a angústia de base se ligaria. Nessa perspectiva, Laplanche

coloca que a fobia entendida como um sintoma seria definida enquanto uma modalidade que vincula a *Angst* a um objeto privilegiado (um animal, um objeto perigoso ou uma situação, etc.).

No fim dessa quarta parte, Freud elucida que o seu embasamento para justificar a ideia de uma transformação da libido em angústia se encontra no estudo a respeito das neuroses, quando ainda não havia suposto a distinção entre os processos do Eu e os do Id. Nessa perspectiva, ele continua sua explicação, argumentando que ao considerar a excitação sexual à revelação dos impulsos libidinais, parecia-lhe possível argumentar a hipótese de que a libido se converteria em angústia, quando estivesse sob influência ora de uma excitação frustrada, ora da abstinência ou em situações da prática do coito interrompido. Embora Freud deixe claramente expresso que essa observação ainda permanecia válida, ele assume que haveria de ser considerada a ideia de que a libido dos processos do Id experimenta perturbações, provocada pela repressão. Com isso, Freud parece continuar considerando que a partir da repressão poderia ocorrer a angústia, com base no investimento libidinal dos impulsos pulsionais. Nesse momento teórico, Freud visualiza uma contradição: “Mas como harmonizar esse resultado com o outro, segundo o qual a angústia das fobias é uma angústia do Eu, que nasce no Eu, não procede da repressão, e sim a provoca? Isso parece uma contradição, e nada fácil de ser resolvida. A redução das duas fontes da angústia a uma só não é algo simples.” (Freud, 1926/2014, pp. 45) Diante disso, ele segue na tentativa de fundamentar esse impasse com o qual se deparara e finaliza esta seção afirmando: “Pode tentar fazê-lo com a suposição de que o Eu, na situação do coito perturbado, da excitação interrompida, da abstinência, pressente perigos e a eles reage com angústia, mas isso não nos leva adiante. Por outro lado, nossa análise das fobias não parece pedir correção. *Non liquet!*” (pp. 45)

Lyra, que parte do pressuposto de que existem duas teorias da angústia na obra freudiana, afirma que embora Freud apresente nesse texto de 1926 uma nova teorização sobre a angústia, ele ainda preserva aspectos de sua antiga teoria. Nesse sentido, Lyra entende que Freud intenta explicar a etiologia da neurose de angústia à luz de sua recente teorização da angústia, sem, no entanto, contradizer a primeira. Segundo Lyra, a neurose de angústia conteria um referencial infantil e traumático, ainda que a angústia automática se restabeleça em condições nas quais o Eu não tenha como lidar com uma situação traumática atual. A respeito disso, o autor acrescenta ainda que haveria uma relação entre esse conteúdo e as publicações anteriores de Freud referentes a 1895, afirmando que “a nova teoria acerca da angústia permite situar as neuroses atuais como estando na base das psiconeuroses, revelando

finalmente a relação específica, outrora observada [...] entre os dois grupos de neurose.” (Lyra, 2007, pp. 62)

Ao fim da sexta seção, Freud retoma as neuroses – fobia, histeria de conversão e neurose obsessiva, que até então representavam um certo obstáculo diante de suas elucidações teóricas – afirmando que elas possuem como ponto de partida o complexo de Édipo. Além disso, considera possível supor que nessas três formas de neurose a angústia de castração se constitui como o motor da oposição do Eu, sendo que apenas nos casos de fobia é que essa angústia se tornaria evidente. Diante disso, Freud se questiona o que seria feito nas outras duas formas de neurose: como o Eu conseguiria eximir-se desta angústia. Entretanto, ele não finaliza essa reflexão incitada somente nas linhas finais desta seção, afirmando, contudo, que o problema se torna obscuro ao se levar em conta que “[...] a angústia proceda, por uma espécie de fermentação, do próprio investimento libidinal perturbado em seu curso.” (Freud, 1926/2014, pp. 62)

Somente na sétima parte e pela primeira vez, Freud determina a angústia como um sinal de perigo, ao levar em conta que o Eu emite o sinal de angústia quando reconhece o perigo de castração. Com isso, ocorre a inibição, através da instância prazer-desprazer. Em paralelo a isso, aconteceria também a constituição da fobia. Nesse sentido, ao trazer à tona o caso do pequeno Hans, ele comenta acerca dessa questão, afirmando que a angústia de castração assume outro objeto, cuja expressão seria deformada. Trata-se da formação substitutiva, em que haveria o medo de ser mordido pelo cavalo, ao invés de ser castrado pelo próprio pai (Freud, 1926/2014).

A formação substitutiva possui duas vantagens óbvias: a primeira, o fato de que evita o conflito de ambivalência, pois o pai é também um objeto amado; a segunda, o fato de que permite ao Eu cessar com o desenvolvimento da angústia. Pois a angústia da fobia é facultativa, surge apenas quando o seu objeto é alvo da percepção. [...] Ora não é possível remover o pai; ele aparece quando quer. Se é substituído pelo animal, no entanto, basta fugir à visão, isto é, à presença do animal, para estar livre do perigo e do medo. Desse modo, o pequeno Hans impõe ao seu Eu uma restrição, produz uma inibição de sair para não encontrar cavalos. (Freud, 1926/2014, pp. 65)

Nesse momento, parece que Freud compreende a angústia de forma mais clara diante da ameaça de castração. Nas fobias em específico e, tomando o caso do garoto Hans como exemplo, o medo real de ser mordido por cavalos aponta para uma formação substitutiva que corresponde ao medo do menino de ser castrado pelo próprio pai e, justifica também, em certa medida, sua hostilidade diante dele. O cavalo aparece, então, como um objeto de angústia, ainda que ele fosse uma expressão deformada de outro medo (ser castrado pelo pai). Sendo assim e, conforme a conclusão de Freud na quarta seção deste artigo de 1926, a angústia nas fobias seria uma angústia do Eu e, portanto, uma angústia capaz de provocar a repressão.

Posteriormente, para a explicação da concepção de angústia enquanto um sinal afetivo e de sua situação econômica, Freud trabalha a relação entre o perigo interno e o externo diante do Eu e o acometimento da angústia. Ele atribui à fobia a particularidade da projeção, que se refere à substituição de um perigo interno (pulsional) por um externo, que seria perceptivo. Nisso, ele destaca a vantagem da inibição do perigo externo através da fuga de sua percepção, embora não seja possível a ocorrência deste mesmo mecanismo defensivo para com a ameaça interna. A esse perigo interno, Freud acrescenta que a exigência pulsional não seria um perigo em si, mas é considerada assim pelo fato de suscitar um perigo real externo, que seria a castração. Para tanto, Freud afirma que o Eu, na fobia, se concilia com a ideia de uma angústia como um estado afetivo na medida em que esse Eu tem a possibilidade de não ser acometido pela angústia, seja pela evitação de algo ou pelo desenvolvimento da inibição, que é considerado um sintoma (Freud, 1926/2014).

Nessa mesma perspectiva, Freud continua a elucidação acima, acrescentando que a angústia sentida na fobia por animais seria então uma reação afetiva do Eu frente ao perigo (de castração). Diante disso, ele esclarece de certa forma uma diferenciação entre a angústia realista e a neurótica, à medida que declara que o conteúdo da angústia neurótica continuaria sendo de natureza inconsciente, podendo, no entanto, se tornar consciente através da deformação (Freud, 1926/2014).

Mais adiante, Freud coloca expressamente que, via de regra, a fobia se instalaria após o indivíduo experimentar um ataque de angústia pela primeira vez. Nesse sentido, a angústia seria excluída, porém ela reapareceria sempre quando ocorresse a falta da condição protetora do Eu, considerando que o mecanismo de fobia desempenha a função de defesa, gerando também uma disposição à estabilidade (Freud, 1926/2014).

Para Freud, há uma semelhança entre a fobia e a neurose obsessiva. Segundo ele, o que foi apreendido do estudo das fobias serviria para esta última. Nas fobias, o motor da formação dos sintomas seria a angústia sentida pelo Eu diante do Super-eu, de seu rigor, em que o temor do Eu se voltaria para um castigo de castração. Trata-se de um perigo internalizado, portanto, não havendo aqui a questão da projeção, como comentado anteriormente. Sobre o temor do Eu frente ao Super-eu, Freud complementa com “tal como o Super-eu é o pai que se tornou impessoal, assim também o medo da castração pelo pai transformou-se em angústia social indeterminada ou angústia da consciência [...]” (Freud, 1926/2014, pp. 68)

Ao afirmar que o Eu se subtrairia ao Super-eu, Freud se referia ao fato de que o Eu se submeteria a este último, executando seus mandamentos de forma obediente. Entretanto, quando impedido de cumprir tais preceitos ou mandamentos, seria logo acometido por um mal-estar significativamente penoso, o qual Freud considerou como um equivalente da angústia. Diante disso, Freud extraiu a conclusão de que a angústia consistiria na reação do Eu frente a uma situação de perigo em que ele seria poupado ao se mobilizar no sentido de evitar a situação que geraria a angústia. Sendo assim, o sintoma seria constituído no intuito de evitar tal situação que, por sua vez, seria sinalizada pelo desenvolvimento da angústia (Freud, 1926/2014).

Partindo da hipótese de que a angústia seria uma reação do Eu frente ao perigo, como argumentado anteriormente, Freud coloca que seria possível então, compreender que a neurose traumática sobreviria a um perigo mortal vivenciado pelo indivíduo e seria o resultado direto do medo da morte ou medo pela vida. Portanto, a neurose traumática estaria desvinculada das dependências do Eu e da castração.

Mais adiante, Freud chega a uma espécie de consenso sobre a angústia da morte, a colocando como algo semelhante à angústia de castração e à situação a que o Eu reage frente ao abandono do protetor Super-eu, em que não há segurança contra os perigos. Quanto à neurose traumática, ele acredita que as experiências que levam a esta neurose ocorreria um rompimento da proteção contra os estímulos externos, em que grandes quantidades de excitação se aproximariam do aparelho psíquico, possibilitando, desta forma, que a angústia fosse sinalizada como um afeto, bem como fosse produzida nessas condições econômicas.

A partir da suposição de que o Eu fora preparado para a castração através de perdas sucessivas do objeto, Freud declara que se adquiriu, assim, uma nova concepção de angústia. Ainda que tenha sustentado até o momento a angústia enquanto um sinal afetivo do perigo da

castração, ela emerge, agora, como uma reação a uma perda, a uma separação. A fim de elucidar essa questão, Freud menciona o nascimento como a primeira experiência angustiante para os seres humanos e que representa também a separação da mãe.

Sucintamente e ao fim dessa sétima parte da obra de 1926, Freud levanta duas objeções. A primeira se refere à possibilidade da angústia se repetir enquanto símbolo da separação, ou seja, o aparecimento da angústia se daria a cada separação ulterior da vida do indivíduo. Entretanto, Freud considerou esta suposição como impedida de ser utilizada, uma vez que a mãe ainda não é reconhecida pelo feto como um objeto que, nesse momento de seu desenvolvimento humano, é narcisista. A outra objeção é exposta brevemente e está implicada na relação entre separação e angústia. Freud assevera que a reação afetiva frente à separação seria sentida como dor e luto, ao invés de angústia (Freud, 1926/2014).

Já na oitava seção, Freud propõe reunir todo o conhecimento construído acerca da angústia com o intuito de encontrar um entendimento sobre tal concepção, que leve à sua natureza e a um critério que distinga o que é verdadeiro ou não a seu respeito. Sendo assim, ele declara que a angústia seria algo que se sente, embora não houvesse conceitualizado nesta obra o que seria um afeto. Contudo, ele a definiu como um estado afetivo, assim como o fizera na *Conferência XXV* de 1917 (*A Angústia*). Enquanto uma sensação, ele considera que a angústia possuiria um caráter desprazeroso, ainda que nem todo desprazer pudesse ser denominado como angústia. Para isso, argumenta que haveria outras sensações com tal qualidade (desprazerosa) como nos casos de tensões, dor e tristeza, em que a angústia precisaria de outras particularidades além desta (sensação). Entretanto, Freud afirma que a angústia possuiria certos representantes de sensações – termo utilizado por ele em justificativa ao fato de não haver um interesse fisiológico em si a respeito dela (da angústia). Estes representantes estariam relacionados com o coração e órgãos respiratórios. Assim, seria possível supor a existência de inervações motoras participando do fenômeno deste afeto. Em síntese, Freud elucida uma análise dos estados de angústia, asseverando que eles possuem a particularidade de serem desprazerosos, constituem reações de descarga e percebem tais reações (Freud, 1926/2014).

Freud considera que as elucidações argumentadas acima seriam de cunho fisiológico. No entanto, ele procura por um fator histórico capaz de reunir tanto as sensações quanto as inervações de angústia, argumentando, para tanto, a seguinte hipótese:

Em outras palavras, que o estado de angústia é a reprodução de uma vivência que encerrava as condições para tal aumento da excitação e para a descarga em trilhas específicas, e que é desse modo que o desprazer da angústia adquire seu caráter próprio. No ser humano, tal vivência prototípica é o nascimento, e por isso nos inclinamos a ver no estado de angústia uma reprodução do trauma do nascimento. (Freud, 1926/2014, pp. 73)

Não obstante, quando remete a angústia ao momento do nascimento, Freud expressa a necessidade de realizar certas objeções. Uma delas se refere ao fato de que se trata de uma reação comum a todos os organismos superiores, sendo vivida por todos os mamíferos, apesar de não ser incontestável a ideia de que seja de fato um trauma para todos eles. Apesar disso, ele conclui que haveria a angústia sem o modelo do nascimento e, nesse sentido, ele justifica que ela deveria, então, ser uma reação ao estado de perigo, que seria, por sua vez, uma função indispensável em termos biológicos. Embora tenha elaborado essas considerações, Freud afirma que não haveria o que pudesse impedir sua suposição de que o processo do nascimento fosse um modelo para a angústia nos seres humanos (Freud, 1926/2014).

Bianchedi, Boschan, Cortiñas & Piccolo (1988) defendem que quando Freud concebe a angústia como um estado especial de desprazer, com ações de descarga ao longo de caminhos particulares e quando ele assume a presença de um fator histórico, ele parece, então, rejeitar uma explicação puramente fisiológica. De acordo com os autores, ao incluir tal fator histórico no tocante à origem da angústia, Freud parece deixar também quase explícito o ponto de vista adaptativo advindo da biologia, mais especificamente da teoria da evolução. Sendo assim, a angústia é entendida como uma repetição de uma experiência sofrida passivamente, que é o desamparo do nascimento, em que essa experiência é filogeneticamente inscrita no ser humano. Sendo assim, os autores entendem que o sinal de angústia para Freud possui uma dupla explicação: a econômica e a histórica de função adaptativa. Após fundamentar essa estrutura para a angústia, Freud questiona qual seria a função da mesma e em quais situações seria reproduzida. Em resposta, afirma que a angústia surgiu enquanto uma reação diante de um estado de perigo e sua reprodução se daria sempre que tal estado se apresentasse ao indivíduo (Freud, 1926/2014).

Freud aborda ainda outra conjectura referente ao surgimento da angústia. Ele levanta uma dupla hipótese, em que de um lado haveria um surgimento inadequado quando ocorresse uma nova situação de perigo; enquanto, de outro lado, haveria uma sinalização a fim de evitar essa situação. Para tanto, Freud se vê diante da necessidade de caracterizar aquilo que

considera ser um perigo, muito embora ele não esteja por completo conciso quanto à validade de sua descrição, como é apresentado abaixo:

Mas o que é um “perigo”? No ato do nascimento há um perigo objetivo para a conservação da vida, sabemos o que isso significa na realidade. Mas psicologicamente isso nada nos diz. O perigo do nascimento não tem ainda um conteúdo psíquico. Certamente não podemos pressupor, no feto, algo que de algum modo se assemelhe a um conhecimento da possibilidade de um desfecho fatal para sua existência. O feto não pode notar senão um imenso distúrbio na economia de sua libido narcísica. Grandes quantidades de excitação chegam até ele, produzindo novas sensações de desprazer, vários órgãos conquistam investimentos elevados, algo como um prelúdio do investimento objetal que logo começará; [...] (Freud, 1926/2014, pp. 75)

Freud se volta ainda para outra indagação a partir de sua hipótese de que o recém-nascido seria capaz de repetir o afeto de angústia em todas as situações que lhe recordem o evento do nascimento. Seu questionamento se refere ao que faz o recém-nascido recordar o momento do nascimento e o que ele recorda desse momento. (Freud, 1926/2014).

Em seguida, Freud propõe analisar as ideias de Otto Rank em sua obra de 1924, *Trauma do Nascimento*, a fim de estudar a disponibilidade, por assim dizer, do lactante ou da criança para com o desenvolvimento do afeto de angústia. Ainda que não concordasse inteiramente com as hipóteses deste autor, Freud levanta algumas considerações – “[...] ao observar, tais situações de angústia posteriores, Rank vê como fator operante, conforme sua necessidade, ou a lembrança da existência intrauterina feliz ou a da perturbação traumática desta, e com isso estão abertas as comportas para a arbitrariedade na interpretação.” (Freud, 1926/2014, pp. 77) Contudo, o psicanalista confronta esta suposição ao colocar que, em casos específicos de medo infantil, nos quais a criança se encontra sozinha no quarto escuro, por exemplo, ela poderia sentir uma satisfação, tendo em vista que esse momento corresponderia a uma espécie de restabelecimento do estado intrauterino. Entretanto, segundo sua observação, a criança reagiria com angústia. Diante disso, Freud conclui que as fobias da primeira infância não poderiam se referir à impressão deixada pelo ato do nascimento, colocando que o acometimento deste afeto não seria tão intenso após o evento do nascimento. Então, com o desenvolvimento psíquico da criança, Freud acredita que surgiria a angústia, cuja manifestação se manteria por determinado período da infância. Mesmo que não estivesse

conciso quanto a tais considerações, ele apresenta alguns casos em que a angústia se apresenta e que acredita serem inteligíveis até então. Dentre elas, destaca-se a criança no escuro ou sozinha; ou, ainda, quando a criança se encontra com algum indivíduo que não lhe é conhecido, no lugar da mãe ou do que lhe é familiar. Em suma, enquanto uma espécie de conclusão, Freud aborda a hipótese de que a angústia estaria ligada à falta da pessoa ansiada, amada, como é demonstrado abaixo.

A imagem mnemônica da pessoa ansiada é intensamente investida, sem dúvida; no início de forma alucinatória, provavelmente. Mas isso não produz resultado, e então é como se o anseio se transmutasse em angústia. Tem-se mesmo a impressão de que essa angústia seria uma expressão de perplexidade, como se aquele ser ainda pouco desenvolvido não soubesse fazer nada melhor com esse investimento de anseio. A angústia aparece, então, como reação à falta do objeto, e duas analogias se nos apresentam: que também o medo da castração tem por conteúdo a separação de um objeto bastante estimado e que a angústia mais primordial (o “medo primevo” do nascimento) origina-se na separação da mãe. (Freud, 1926/2014, pp. 78)

Laplanche comenta que quando Freud parece tentar abandonar a primeira teoria da angústia (angústia desencadeada da libido), ele se depara com o ressurgimento dessa, através da teoria de Rank. Sendo assim, Laplanche, que defende dois momentos na teoria da angústia, atenta para o fato de que, nesse texto de 1926, Freud expressa uma tentativa de conciliação para com os dois momentos dessa teorização, ou seja, entre a primeira, designada por Laplanche de “econômica” – que não fora completamente abandonada – e, outra, denominada como “histórica”. Nesse sentido, o autor afirma: “Essa tentativa não é, em absoluto, de síntese, uma vez que justapõe, por falta de melhor, uma angústia *repetida* e uma angústia *reproduzida*, quase instrumentalmente, por um ego¹⁰ que parece um pouco confiante demais em suas manobras.” (Laplanche, 1980/1998, pp. 135)

Em continuação à sua reflexão acerca da angústia relacionada à perda do objeto, Freud acrescenta a ideia de que a mãe seria percebida pela criança como aquela capaz de satisfazer as suas necessidades, tendo por base a sua própria experiência. Portanto, a interpretação de uma situação perigosa considerada pela mesma seria a ocorrência da insatisfação, ou seja, de

¹⁰ Laplanche adota a terminologia “ego”, ao invés do termo empregado ao longo desta pesquisa. Considerando o estudo em questão, lê-se “Eu”, para a terminologia supracitada.

um aumento da tensão proveniente da necessidade, diante da qual ela se encontraria impotente. Logo após, Freud parece então generalizar, por assim dizer, esta situação de insatisfação, na medida em que afirma que uma repetição da situação de perigo se mostraria análoga à experiência do nascimento que, por sua vez, corresponderia à situação de insatisfação, cuja magnitude dos estímulos atingiriam um nível tal de desprazer, que não seriam controladas psiquicamente e nem sob descarga. Ademais, haveria uma perturbação de ordem econômica – produzida pelo aumento dessa magnitude de estímulo – que corresponderia ao núcleo do perigo. Ele comenta ainda que em ambos os casos ocorreria uma reação de angústia, descrevendo-a como adequada no bebê, considerando que sua descarga se daria via músculos tanto respiratórios quanto vocais, o que possibilitaria a convocação da mãe, da mesma forma que no momento do nascimento o bebê teria incitado a atividade pulmonar a fim de afastar os estímulos internos. Diante dessas reflexões, Freud acreditava que não seria necessária a assimilação de outra coisa, que não a compreensão desta forma de perigo por parte do bebê (Freud, 1926/2014).

Ao fim dessa análise, ele conclui que o teor do perigo se deslocaria de uma situação econômica, para uma condição de perda de objeto – a partir da percepção de um objeto externo que, no caso da criança, seria desencadeada pela ausência da mãe, e entendida como uma situação de perigo. Assim, antes mesmo da instalação da temida situação econômica, o bebê emitiria o sinal de angústia. Com isso, Freud menciona um progresso, por assim dizer, diante da autoconservação, ao mesmo tempo, em que ressalta a importante transição teórica do que sustentara proeminentemente no início de sua teoria, que era o surgimento de uma angústia automática e involuntária, para então, uma produção deliberada desse afeto como um sinal de perigo (Freud, 1926/2014). Para ambos os fenômenos: sinal de perigo (ou “sinal salvador”, como também foi denominado por ele) e angústia automática, Freud assevera que a angústia consistiria em uma consequência do desamparo psíquico do bebê. Além disso, considera que tanto a angústia do nascimento quanto a do bebê seriam determinadas pela separação da mãe. Nessa perspectiva, ele comenta ainda a existência da ideia de uma espécie de continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância, ao levar em conta que o objeto psíquico materno seria capaz de substituir a situação biológica do feto, para a criança. Entretanto, ele considera que a perda do objeto teria uma amplitude maior, afirmando que também a angústia de castração se encontraria ligada ao mesmo aspecto da separação da mãe, cujo perigo seria a separação do genital. Quanto à relação da angústia com o Super-eu, Freud comenta que:

Os progressos no desenvolvimento da criança, sua crescente independência, a mais clara diferenciação de seu aparelho psíquico em várias instâncias, o surgimento de novas necessidades, não podem deixar de influir sobre o conteúdo da situação de perigo. Acompanhamos a mudança desta, da perda do objeto materno à castração, e vemos que o passo seguinte é ocasionado pelo poder do Super-eu. Com a impessoalização da instância parental, da qual se temia a castração, o perigo se torna mais indeterminado. A angústia da castração evolui para angústia de consciência, angústia social. Agora já não é tão fácil dizer o que a angústia teme. A fórmula “separação, exclusão da horda” diz respeito somente àquela porção ulterior do Super-eu que se desenvolveu apoiando-se em modelos sociais, não ao núcleo do Super-eu, que corresponde à instância parental introjetada. Expresso de maneira mais geral, é a raiva, o castigo do Super-eu, a perda do amor deste, que o Eu avalia como perigo e a que responde com o sinal de angústia. Pareceu-me que a variante final dessa angústia ante o Super-eu é a angústia diante da morte (pela vida), o medo da projeção do Super-eu nos poderes do destino. (Freud, 1926/2014, pp. 81-82)

Em síntese, a partir do que vem sendo abordado é possível observar que para Freud a angústia aparece como uma consequência do desamparo psíquico do bebê, não somente quando ela é concebida de forma automática, mas também quando é um sinal (angústia-sinal). Ademais, ao remontar às situações de perigo que estavam por trás das reações de angústia, Freud chegou ao entendimento de que o nascimento seria um modelo para todas as situações de perigo ulteriores, em que o estado afetivo deste momento se apresentaria como um protótipo para as demais situações ameaçadoras. De acordo com Freud, esse estado afetivo poderia se reproduzir automaticamente em situações semelhantes à situação primeva, ou o Eu poderia, ele mesmo, reproduzir tal afeto, servindo, assim, ao Eu como uma advertência (sinal) frente ao perigo e também como meio para provocar a intervenção através do mecanismo prazer-desprazer.

Laplanche ao comentar acerca da genealogia das situações de angústia aborda certas observações sobre o nascimento. Segundo ele, nesse momento haveria a presença da angústia automática, visto que esta angústia consistiria em um fenômeno que não precisaria de representações para o seu funcionamento. Nesse sentido, ele afirma que a angústia automática seria uma expressão dita corporal e consequência do próprio estado do qual o recém-nascido se encontraria. Sendo assim, a angústia automática seria entendida como legítimo transbordamento de energia. O perigo nesse momento do nascimento seria uma realidade máxima e, embora houvesse essa hiper-realidade do perigo, Laplanche afirma que ele não

seria percebido como tal. Segundo o comentador, aí seria um ponto de discussão sobre Freud, em que o fenômeno somático da angústia corresponderia à única coisa que poderia ser percebida no nascimento. Dessa forma, o autor argumenta que a existência de uma relação associativa entre a angústia e o perigo seria suscetível de discussão, nesse caso (Laplanche, 1980/1998).

Ainda na oitava seção, Freud diferencia o modo com o qual concebia a angústia anteriormente e o atual, ressaltando a hipótese preponderante que sustentara em suas primeiras formulações, em que a descarga da angústia seria o resultado do investimento proveniente do curso da repressão, de modo que o seu surgimento ocorria automaticamente, enquanto um processo econômico. Já, nesse texto de 1926, a angústia é compreendida como um sinal, emitido pelo Eu, que atua na instância prazer-desprazer. A essa concepção atual da angústia, Freud salienta a independência de tal coação econômica, a qual era dominante em sua obra (Freud, 1926/2014).

Em continuação, ele retorna ainda à hipótese de que o Eu seria a sede da angústia e, com isso, atribui a essa instância psíquica a capacidade de sentir o estado afetivo de angústia, ao mesmo tempo, em que exclui do Id a possibilidade de ter angústia como o Eu, justificando que ele (Id) não seria uma organização e, portanto, não poderia proceder algum juízo sob situações de perigo. Contudo, no Id poderia ocorrer uma preparação ou realização de processos capazes de compelir o Eu à produção de angústia. Diante desse cenário, Freud salienta dois casos: um, em que no Id poderia ocorrer algo que ativasse uma das situações de perigo para o Eu, levando-o a emitir o sinal de angústia a fim de que ocorra a inibição; e, outro, em que haveria a possibilidade de se produzir no Id uma situação similar àquela do nascimento (trauma do nascimento), em que o resultado seria a angústia automática. Por fim, Freud coloca que estas duas questões podem se aproximar “[...] se enfatizamos que o segundo corresponde à primeira, original situação de perigo, e o primeiro, a uma das condições para a angústia dela derivadas posteriormente; ou, relacionando-os às afecções que efetivamente sucedem: o segundo caso se verifica na etiologia das neuroses “atuais”, o primeiro é característico das psiconeuroses.” (Freud, 1926/2014, pp. 84)

Segundo Neto e Martinez (2002), na segunda teoria da angústia – forma com a qual os autores concebem um dos momentos da teorização da angústia, visto que defendem a existência de dois deles –, o Eu assumiria uma notória posição, em que ele seria inibido em certas ocasiões enquanto uma medida para evitar a angústia e, da mesma forma, evitar um

conflito com o Id ou com o Super-eu. De acordo com os autores, o Eu também seria responsável pela repressão, de modo a provocar o sintoma em substituição a uma satisfação pulsional.

Freud comenta ainda neste texto que não se deve desvalorizar as pesquisas que ele havia realizado anteriormente em sua teoria, mas deve-se estabelecer, contudo, uma relação entre elas diante das perspectivas elaboradas mais recentemente. Dessa forma, Freud parece propor uma conciliação entre a ideia de uma transformação libidinal em angústia, e a hipótese da angústia-sinal. De um modo geral, Freud defende que, em ambas as situações, trata-se de um desamparo, como é destacado abaixo.

É inegável que, havendo abstinência, transtorno indevido no curso da excitação sexual, desvio desta quando de seu processamento psíquico, a angústia se origina diretamente da libido, ou seja, estabelece-se aquele estado de desamparo do Eu ante uma enorme tensão gerada pela necessidade, o qual, como no nascimento, resulta na geração de angústia; e nisso há novamente a possibilidade — plausível, mas pouco relevante — de que justamente o excesso de libido não utilizada ache descarga na geração de angústia. (Freud, 1926/2014, pp. 84)

Ainda na oitava seção e considerando os avanços no desenvolvimento do Eu, Freud trabalha a noção de uma situação de perigo e angústia típica associada a cada fase do desenvolvimento humano, partindo do pressuposto de que as distintas situações de perigo se desenvolveram a partir do nascimento (que é o seu protótipo). Segundo ele, “é certo que os avanços no desenvolvimento do Eu contribuem para depreciar e descartar a situação de perigo anterior, de modo que podemos dizer que a cada fase do desenvolvimento caberia certa condição para a angústia.” (Freud, 1926/2014, pp. 85) Diante disso, Freud afirma que quando o Eu é imaturo, haveria o desamparo psíquico, em que o recém-nascido reagiria com angústia diante da condição de perigo de não ter suas necessidades vitais supridas pela mãe a todo momento. Isso acarretaria um distúrbio em sua economia libidinal narcísica, em que haveria grandes quantidades de excitação indomáveis e que não seriam controladas nem através de uma utilização psíquica e nem por descarga. Essa situação de insatisfação que conta com grandes magnitudes de estímulos alcançam o nível do desprazer e, segundo Freud, tal situação se assemelha à vivência do nascimento para o bebê, o que implica em uma repetição da situação de perigo. De acordo com a análise de Caropreso e Simanke (2013), a angústia seria, para Freud, em última análise, a expressão do desamparo psíquico vivido pelo lactante. Este

desamparo procede do estado de prematuração do ser humano ao nascer, ou seja, procede de seu desamparo biológico, de sua incapacidade de lidar com grandes somas de excitação de origem exógena e endógena, sem o auxílio externo.

Nos primeiros anos da infância, a situação de perigo seria a perda do objeto, que significa a falta da pessoa amada, ansiada. Segundo Caropreso e Simanke (2013), com relação à angústia da perda de objeto, o perigo seria o de reviver uma situação de grande aumento de tensão incontrolável sem algum auxílio, reproduzindo, assim, o desamparo do nascimento. Nesse estágio do desenvolvimento humano, a angústia aparece, então, como uma reação à falta deste objeto ansiado. Freud esclarece que tendo a percepção de um objeto externo posto fim à situação de perigo análoga ao nascimento, como comentada anteriormente, o teor do perigo se deslocaria da situação econômica para a condição de perda de objeto. Sendo assim, a falta da mãe torna-se uma situação de perigo. A partir disso, é de suma importância observar que essa transformação revela uma transição do ressurgimento da angústia de modo involuntário e automático para a sua deliberada produção enquanto um sinal de perigo, além de refletir a questão da autoconservação.

Já na fase fálica, a angústia de castração tem como conteúdo a separação de um objeto deveras estimado. De acordo com Freud, a separação é a do genital, considerando que “a alta apreciação narcísica do pênis pode alegar que a posse desse órgão envolve a garantia de uma reunificação com a mãe (a substituta da mãe) no ato do coito. A subtração deste membro equivale a uma nova separação da mãe; significa, portanto, ser abandonado, desprotegido, a uma tensão desprazerosa gerada pela necessidade (como no nascimento).” (Freud, 1926/2014, pp. 81) Caropreso e Simanke (2013) comentam que na angústia de castração o perigo corresponderia à perda dos genitais e à possibilidade de permanecer em desamparo frente à libido genital.

Na latência, a angústia seria diante do Super-eu. Esta etapa do desenvolvimento evidencia uma evolução, por assim dizer, da angústia de castração para a angústia de consciência, angústia social, visto que há agora a impessoalização da instância parental da qual o indivíduo temia a castração. Freud comenta que o Eu avalia como perigoso a raiva, o castigo do Super-eu e a perda do amor deste, respondendo, diante disso, com o sinal de angústia.

Não obstante, Freud assinala que todos os perigos e condições de angústia abordados teriam a possibilidade de subsistir concomitantemente, além de poderem conduzir o Eu a

manifestar a angústia em momentos posteriores àquela adequada ou típica do seu desenvolvimento.

Já na seção IX do texto, Freud comenta a respeito da relação entre a produção de angústia e o surgimento do sintoma, colocando, para esse assunto, dois entendimentos existentes: um em que a angústia é o sintoma da neurose; e outro no qual toda formação de sintoma ocorreria com o objetivo de evitar o surgimento da angústia, considerando que esses sintomas seriam capazes de atar a energia psíquica que, por outro modo, se descarregaria sob a forma de angústia. A fim de ilustrar essa segunda afirmação, Freud menciona alguns exemplos, como é o caso do neurótico obsessivo que, ao ser impedido de lavar suas mãos após ter tocado em alguma coisa, seria acometido por uma grande angústia, uma vez que este ato obsessivo teria como finalidade prevenir os acessos de tal afeto. Com isso, chega a uma espécie de conclusão, afirmando que toda inibição que o Eu impõe a si próprio seria denominada como um sintoma (Freud, 1926/2012).

Em sequência, Freud comenta a respeito da produção de angústia que indicaria, por sua vez, a formação de sintomas, considerando ainda que “[...] se o Eu não despertasse a instância prazer-desprazer pela geração de angústia não adquiriria o poder para sustentar o ameaçador processo gerado no Id.” (Freud, 1926/2014, pp. 88) De acordo com Freud, a formação de sintomas teria como objetivo o resultado de eliminar a situação de perigo, possuindo dois aspectos: no primeiro, Freud afirma a respeito de uma alteração em que o Eu seria subtraído ao perigo que seria produzido no Id; o segundo aspecto revelaria a formação substitutiva – aquilo que a formação de sintoma criou no lugar do processo pulsional perturbado. Logo em seguida, Freud busca conferir ao processo defensivo, que acabou de abordar sucintamente a respeito da estrutura dos sintomas, um correlato de formação substitutiva. Nesse sentido, ele argumenta que parece compreensível que o processo defensivo seja similar à fuga, em que o Eu se subtrairia diante de um perigo externo e que seria uma tentativa de fuga ante um perigo pulsional – “Parece claro então, que o processo defensivo é análogo à fuga mediante a qual o Eu se subtrai a um perigo que ameaça de fora, que constitui uma tentativa de fuga ante um perigo instintual. [...]” (pp. 89) Freud parece chegar à conclusão de que o processo de defesa interferiria no curso pulsional ameaçador, de modo que sua ação seria a de suprimi-lo e, portanto, desviá-lo de sua meta, chegando a torná-lo inofensivo.

Enquanto uma espécie de inferência acerca da angústia, Freud a ratifica somente na seção X em que afirma que ela é uma reação ao perigo e, por isso, ele busca compreender a

seguinte questão: “Aquilo de que necessitamos, e que não temos à disposição, é um fator que torne compreensível como são selecionados os indivíduos capazes de submeter o afeto da angústia ao funcionamento psíquico normal, apesar de sua peculiaridade, ou que determine quem deve fracassar nessa tarefa.” (Freud, 1926/2014, pp. 94-95) Em seguida, Freud aponta duas tentativas que se prestaram a tal investigação. A primeira que ele cita é a de Alfred Adler, ainda que acredite que sua teoria não se atenha às descobertas da psicanálise e que ela se apresenta como uma explicação insuficiente. A objeção de Adler diz respeito àquelas pessoas que fracassaram em lidar com a tarefa imposta por um perigo e, dessa forma, nesses indivíduos haveria, então, uma inferioridade dos órgãos.

Embora Freud acredite que a teoria de Rank deixe de considerar os fatores filogenéticos e constitucionais e que não responda ao problema das causas da neurose, ele comenta que em sua hipótese Rank já evidenciara que a separação da mãe seria o que une tanto a primeira situação de perigo quanto a condição de angústia. Para ele, esta separação seria biológica e, posteriormente, corresponderia a uma perda de objeto e, depois, a perdas de formas indiretas. Sendo assim, o que Freud observa na teoria do autor, capaz de explicar o problema ao qual se dispôs a investigar, é que a angústia além de afetar cada indivíduo diferentemente, ela também varia segundo a força do trauma. Esta grandeza da angústia produzida corresponderia ao fato de o indivíduo podê-la dominar, de modo a tornar-se, com isso, neurótico ou normal (Freud, 1926/2014).

Na seção *XI Complementos*, Freud se propõe a retornar aos temas que abordara ao longo desse artigo de 1926, a fim de dedicar-lhes maior atenção. No item *B) Angústia por Transformação da Libido*, ele evidencia a forma com a qual defendeu a angústia nesta obra: angústia como uma reação geral do Eu em condições de desprazer, em que o seu aparecimento seria justificado por vias econômicas. Assim, a angústia consistiria no resultado de uma descarga direta da libido não utilizada pelo Eu ou rejeitada por ele. Isso foi suposto a partir dos seus estudos das neuroses atuais. Entretanto, as objeções a esta concepção de angústia foram realizadas a partir da reestruturação psíquica, em termos da divisão do aparelho psíquico, proposta em *O Eu e o Id* (1923), em que um de seus pressupostos fundamentais é o do Eu como a sede da angústia. Nesse sentido, a mudança com relação ao entendimento do conceito de angústia se dava, em síntese, da seguinte forma: “Na concepção anterior, era plausível enxergar na libido do impulso instintual reprimido a fonte da angústia; na nova, o Eu tinha de responder por essa angústia. Portanto, angústia do Eu ou angústia instintual (do Id).” (Freud, 1926/2014, pp. 109)

Ademais, a partir da afirmação de Rank de que o afeto de angústia consistia não somente na consequência do ato do nascimento, mas também na repetição desta vivência na vida posterior do indivíduo, assim como o próprio psicanalista já havia mencionado anteriormente, Freud expõe: “Não me levava adiante sua concepção do nascimento como trauma, do estado de angústia como reação de descarga a ele, de todo novo afeto de angústia como tentativa de “ab-reagir” o trauma de forma cada vez mais completa. Houve a necessidade de remontar à *situação de perigo* por trás da reação de angústia.” (Freud, 1926/2014, pp. 109) Dessa forma, ao introduzir esse elemento da situação de perigo, ele reformulou algumas considerações. O nascimento foi compreendido como um modelo, ou seja, a angústia sentida no momento do nascimento tornou-se um modelo de estado afetivo para as situações posteriores de perigo. Diante disso, haveria duas formas de reação: uma considerada inadequada, na qual ocorreria uma reação automática em situações similares ao momento originário do nascimento; e a outra forma de reação seria a de que o Eu produziria ele mesmo este afeto, utilizando-o como um aviso ante ao perigo e como uma maneira de suscitar a intervenção do mecanismo prazer-desprazer – trata-se de uma angústia gerada no Eu, quando houvesse a ameaça de uma situação de perigo no intuito de evitá-la. Por último, Freud ressalta a importância biológica do afeto de angústia, o colocando como uma reação geral a uma situação de perigo. Nessa perspectiva, ele segue afirmando que a função do Eu havia sido confirmada à medida que ele tinha a capacidade de não somente ser a sede da angústia, mas também de produzi-la de acordo com suas necessidades (Freud, 1926/2014).

Entretanto, Lyra acrescenta que Freud, ao analisar a hipótese de Otto Rank, se distancia da suposição de que o evento do nascimento deixaria uma memória visual capaz de desencadear, no recém-nascido, um estado de angústia. Contudo, Freud não elimina totalmente a ideia de que o neonato poderia ter algumas impressões sensoriais em suas primeiras experiências, sendo essas principalmente as táteis, descartando, no entanto, somente a existência de experiências visuais (Lyra, 2007).

Ao fim dessa seção (*B) Angústia por Transformação da Libido*), das ideias complementares do texto de 1926, Freud retoma uma hipótese lançada anteriormente, que é a conversão da libido em angústia, afirmando que ela não se aplica à angústia incitada pelo Eu enquanto um sinal, nem em situações de perigo que levariam o Eu a começar o processo de repressão (Freud, 1926/2014).

Mais adiante, no subitem *B. Observações Suplementares Sobre a Angústia*, Freud afirma expressamente que a angústia possui uma relação com a expectativa e que por isso

seria uma angústia diante de algo. Nesse sentido, o Eu se encontraria, então, em espera para com uma situação de desamparo, reconhecendo na situação atual uma vivência traumática já sofrida. Essa relação da angústia com a expectativa implica em uma indeterminação e ausência de objeto. Entretanto, caso haja um objeto, a linguagem seria substituída passando de angústia para temor (*Furcht*).

Em seguida, Freud afirma que a angústia não somente se encontra relacionada à situação de perigo, mas também à neurose. Para esta última, ele relata que houve significativo empenho em esclarecê-la ao longo de sua obra. Em seguida, no entanto, ele coloca que a diferença entre a angústia neurótica e a realista exigiria um exame mais profundo, neste momento. Sendo assim, ao remontar o que definiu como angústia real e neurótica, Freud destaca que a angústia realista consiste na angústia ante um perigo real que, por sua vez, é um perigo conhecido, ao passo que, a angústia neurótica é a angústia frente a um perigo desconhecido, trata-se de um perigo pulsional. Segundo Freud, ao ser levado à consciência, esse perigo desconhecido do Eu (perigo pulsional) tornar-se-ia um perigo real (conhecido pelo Eu) e, com isso, então, seria possível extinguir a diferença entre a angústia neurótica e a realista (Freud/1926/2014).

Freud comenta ainda sobre as formas de reação da angústia real, colocando que haveria duas: uma seria afetiva (irrupção de angústia) e a outra uma ação protetora. Segundo ele, para a angústia neurótica: “É de se esperar que no perigo instintual ocorrerá o mesmo. Conhecemos o caso em que as duas ações atuam conjuntamente de forma adequada, uma dando o sinal para que haja a outra, mas também o caso inadequado da paralisia gerada pela angústia, em que uma se expande à custa da outra.” (Freud, 1926/2014, pp. 115) Entretanto, Freud destaca que ainda há casos em que as características da angústia realista e da neurótica apareceriam misturadas. Para melhor explicar o que propusera, ele esclarece que há casos em que o perigo é conhecido e real, porém a angústia diante dele é excessiva, sendo maior, portanto, daquilo que pudesse ser pelo julgamento do sujeito que o vivencia. Seria aí, então, nesse excesso, que o elemento neurótico se apresentaria. Nessa perspectiva, Freud coloca que o trabalho analítico foi capaz de revelar que um perigo pulsional (não reconhecido) estaria ligado a um perigo real (conhecido). Diante de suas reflexões, Freud coloca o seguinte questionamento:

Avançaremos mais se não nos contentarmos em fazer a angústia remontar ao perigo. Qual é o núcleo, o significado da situação de perigo? É claramente a avaliação de nossa força em comparação com sua grandeza, a admissão de nosso desamparo em relação a ela: do desamparo material, no caso do perigo real; do desamparo psíquico, no caso do perigo instintual. Nosso julgamento será guiado pelas experiências tidas verdadeiramente; se ele erra na avaliação, é algo indiferente para o resultado. Chamemos *traumática* tal situação de desamparo vivida; teremos um bom motivo, então, para distinguir a situação traumática da *situação de perigo*. (Freud, 1926/2014, pp. 115)

A partir disso, é possível observar que tanto para a angústia neurótica quanto para a realista, Freud atribui o desamparo como algo que se encontra no núcleo da situação de perigo, no seu significado. Freud designa como “traumática” esta situação de desamparo. Ao propor isso, ele parece dissolver a distinção existente entre a angústia neurótica e a realista, uma vez que, elas convergem para uma situação traumática.

Prosseguindo, Freud afirma que o fato da situação traumática de desamparo não ser somente aguardado, mas também previsto e esperado, constitui um avanço importante quanto à autopreservação. Segundo ele, a situação que contém uma condição de uma expectativa pode ser denominada como situação de perigo, sendo que nela seria dado um sinal de angústia. Freud assevera que essa seria, então, tanto uma expectativa de um trauma, como uma repetição deste trauma de forma atenuada. Contudo, Freud afirma que “as duas características que nos chamaram a atenção na angústia têm origens diversas, portanto. Sua relação com a expectativa se liga à situação de perigo, sua indeterminação e ausência de objeto, à situação traumática de desamparo, que é antecipada na situação de perigo.” (Freud, 1926/2014, pp. 116)

A partir dessas elaborações, Freud sintetiza suas ideias e afirma que, com a sequência angústia-perigo-desamparo (esse último entendido como trauma), seria possível afirmar que a situação de perigo seria não somente uma reconhecida situação de desamparo, mas também recordada e esperada. A angústia consiste, então, na genuína reação ao desamparo no trauma e, que posteriormente, se reproduziria na situação de perigo enquanto um sinal de ajuda. O Eu, nesse ínterim, embora tenha vivido passivamente o trauma, o repete de forma ativa em sua reprodução atenuada e, segundo Freud, na esperança dele próprio poder dirigir o seu curso (Freud, 1926/2014).

Mais adiante e, ainda nessa mesma seção, ao retomar os avanços obtidos, por assim dizer, enquanto conclusões de suas reflexões, Freud aponta que o perigo real ameaça o Eu a partir de um objeto externo, ao passo que no neurótico é a partir de um perigo pulsional. Diante disso, ele afirma que à medida que se considere a exigência pulsional uma coisa real, é possível também admitir um fundamento real para a angústia neurótica. Nessa perspectiva, ele coloca que a exigência pulsional se torna um perigo pelo fato de que a sua satisfação acarretaria um perigo externo e, com isso, justifica que esse perigo interno representa um externo. Não obstante, Freud afirma que um perigo externo e, portanto, real, para se tornar significativo para o Eu, também deveria ter sofrido uma internalização e, nesse sentido, deveria ser visto em sua relação com a situação de desamparo experienciada. Assim, Freud conclui que tanto o perigo externo quanto o interno, tanto o perigo real e o pulsional, confluem na relação com a situação traumática. Situação esta que o Eu se encontra desamparado (Freud/1926/2014).

A angústia real, segundo Green, consistiria no resultado de uma interpretação dos sinais de perigo, ameaçadores da integridade física do sujeito, de modo que este tipo de angústia (diante de um perigo) real se encontraria sob a dependência das pulsões de autoconservação. Já a angústia neurótica seria compreendida como inteiramente distinta, à medida que não há o que a justifica do ponto de vista da autoconservação, uma vez que, como afirma brevemente o comentador, a ameaça vem de outro lugar (Green, 1973/1982).

Nessa mesma perspectiva, é interessante destacar o comentário de Obaid (2012), que ressalta a consideração de Freud de que o traumático consiste em uma situação experienciada em um estado de desamparo, o que se diferencia daquela que pode ser definida como perigosa. Para tanto, uma situação perigosa envolveria a espera que, por sua vez, anteciparia a situação de desamparo, na qual a angústia pode intervir como um sinal, evocando, assim, uma experiência traumática prévia. Dessa forma, é possível dizer que a situação de perigo é uma situação de desamparo reconhecida, lembrada e esperada.

Green analisa a evolução da concepção da angústia ao longo da teoria freudiana e, a partir disso, destaca três períodos fundamentais. O primeiro vai do ano de 1893 a 1895 e compreende a neurose de angústia e suas relações com a vida sexual; a segunda fase vai de 1909 a 1917 e contém as relações entre a angústia e a libido reprimida. A ênfase deste período é a dominância do conflito psíquico. O autor destaca que a repressão, nessa etapa, é considerada a causa da transformação da libido em angústia, em que tal processo (de

repressão) se encontraria inseparável da situação de perigo. Ainda nesse segundo momento, Green considera que a teoria da angústia permaneceu mais econômica do que de fato simbólica, em que a angústia se apresentou mais como um resultado da repressão do que sua causa; por último, o autor delimita os anos de 1926 a 1932 como o terceiro período do desenvolvimento do conceito de angústia. Nessa fase, Green considera as relações da angústia com o aparelho psíquico e afirma que é possível encontrar em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) a última elaboração freudiana sobre a teoria do afeto, bem como as hipóteses anteriores lembradas por ele, mas que, no entanto, seria somente na *Conferência XXXII* se encontraria o essencial no tocante à teoria da angústia. Ainda para este último período de produção freudiana, Green afirma que não é a repressão que produz a angústia, mas esta última que produz a repressão. O comentador esclarece que é a ameaça interna que desencadearia a angústia e que, portanto, acionaria a repressão. Com isso, ele acredita que a angústia possuiria um papel antecipador frente a uma ameaça. Ao destacar a hipótese de que a angústia consiste na evocação de uma situação antiga de perigo pelo Eu, Green afirma que disso resultaria a necessidade de reprimir, de aniquilar a exigência pulsional. Assim, o Eu desinvestiria sua representação e liberaria desprazer ao se antecipar à satisfação exigida e considerada ameaçadora. Segundo o Green, o sinal de desprazer, entendido como angústia, seria capaz de provocar uma reação passiva ou ativa pelo Eu. Quanto à passividade, ele coloca que a angústia se desenvolveria e invadiria o indivíduo, ao passo que, na reação ativa se instalariam contra-investimentos para com o desprazer – como é o caso da formação de sintomas e de traços de caráter. De acordo com Green, durante toda a sua obra Freud conservou a tese de que a significação do afeto estaria ligada a função de memória, uma vez que acreditava que o afeto seria capaz de evocar a repetição de um acontecimento importante e significativo (Green, 1973/1982).

A respeito do surgimento da angústia causando uma reação passiva ou ativa pelo Eu, Brenner (1953) comenta que ela (a angústia), ao ser experienciada de forma passiva corresponderia à uma produção automática, resultado de um distúrbio específico na economia psíquica. Em contrapartida, poderia haver também uma produção ativa dela pelo Eu, que consistiria em um sinal de perigo iminente. Ademais, Brenner comenta que a forma passiva do surgimento da angústia seria característica na neurose atual e na infância, ao passo que a segunda forma estaria presente nas psiconeuroses.

De um modo geral, Brenner se preocupa em revisar a evidência com a qual Freud propôs a hipótese de que a angústia se originaria automaticamente como resultado de uma

mudança quantitativa no aparelho psíquico. O autor coloca que Freud sustentou a ideia de que a angústia poderia surgir sem a participação ativa do Eu sempre que a economia psíquica fosse perturbada por um estímulo de influxo indomável, afirmando, para tanto, que isso ocorreria a partir de duas linhas de evidência, as quais ele comenta brevemente. A primeira se volta para o surgimento da angústia de forma automática, que resultaria da vida sexual anormal do paciente. Trata-se da neurose de angústia. Quanto à segunda linha de evidência, Brenner afirma que ela consiste na análise de Freud acerca do estado psíquico da criança quando separada de sua mãe. Por último, o autor comenta que Freud levantara ainda uma terceira possível origem de evidência, que corresponde à neurose traumática, em que ele afirmou que a angústia não seria somente um sinal afetivo, mas que poderia ser produzida novamente a partir de uma condição econômica na qual a barreira de estímulo do indivíduo teria sido rompida por um estímulo externo (Brenner, 1953).

Telles, que defende duas teorizações acerca da angústia, entende o texto de 1926 como uma virada ou, até mesmo, como uma modificação das formulações teóricas freudianas tendo em vista a sua primeira teoria. Para a autora, fica evidente que Freud faz uma oposição entre a angústia entendida como um sinal trabalhada em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) e angústia automática. Sendo assim, Telles pondera que Freud abandona sistematicamente a teoria de 1917 e vai adotando, em 1926, um novo modelo teórico para a compreensão da angústia (Telles, 2003).

Para Neto e Martinez, que também visualizam duas tópicas para a teorização da angústia em Freud, haveria um primeiro modelo, em que a angústia seria entendida como resultado da libido transformada a partir do processo de repressão. Nesse momento inicial, a ênfase estaria sobre o inconsciente, como é evidenciado em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), segundo destaque dos próprios autores. Entretanto, para a segunda teorização, a angústia seria concebida como uma reação ao perigo, de modo que a ênfase recairia sobre o Eu, o mundo externo, bem como sobre as defesas, considerando inclusive o Eu como a sede delas (defesas) (Neto & Martinez, 2002).

Ao comentar acerca da posição da angústia frente ao processo defensivo, Laplanche afirma que a noção de conflito defensivo retorna ao primeiro plano quando Freud elabora uma nova formulação tópica do aparelho psíquico (Id, Eu e Super-eu). Com isso, o autor acredita que também se faz importante ressituar a angústia em relação a esse processo (defensivo). Nesse sentido, comenta que Freud se depara em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) com a

questão da angústia não poder ser considerada, ao mesmo tempo, consequência e causa da repressão. Ademais, ao enfatizar a noção do Eu, Freud parece procurar na angústia a motivação do Eu para a repressão, de modo que formula duas teses: a de que o Eu é o lugar da angústia, no sentido de que a angústia é sentida ao nível do Eu; e outra que diz respeito à proposição de que o Eu é o produtor ou reproduzidor da angústia, no processo defensivo. Para Laplanche, ambas as argumentações parecem se confundir e, ainda segundo a opinião do comentador, elas não estariam ligadas necessariamente entre si (Laplanche, 1980/1998).

Já na *Conferência XXXII* de 1933, Freud aborda uma nova ideia quando comenta a respeito da investigação acerca da angústia até esse período de sua teoria. Segundo ele, o exame dessa concepção possibilitou o acréscimo de um novo traço à descrição do Eu, para além daquele que afirmara outrora: o Eu seria fraco em relação ao Id, de que seria seu servo fiel, empenhado em cumprir suas exigências. Entretanto, Freud declara que esse Eu seria uma parte mais bem organizada do Id, mais voltada para a realidade. Além disso, Freud acredita que o Eu exerceria influência sobre o Id ao colocar em ação o princípio do prazer-desprazer através da emissão do sinal de angústia. Sua fraqueza, contudo, apareceria através do processo de repressão, em que ele renunciaria uma parcela de sua organização, permitindo que o impulso pulsional se reduzisse à sua influência. Segundo Telles, considerando a revisão sistemática realizada por Freud em seu texto de 1926, na *Conferência XXXII* é possível perceber que “[...] a angústia se torna um dos pilares que sustentam o edifício teórico da Psicanálise. É para evitá-la que o Eu se defende através de seus mecanismos defensivos.” (Telles, 2003, pp. 73) Já para Lyra (2007), esta comunicação de 1933 representa de alguma forma a tentativa freudiana de sintetizar a teoria sobre a angústia.

Quanto aos acréscimos teóricos comentados por Freud na *Conferência XXXII* (1933), é pertinente destacar ainda a relação do nascimento, da angústia e do desprazer evidenciada por ele ao desenvolver o seu pensamento acerca da transformação da angústia neurótica em realista, enquanto uma angústia diante de um perigo externo. Assim, Freud se indaga a respeito do que seria temível e ameaçador em uma situação de perigo e, nesse sentido, afirma que a situação do nascimento, entendida como o modelo para o estado de angústia, não poderia ser compreendida como um dano em si, pois, para ele, “o essencial no nascimento, como em toda situação de perigo, é que ele produz na vivência psíquica um estado de tensa excitação, que é sentido como desprazer e que não pode ser subjugado mediante a descarga.” (Freud, 1933/2010, pp. 239) A partir disso fica clara a equivalência que Freud estabelece entre o momento do nascimento e uma vivência psíquica desprazerosa, assim como ocorreria,

segundo ele, em qualquer situação de perigo. Freud segue sua reflexão, destacando a relação do momento do nascimento com o princípio do prazer e a angústia, como é retratado abaixo:

[...] Se chamamos esse estado, no qual fracassam os esforços do princípio do prazer, de momento** traumático, então chegamos, pela sequência angústia neurótica – angústia realista – situação de perigo, à tese simples de que a coisa temida, o objeto da angústia, é sempre a aparição de um momento traumático que não pode ser liquidado segundo a norma do princípio do prazer. Compreendemos de imediato que sermos dotados do princípio do prazer não nos assegura contra danos objetivos, mas apenas contra um determinado dano a nossa economia psíquica. Do princípio do prazer ao instinto de autoconservação há uma boa distância, os propósitos dos dois estão longe de coincidir desde o início. Mas vemos outra coisa mais; talvez seja esta a solução que buscamos. A saber que em tudo isso a questão é de quantidades relativas. Somente a grandeza da soma de excitação faz de uma impressão um momento traumático, paralisa a função do princípio do prazer, dá à situação de perigo sua importância. [...] (Freud, 1933/2010, pp. 239-240)

Acerca dessa questão do desprazer, é pertinente destacar o comentário de Strachey em suas notas preliminares ao artigo de 1926, em que ele ressalta que já no *Projeto...* (1950) Freud havia afirmado que o desprendimento de desprazer seria um sinal para o Eu empreender uma defesa normal e, que com isso, o Eu restringiria o desenvolvimento de vivências penosas. Nessa perspectiva, o comentador destaca *A Interpretação dos Sonhos* (1900), considerando que é atribuído ao pensar uma tendência a restringir o desenvolvimento do afeto e, dessa forma, considera que através do trabalho do pensamento haveria essa restrição do afeto a um mínimo que ainda poderia ser utilizado enquanto um sinal. Essa mesma noção, de acordo com Strachey, é empregada à angústia em *O Inconsciente* (1915), em que Freud se refere ao surgimento de representações substitutivas nas fobias, que apontam para a emissão de um pequeno desenvolvimento de angústia, que aparece como um sinal com o intuito de inibir um avanço ainda maior desta última (angústia). Nessa mesma perspectiva, Strachey destaca a *Conferência XXV* de 1917, na qual é trabalhada a ideia de um estado de prontidão da angústia, que se apresenta como um sinal a fim de impedir a sua (angústia) eclosão. Por fim, o comentador acrescenta que em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), a angústia aparece primeiramente como um sinal de desprazer e, posteriormente, como sinal de angústia (Strachey, 1926/1976).

Neto e Martinez (2002) também apontam um paralelo entre a angústia presente no *Projeto...* (1950) e a trabalhada em 1926. Nesse primeiro texto, os autores afirmam que Freud argumentava acerca da vivência de dor, em que essa corresponderia a uma estimulação vivida como excessiva pelo aparelho nervoso, com uma quantidade invasiva de estímulos. Disso resultariam as marcas, cujas reproduções não se voltariam para a experiência de uma invasão e excesso em si. Portanto, nessa reprodução haveria certa quantidade, que investiria a recordação que, no passado, foi capaz de provocar a vivência de dor em si. O afeto é então nomeado por Freud, nesse momento teórico, como a reprodução da vivência desagradável. Em contrapartida, à reprodução das vivências agradáveis, entendidas como satisfação, houve a denominação de estados de desejo. Freud acreditava, segundo os autores, que nesses estados haveria a atração por um objeto, que seria investido como causa do prazer, ao passo que na reprodução da dor haveria a repulsa ao objeto, o qual ele designou como defesa primária ou repressão. De acordo com os autores, essa situação se volta para um processo de pensamento que visava uma situação particular de satisfação (estados de desejo), sendo que, no entanto, o que se ativou foi a reprodução da vivência da dor. Como consequência de tal processo, a recordação hostil – causa da dor –, seria desinvestida e, assim, um objeto não hostil seria colocado no lugar. Esse objeto, portanto, se apresentaria como um sinal do término da dor e o aparelho neuronal, por sua vez, reproduziria o estado que determinou o fim da dor – que é a repressão. Para Neto e Martinez, a angústia é pensada dessa forma também no ano de 1926, em que ela irá surgir no lugar da dor e a sua reprodução consistirá em um sinal a fim de que o processo de repressão seja iniciado. Portanto, a angústia é compreendida como angústia-sinal, nesse ano de 1926.

Em síntese e considerando o que vem sendo abordado, seria possível notar uma relação entre as ideias de sinal, memória e desprazer, que são apresentadas no *Projeto...* (1950) e são retomadas e desenvolvidas por Freud na etapa final de sua teoria. A denominação de afeto no *Projeto...* se aproxima do afeto de angústia abordado em 1895 em *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia*, em que este afeto aparece como uma incapacidade do aparelho psíquico em lidar com um perigo externo. Já a vivência de dor tratada no *Projeto...* consiste em uma reação psíquica a um aumento de estímulos de origem exógena. Nesse texto, Freud designa como “afeto” uma descarga de excitação que surge a partir da reprodução da vivência dolorosa. Por meio das tentativas de ligação desse afeto intenso por parte do Eu, ocorreria a sua redução a um sinal que, por sua vez, teria a função de indicar que determinado caminho deveria ser evitado pelo

fato de causar desprazer. Já a angústia argumentada em 1926 surge diante da possibilidade de ocorrer uma revivência de certa situação traumática, o que evidencia aqui também a presença da relação entre memória e sinal, assim como aparecera no *Projeto*...

Nagera ao analisar a obra *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1933), comenta que é somente nela que Freud confirma suas formulações de 1926: somente o Eu pode produzir e sentir angústia; a angústia objetiva é sentida pelo Eu diante do mundo externo; já a angústia neurótica é em relação ao Id; e, a angústia moral frente ao Super-eu (Nagera, 1970/1990).

Em sua investigação acerca do percurso da angústia na obra freudiana, Nagera comenta ainda que a angústia automática seria suscitada por situações específicas do desenvolvimento que são propensas em precipitar situações traumáticas, citando-as: nascimento, angústia de separação, angústia de castração, perda de amor de objeto e perda de amor do Super-eu. O comentador acrescenta que a essência dessa angústia automática se volta para a impotência do Eu diante do acúmulo de excitação (interna ou externa). Quanto à angústia como sinal, o autor afirma que ela seria uma resposta do Eu frente à ameaça de uma iminente situação traumática (Nagera, 1970/1990).

Em continuação à sua análise do percurso freudiano a respeito do desenvolvimento do conceito de angústia, Nagera expressa claramente que no modelo estrutural das funções mentais, Freud deixa de considerar a maior parte de sua hipótese anterior – conversão da libido em angústia –, passando a adotar o modelo da angústia como sinal. Conquanto Freud colocasse em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) que o assunto da neurose de angústia não era importante, ele permanecia afirmando ainda que para ela o que encontraria descarga ao gerar angústia seria o excedente de libido não utilizada. Entretanto, Nagera aponta que somente nas *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1933) que Freud solucionou de fato esta questão, pois considerou que também na neurose de angústia o surgimento desta (angústia) consistiria em uma reação a uma situação traumática. Desse modo, partindo também do pressuposto de que o Eu é a sede da angústia, Nagera comenta que Freud “[...] deixou então de sustentar que a libido é que se convertia em ansiedade. Esta era agora uma função do ego; os afetos não eram mais as válvulas de segurança, mas, outrossim, eram usados como sinais pelo ego.” (Nagera, 1970/1990, pp. 121)

Bianchedi, Boschan, Cortiñas & Piccolo (1988) comentam que a hipótese a respeito do sinal de angústia, bem como as novas explicações teóricas sobre a relação entre a libido e a

repressão, introduziram uma importante modificação na tocante à conceitualização freudiana da função da angústia. Segundo os autores, até 1915, Freud sustentara que a angústia nunca seria uma reação adequada para remover o indivíduo de uma situação perigosa. Para eles, Freud acreditava que a defesa colocada em ação através da pulsão de autoconservação é que seria útil ou adequada. Contudo, nesse período, Freud enfatizava a importância de limitar a angústia como um mero sinal, sustentando esta ideia com base na hipótese de um certo estado de preparação para o perigo necessário para evitar o pânico. De acordo com os autores, Freud argumentava que o perigo tinha tanto uma consequência inadequada, que seria a geração de angústia, como também possuía uma consequência adequada, que consistia na ação defensiva. Não obstante, no ano de 1926, ao distinguir a angústia automática do sinal de angústia, Freud pôde enfatizar a função da angústia como um sinal de alarme, em que o Eu colocaria em ação uma defesa. Dessa forma, segundo os autores, o sinal de angústia seria considerado adequado e necessário para o funcionamento mental normal, enquanto que na angústia automática ele não o seria, uma vez que o Eu se encontraria desamparado, sofrendo passivamente.

Como exposto acima Bianchedi, Boschan, Cortiñas & Piccolo acreditam que para Freud a função primária da angústia seria a de auxiliar a autopreservação. Tal função também seria válida para a angústia automática no nascimento, desde que suas correlações orgânicas comportassem o objetivo de uma adaptação biológica. Os autores consideram ainda que quando o sinal de angústia começava a vigorar, seu objetivo também seria a de uma tentativa de adaptação fisiológica, no intuito de ajudar a proteger o Eu do perigo, seja ele interno ou externo (Bianchedi, Boschan, Cortiñas & Piccolo 1988).

Considerações Finais

Embora em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) ainda esteja presente a ideia da angústia como uma conversão da libido, Freud desenvolve a hipótese da angústia-sinal. Contudo, para o entendimento dessa noção de sinal, é pertinente retomar a ideia da vivência de dor encontrada no *Projeto...* (1950). A dor, neste trabalho, consiste na estimulação vivida como excessiva pelo aparelho nervoso, considerando que ele é invadido por uma grande quantidade de estímulos, ou seja, a dor consiste na irrupção de grandes quantidades na direção do sistema de memória *psi* como resultado da falha dos dispositivos responsáveis por proteger

o aparelho contra quantidades exógenas, que seriam as próprias terminações sensoriais nervosas. O desprazer seria sentido, então, devido ao significativo aumento do nível de excitação no sistema de memória, gerado por este processo. Estes estímulos resultariam em traços mnêmicos. Sendo assim, o afeto foi denominado, nesse período, como resultante da reprodução dessa vivência desagradável, visto que quando a representação do objeto hostil (representação do objeto que provoca dor) fosse ocupada novamente – a partir de uma percepção ou por associação com outras representações – ocorreria uma liberação de quantidade no aparelho que geraria desprazer. Ainda nesta obra publicada em 1950, ao considerar as tentativas do Eu em ligar as lembranças de vivências penosas, Freud afirma que o afeto seria reduzido a um sinal capaz de indicar que certo caminho deveria ser evitado por produzir desprazer. Contudo, no ano de 1926, Freud coloca o surgimento da angústia no lugar daquilo que denominou afeto, como foi expresso anteriormente. Sua produção poderia implicar em um sinal para que o processo de repressão começasse. Nesse texto de 1926, Freud compreende a angústia como um sinal, emitido pelo Eu, quando o sujeito se visse diante da possibilidade de reviver uma situação traumática (recepção de grandes quantidades de excitação de origem externa) em um estado de desamparo. Na sétima seção desta obra, especificamente, é que Freud discorre acerca da angústia como sinal, colocando que o Eu, ao reconhecer uma situação de perigo, emitiria o sinal de angústia. Ainda nessa sétima parte, Freud destaca a ideia da angústia como uma reação à perda, a uma separação. No entanto, não se trata de duas concepções distintas sobre a angústia (reação à separação e revivescência de uma situação traumática), dado que a separação gera angústia pelo fato dessa situação colocar ao indivíduo a possibilidade de estar diante de grandes quantidades de excitação, sem condições de tramitá-las adequadamente e, com isso, vivenciar novamente o desamparo. Nesse sentido, Freud aborda o nascimento como a primeira experiência angustiante (angústia primária), o qual representa também a separação da mãe. Considerando essa ideia da angústia primária, é importante ressaltar que, ao longo da obra, Freud afirma que se trata de uma situação traumática, em que o indivíduo se encontra em um estado de desamparo biológico. Freud aborda, então, que a angústia como sinal resultaria de uma situação traumática anterior. A partir do que vem sendo exposto, é pertinente destacar as seguintes noções que já podem ser encontradas no início das primeiras formulações teóricas de Freud e que perduram até o fim de sua obra: a ideia de memória; sinal de perigo; angústia; e reação a um perigo.

Para explicar a relação entre angústia como um sinal e o nascimento, em 1926, Freud afirma que uma situação traumática é aquela experienciada em um estado de desamparo, em que a angústia intervém como um sinal evocando uma experiência traumática prévia (angústia primária), que é, em última instância, a angústia do nascimento. Nesse momento, o que é vivenciado como uma situação de perigo é o aumento da quantidade de excitação que produz desprazer, como foi comentado acima, e a qual o recém-nascido reage com uma angústia real, uma vez que no ato do nascimento há um perigo objetivo para a conservação da vida. Portanto, o momento do nascimento é entendido como uma situação de perigo. Para Freud, a angústia consiste na expressão do desamparo psíquico do lactante que, por sua vez, deriva de seu desamparo biológico – da sua prematuração ao nascer.

A angústia primária tendo como modelo o nascimento implica na recordação de um momento traumático. Nessa perspectiva, ao considerar a angústia enquanto tal reminiscência, Freud aborda as angústias típicas e as situações de perigo relacionadas às fases do desenvolvimento humano. Segundo ele, quando o Eu ainda é imaturo, ele vive o desamparo psíquico – que por sua vez, provém do desamparo biológico (estado de prematuração ao nascer) –, à medida que o perigo nesse período se refere ao fato do lactante não ter suas necessidades vitais atendidas, o que geraria um grande aumento de tensão indomável e que se descarregaria como angústia. Dessa forma, Freud acredita que o indivíduo nasce em uma situação de prematuração e de desamparo, o que o coloca em situações de perigo que podem desencadear a angústia. Freud observa ainda que o perigo de perda do objeto está presente nos primeiros anos de vida, em que o perigo corresponderia à possibilidade de reviver a situação de um grande aumento de tensão incontrolável, reproduzindo, assim, o desamparo do nascimento. Na fase fálica haveria o perigo de castração, juntamente com a angústia de castração, em que o perigo consistiria na perda dos genitais e em permanecer num estado de desamparo frente à libido genital. Na latência, surgiria a angústia diante do Super-eu, que é a angústia de consciência moral, na qual o perigo seria o de ser castigado e o de perder o amor do Super-eu, ficando, assim, também em uma situação de desamparo. Ao longo do desenvolvimento da criança e, considerando a influência do Super-eu, a angústia de castração evolui para a angústia de consciência e angústia social. Freud afirma que frente ao abandono do protetor Super-eu, o Eu perderia a segurança contra os perigos e reagiria com a angústia de morte.

Freud afirma que todas as angústias típicas e as condições de perigo têm a possibilidade de subsistir ao mesmo tempo e, também, de induzir o Eu à reação de angústia em momentos

posteriores àquele período do desenvolvimento do sujeito que teria uma certa angústia típica adequada, em uma certa condição de perigo. Ao colocar a questão de uma repetição posterior da angústia na vida do sujeito, Freud parte da hipótese de que o nascimento seria o modelo para todas as situações de perigo ulteriores e que o estado afetivo de tal momento se apresentaria como um protótipo para as demais situações ameaçadoras. Portanto, esse estado afetivo se reproduziria automaticamente em situações semelhantes à situação primeva ou, ainda, o Eu poderia ele mesmo reproduzir esse afeto – nesse sentido, o afeto serviria ao Eu como um sinal, como uma advertência frente ao perigo e como um meio para provocar a sua intervenção através do mecanismo prazer-desprazer.

No que se refere à relação entre a angústia e a repressão, Freud concebe o afeto de angústia como a causa do processo de repressão e não mais a angústia tendo sua origem a partir desse processo, como afirma em suas primeiras formulações teóricas. Ele assevera na quarta seção desse trabalho de 1926, que a angústia não provém da libido reprimida, ao declarar que a posição angustiada do Eu consiste no elemento primário e instigador da repressão.

Na *Conferência XXXII* (1933), Freud descarta de vez a hipótese de uma transformação da libido em angústia e reafirma a ideia da angústia enquanto um sinal. Dessa forma, todo tipo de angústia é concebido enquanto uma sinalização de perigo, o que evidencia também a sua relação com a hipótese estrutural freudiana de 1923, que destina ao Eu o lugar (sede) da angústia, capaz de produzi-la e senti-la. Freud confirma também nessa comunicação de 1933, o que propusera em 1926, ao asseverar que o momento primário corresponde ao nascimento. Ele esclarece que o nascimento não consiste em um dano em si, mas sim em uma situação de perigo que produz um estado de tensa excitação, que é percebido como desprazer pelo aparelho e que é incapaz de ser subjugado mediante uma descarga.

CONCLUSÃO

Na etapa inicial de seu pensamento, Freud concebe a angústia predominantemente como transformação da libido, mas ele também trata, nesse período, de uma angústia real. A hipótese da angústia como consequência da conversão da libido é trabalhada inicialmente no *Rascunho E: Como se Origina a Angústia* (1950). Já a noção da angústia real é apresentada em *Sobre os Fundamentos para Destacar da Neurastenia uma Síndrome Específica Denominada Neurose de Angústia* (1895), em que Freud concebe o afeto de angústia como uma reação à incapacidade do aparelho psíquico em lidar com um perigo vindo de fora. Nesses anos iniciais, o que se nota é que, em ambas as formas de compreensão da angústia, esta resulta da incapacidade do aparelho psíquico de tramitar de maneira adequada certo montante de estímulos, seja ele interno ou externo.

Ainda nos anos iniciais da teorização freudiana sobre a angústia, destaca-se o *Projeto...* (1950), em que Freud desenvolveu a ideia do afeto como resultante de uma vivência de dor e propôs a hipótese de um “sinal” associado à rememoração de uma experiência dolorosa. Freud compreende a vivência de dor como uma irrupção de grandes quantidades na direção do sistema de memória *psi* e que seria resultado da falha dos dispositivos responsáveis por proteger o aparelho contra quantidades exógenas. Tendo ocorrida a vivência de dor, quando a representação do objeto hostil (objeto que provoca dor) fosse ocupada novamente a partir de uma percepção ou associação com outras representações, aconteceria a liberação de quantidade no aparelho, o que geraria desprazer. Esse processo foi denominado por Freud como “afeto”. O sinal é abordado nesse trabalho quando Freud afirma que as primeiras repetições da vivência de dor produziriam um afeto intenso, que com o tempo seria inibido de forma que sua produção (de afeto) passaria a se limitar a um sinal. Tal diminuição seria consequência de repetidas tentativas de ligação da excitação por parte do Eu. A partir dessas repetidas recordações, a produção de afeto, então, seria inibida e se limitaria a um sinal que, por sua vez, teria como função indicar aos processos associativos que certo caminho conduziria ao desprazer e que, portanto, deveria ser evitado.

Nos anos que se seguem, sobretudo, em 1909, *Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos*, e nos artigos metapsicológicos – *Repressão* (1915) e *O Inconsciente* (1915) –, Freud desenvolve a hipótese da angústia como posterior à repressão e continua concebendo-a como resultante da transformação da libido.

Em *Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco Anos* (1909), há uma passagem que reflete de modo claro a hipótese freudiana sobre a relação entre a angústia e a repressão. Trata-se de um sonho em que Hans acordou sob o estado de angústia. O conteúdo onírico consistia no abandono que sofrera por parte de sua mãe. Diante disso, o pequeno garoto relatou que ficaria impossibilitado de ser mimado por ela. Ao analisar o caso, Freud considerou que nele estava presente um intenso processo repressivo contra o desejo de ficar com sua mãe, de ser casado e ter filhos com ela. Estes constituiriam desejos reprimidos pelo pequeno garoto. Com isso, sua angústia teria sido liberada. Segundo a argumentação freudiana, a liberação de angústia ocorreria quando a libido se encontrasse desprendida do material patogênico, devido à repressão.

Em *Repressão* (1915), Freud reafirma que a angústia surge como um afeto advindo do processo de repressão. Contudo, ele coloca que a angústia poderia também ser evitada por este mesmo processo. Nesse artigo, Freud defende a hipótese de que a angústia consiste em um dos destinos do fator quantitativo da pulsão, correspondendo à transformação da energia psíquica da pulsão em afeto. Já no *Inconsciente* (1915), Freud coloca que a angústia não seria um afeto inconsciente, mas que ela poderia ser desencadeada a partir do inconsciente, considerando que a pulsão somente é percebida pelo sistema psíquico ao vincular-se a uma representação substitutiva.

Na *Conferência XXV* (1917), Freud discute a distinção entre a angústia realista e a neurótica e retoma a ideia da angústia diante de um perigo real. Ele caracteriza a angústia real como uma percepção de um dano previsto, de um perigo real, enquanto que a angústia neurótica seria a expectativa angustiada – uma angústia flutuante pronta para se ligar a uma representação. Nesse trabalho, Freud coloca que embora haja certa indefinição para com o conceito da angústia, ele a caracteriza como um “[...] estado subjetivo em que ficamos graças à percepção do “desenvolvimento da angústia”.” (Freud, 1917/2014, pp. 523) Ele se refere à angústia como um “afeto”. Ademais, nesta comunicação de 1917, Freud mantém a hipótese da angústia como resultado do acúmulo de tensão sexual física, além de permanecer sustentando a ideia de que ela é posterior à repressão.

Já em 1923, Freud enfatiza expressamente a noção do Eu como a sede da angústia. Nesse sentido, seria função do Eu, então, produzir a angústia. A partir dessa hipótese, foi possível também sustentar a relação entre a angústia neurótica e a realista enquanto reações do Eu diante da percepção de uma ameaça.

Mais ao fim de suas formulações teóricas, Freud enfatiza a hipótese do surgimento da angústia diante de um perigo real e propõe a ideia de que a angústia neurótica é, em última instância, uma angústia realista. Entretanto, ele ainda mantém presente, durante um período, a noção da angústia como transformação da libido, a qual somente é descartada na *Conferência XXXII* (1933).

Em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), Freud desenvolve a hipótese da angústia entendida como um sinal. Nesse artigo, ele sustenta a noção de que o sinal seria emitido pelo Eu diante da possibilidade de reviver uma situação traumática, ou seja, uma situação na qual o aparelho psíquico se encontra recebendo grandes quantidades de estímulos em um estado de desamparo para lidar com estas (quantidades). Assim, o Eu emitiria o sinal de angústia ao reconhecer a possibilidade de reviver uma situação de perigo. O nascimento é compreendido como a primeira vivência individual de angústia.

Ao compreender o momento do nascimento como o protótipo da angústia, Freud afirma que tal momento corresponderia a uma situação de perigo, cujo desamparo tornar-se-ia uma ameaça reconhecida, recordada e esperada, considerando que a sua reprodução na vida ulterior do sujeito evocaria a situação traumática primeira. Por conseguinte, é possível perceber que Freud parte da hipótese de que o nascimento constitui um modelo para todas as situações de perigo ulteriores e que o estado afetivo desse momento se apresenta como um protótipo para as demais situações ameaçadoras. Assim, tal estado afetivo se reproduziria automaticamente em situações semelhantes à situação traumática primeira ou, por outro lado, o Eu, ativamente, poderia produzi-lo. Nesse último caso, o afeto de angústia serviria ao Eu enquanto um sinal, funcionando como uma advertência diante do perigo.

De certa forma, as relações entre a sinalização de perigo, a memória e o desprazer já se encontravam presentes no início da teoria freudiana. Como vimos, a ideia do sinal está presente no *Projeto...* (1950) associada ao que Freud denominava de vivência de dor, embora nesse texto ele não designe esse mecanismo com o termo “angústia”.

Quanto à hipótese da angústia como conversão da libido, Freud declara expressamente no fim do artigo supracitado de 1926, que tal hipótese não se aplicaria à angústia provocada pelo Eu como um sinal em condições de perigo, pois isto levaria o Eu a iniciar o processo de repressão. Nessa perspectiva, é possível observar que Freud defende a supremacia da ideia da angústia-sinal, ao mesmo tempo em que ressalta a sua relação com o Eu. Ainda nessa etapa final, ele afirma que a angústia é capaz de gerar a repressão e que, portanto, a repressão é

posterior à angústia, modificando, assim, a sua primeira hipótese, em que defendia o inverso. Segundo Freud, a postura angustiada do Eu seria o elemento primário e instigador da repressão e, com isso, a angústia jamais procederia da libido reprimida.

De acordo com Freud, a distinção entre a angústia real e a neurótica se dissolveria, à medida que fosse considerado o fato de que na angústia neurótica o perigo pulsional (desconhecido pelo Eu) ao ser levado à consciência poderia ser tratado como real e, por conseguinte, seria conhecido e percebido pelo Eu. Freud comenta ainda que haveria casos em que a angústia neurótica e a realista se mesclariam, de modo que diante de um perigo real, poderia ocorrer uma angústia excessiva, que se apresentaria para além do julgamento do indivíduo. Diante disso, ele destaca que a angústia neurótica se mostraria nesse excesso. Segundo Freud, o trabalho analítico seria capaz de revelar que um perigo pulsional se acha ligado ao perigo real conhecido. Freud esclarece ainda que frente ao núcleo do perigo haveria o desamparo do indivíduo que, no caso do perigo real, seria o desamparo material e, no perigo pulsional, seria o desamparo psíquico. Freud denomina esse desamparo vivido como traumático e afirma que ele se diferencia de uma situação de perigo, visto que uma situação perigosa envolveria uma espera, uma antecipação de uma situação de desamparo, em que a angústia intervém como um sinal de modo a evocar uma experiência traumática prévia. Parece que Freud sugere a partir disso que na base dessa dissolução da diferença entre a angústia real e a neurótica se encontra, então, uma situação traumática. Portanto, esta situação é considerada como uma situação de desamparo, considerando que ela é vivenciada como uma situação de perigo no sentido de o aparelho psíquico ser acometido por uma grande quantidade de excitação que produz desprazer e que faz com que o Eu reaja com uma angústia real, uma vez que esse momento é sentido como um perigo objetivo para a conservação da vida.

Por fim, na *Conferência XXXII* de 1933, Freud abandona a hipótese relacionada à transformação libidinal, que esteve presente desde os primeiros anos de seu trabalho e concebe a angústia como sendo sempre uma reação a um perigo atual ou como um sinal de um perigo possível. Assim, as hipóteses elaboradas em 1926 são generalizadas para toda forma de angústia. Como apontamos, as reflexões sobre a relação entre a memória, a sinalização de perigo e a angústia, elaboradas nessa etapa final da obra, representam, de certa forma, um resgate e desenvolvimento de ideias que já estavam presentes no *Projeto...* (1950).

Portanto, a partir do presente estudo, é possível observar que não há uma ruptura nas hipóteses freudianas acerca da angústia que sustente a afirmação de que existem dois

momentos distintos nessa teoria. Também não é possível dizer que as hipóteses sobre a angústia apresentadas mais claramente a partir de 1926 representam, de fato, uma novidade teórica. Assim, é interessante ressaltar alguns autores que também argumentaram nesse sentido, como é o caso de Bianchedi, Boschan, Cortiñas & Piccolo (1998) que afirmam não ser possível diferenciar evidentemente duas teorias da angústia e Nagera (1970/1990) que defende a existência de três fases no desenvolvimento dessa teorização. Dessa maneira, a partir de uma análise minuciosa da obra de Freud, é plausível afirmar que, em 1926, há um resgate e desenvolvimento de ideias que já haviam aparecido nos seus primeiros textos, como no *Projeto...* e nas cartas trocadas entre Freud e Fliess.

REFERÊNCIAS

- Bianchedi, E. T., Boschan, L. S., Cortiñas, L. P., Piccolo, E. G. (1988). Theories on anxiety in Freud and Melanie Klein. Their metapsychological status. *International Journal of Psycho-Analysis*, 359-368.
- Brenner, C. (1953). An addendum to Freud's theory of anxiety. *International Journal of Psychoanalysis*, 18-24.
- Campos, E. B. V. (2004). A primeira concepção freudiana de angústia: Uma revisão crítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 7(1), 87-107.
- Caropreso, F. (2009). Dor e desejo na teoria freudiana do aparelho psíquico e das neuroses. *Revista Filosofia*, 29 (21), 569-590. São Paulo: Aurora.
- Caropreso, F (2010). *Freud e a Natureza do psíquico*. São Paulo: AnnaBlume e Fapesp.
- Caropreso, F., Simanke, R. T. (2013). Repressão e inconsciente no desenvolvimento da metapsicologia freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 16(2), 201-216.
- Freud, S. (1976). Fragmentos de la correspondencia con Fliess, (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 211-322). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1950).
- Freud, S. (1950 [1895]). “Projeto de uma Psicologia”. In: *Notas a “Projeto de uma Psicologia” – as origens utilitaristas da Psicanálise*. (O.F.Gabbi Jr., Trad. e Org.) Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- Freud, S. (1976). Obsesiones y fobias. Su mecanismo psíquico y su etiología, (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 69-84). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1976). Sobre la justificación de separar la neurastenia um determinado síndrome en calidad de neurosis de angustia, (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 85-112). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1976). La sexualidad en la etiología de las neurosis, (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 251-276). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1898).
- Freud, S. (1976). La interpretación de los sueños, (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 4-5). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. (2012). A interpretação dos sonhos. (R. Zwick, Trad.). Porto Alegre: L&PM. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. (1976). Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans), (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 1-118). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1909).

- Freud, S. (1976). La represión, (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 141-152). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2010). Repressão. (P. C. Souza, Trad.). In. *Obras Completas* (Vol 12, pp. 82-89). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (1976). Lo inconciente, (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 161-214). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2010). O inconsciente. (P. C. Souza, Trad.). In. *Obras Completas* (Vol 12, pp. 99-150). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2014). Conferência 25. A Angústia. (P. C. Souza, Trad.). In. *Obras Completas* (Vol 13, pp. 519-544). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. (P. C. Souza, Trad.). In. *Obras Completas* (Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. (P. C. Souza, Trad.). In. *Obras Completas* (Vol 16, pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. (P. C. Souza, Trad.). In. *Obras Completas* (Vol 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1926).
- Freud, S. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise. (P. C. Souza, Trad.). In. *Obras Completas* (Vol 18, pp. 224-262). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933).
- Gori, C. A. (2005). Considerações sobre a sintomatologia na histeria de angústia e na paranoia. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 5(2), 328-343.
- Green, A. (1982). *O Discurso Vivo: Uma Teoria Psicanalítica do Afeto*. (R. J. Dias, Trad.). São Paulo: Francisco Alves. (Obra original publicada em 1973).
- Laplanche, J. (1987). *Problemáticas I: A angústia*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1980).
- Lyra, C. E. S. (2007). Afetos, representações e psicopatologias: da angústia ao pânico. Tese (Dissertação de Mestrado) – Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- Mezan, R. (1998). *Freud: A trama dos conceitos*. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Monzani, L. R. (1990). Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. In. J. B. Prado (Org.). *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Nagera, H. (1990). *Metapsicologia: Conflitos, ansiedade e outros temas*. São Paulo: Cultrix. (Obra original publicada em 1970).
- Neto, G. A. R. M.; Martinez, V. C. V. (2002). Angústia e sociedade na obra de S. Freud. *Psicologia em Estudo*, 7 (2), 41-53.

- Obaid, F. P. (2012). Sigmund Freud and Otto Rank: debates and confrontations about anxiety and birth. *International Journal of Psycho-Analysis*, 693-715.
- Strachey, J. (1976). Sobre la justificación de separar la neurastenia um determinado síndrome en calidad de neurosis de angustia, (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 43-45). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1895).
- Strachey, J. (1976). La interpretación de los sueños, (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 4, pp. 1-16). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1900).
- Strachey, J. (1976). Análisis de la fobia de un niño de cinco años (el pequeño Hans), (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 3-5). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1909).
- Strachey, J. (1976). Inhibición, sintoma y angustia, (J. L. Etcheverry, Trad.). In. J. Strachey (Ed.). *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 73-82). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1926).
- Telles, R. S. (2003). As vicissitudes da teoria da angústia na obra freudiana. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 3(1), 60-77.
- Uribe, J. E. C. (2008). Actualidad de la neurosis de angustia. *International Journal of Psychological Research*, 1(2), 73-80.